

Verão Violento

"Love is the Honey"

Violet Winspear



Em sua inocência de noviça, Iris nunca imaginou que seu corpo respondesse tão avidamente ao contato de Zonar, aquele demônio!

"Um dia você terá de enfrentar o demônio", a madre superiora tinha avisado, "e precisará de todas as suas forças para expulsá-lo." Deitada em sua cama, na casa de praia de Zonar Mavrakis, Iris apertava a cruz em seu pescoço, tentando exorcizar os pensamentos proibidos. Mas a lembrança daquele grego fascinante e autoritário voltava: Zonar segurando sua nuca, roçando a pele do seu pescoço com lábios ardentes... Não Iris não podia cair em tentação! Quando aquele verão terminasse, ela teria de retornar ao convento, fazer seus votos, tornar-se para sempre uma freira, longe da vaidade, dos prazeres... e do amor.

Digitalização: Silvia





CAPÍTULO I

Íris nunca tinha entrado antes numa limusine, por isso sentiu-se intimidada com o conforto e o luxo que viu. O carro era forrado de madeira, o estofamento de couro era muito macio e havia um vidro separando os passageiros do motorista uniformizado.

Era incrível que ela estivesse ali, no carro prateado, pronta para ir à Costa Oeste, encarregada de cuidar do filho de um homem chamado Zonar Mavrakis.

Com o respeito que os gregos tinham pela educação católica, ele tinha procurado a madre superiora do Convento de Santa Clara e pedido que lhe arranjasse uma jovem para tomar conta de seu filho durante o verão. Ele pretendia passar três meses na Inglaterra em companhia de Aleko, por isso queria contratar uma moça inglesa para que o menino pudesse treinar o idioma.

A madre superiora mandou chamar Íris para que ele a examinasse, vestida com o uniforme do convento. Ela parecia asseada e discreta e, depois de observá-la cuidadosamente, ele disse que ela servia. Íris tinha passado toda a sua vida no Convento de Santa Clara, por isso achou o grego tão amedrontador que teve vontade de dizer que não queria trabalhar para ele. Mas o respeito e a obediência foram mais fortes e ela aceitou a decisão da madre superiora.

O rosto daquele homem permaneceu em sua mente por muitos dias depois daquela breve entrevista na saleta. Lembrava do desafio que havia em seu olhar, das cicatrizes das lutas no mundo dos negócios, da aura de autoridade que o cercava. Olhar em seus olhos tinha sido um mergulho através da escuridão, em mundos que sua inocência não chegava nem a imaginar.

A madre superiora lhe informara que ele tinha assumido a direção de um hotel enorme na costa de Devon, por isso precisava passar alguns meses no local. Ele havia alugado uma casa nos arredores e era lá que ela iria morar com Aleko, um menino de nove anos, órfão de mãe.

Então aquele grego que tinha entrado no convento, passando a tomar conta de sua vida, era viúvo.

— A família Mavrakis é muito respeitada na Grécia — disse a madre superiora. — É gente de posição e se eu tivesse alguma dúvida a respeito desse homem, minha menina, teria recusado seu pedido. Mas você já está pronta para ver alguma coisa do mundo e, além do mais, vai fazer alguma coisa de útil, tomando conta dessa criança. Você não está com medo, não é mesmo?

Íris voltou a pensar no pai do menino, sentindo de novo um certo nervosismo. Quase se abriu com a madre superiora, mas ela a olhava com tanta tranquilidade que pareceu loucura deixar escapar que o grego moreno a deixara muito consciente de ser uma menina tímida, educada num convento e que, em seus dezoito anos, só tinha conversado com os padres que vinham receber confissões no Santa Clara. Os olhos escuros daquele homem haviam examinado seu rosto e descoberto como ela era ingênua... a companhia ideal para seu filho.

— E claro que no começo você vai se sentir constrangida. — A madre superiora levantou-se para acompanhar Íris até a saída do convento, o único lar que conhecera.

Quando atravessaram o pátio, em direção do portão, ela apertou a alça da mala, sentindo-se agitada. Depois do portão havia um mundo desconhecido para ela. Um carro a esperava para levá-la para longe da proteção dos muros e da mão firme, mas carinhosa das religiosas.

— Esses meses longe daqui vão ajudá-la a se decidir sobre o futuro. — O portão alto rangeu ao ser aberto. — Você tem direito a escolher. Como você sabe, Íris, não gosto de pressionar minhas meninas. O desejo de entrar para nossa ordem deve estar bem fundo no coração. Vá e descubra a resposta que a trará para nós ou que a fará seguir outro caminho.

Íris despediu-se da madre superiora; o motorista do carro enorme pegou a mala e a colocou no porta-bagagem. Íris estremeceu no ar fresco da manhã; um menino estava espiando pelo vidro, enquanto ela entrava no carro. A porta fechou-se, depois foi a vez do portão do convento, e a criança continuou a examiná-la com olhos tão escuros quanto os do pai.

— Você não é freira — disse ele, falando em inglês. — Pensei que você fosse usar um vestido comprido preto e uma touca na cabeça.

Íris sorriu, nervosa. Estava usando um casaco azul-marinho simples e uma boina que mostrava apenas as pontas de seu cabelo.

— Só vou usar o hábito quando fizer os votos — ela explicou. — Você está muito desapontado porque não estou com uma touca na cabeça?

Ele pensou na pergunta, com os olhos escuros fixos no rosto dela, que era muito pálido, emoldurado por cabelos pretos, os lábios sem pintura e muito vulneráveis, os ossos da face dando-lhe um ar ligeiramente faminto.

— Acho que com uma saia comprida você não ia poder brincar na praia — disse Aleko. — Gosto muito de jogar vôlei. Papai e eu jogamos juntos e ele me faz correr tanto que acabo sem fôlego.

Íris tentou imaginar o grego alto jogando bola e correndo na areia... Era difícil acreditar, mas assim ele parecia menos enervante. Ele devia gostar muito do menino, pois o criara sozinho e, com certeza, devia ser muito mais gentil com ele do que com as outras pessoas.

— São muito rigorosos os votos que você tem que fazer para se tornar freira? — Aleko prendeu o lábio superior com os dentes enquanto a examinava.

— Não são rigorosos — ela respondeu com um sorriso —, e sim sérios, por isso a pessoa tem que pensar muito antes de resolver.

— Enquanto isso a pessoa pode sair do convento?

Ela concordou, encostando-se no banco enquanto o automóvel se afastava do convento, deixando-o rodeado por seus muros altos na luz da manhã. Íris olhou pelo vidro de trás até perder de vista a torre com o sino. Foi então que quase ficou em pânico. Mas tratou de se acalmar, para enfrentar a tarefa que tinha pela frente.

Era a primeira vez que ficava inteiramente sozinha, sem a companhia das outras moças e das freiras. Agora ela só podia contar com a sua iniciativa para provar à madre superiora que, se tinha tido coragem de enfrentar um mundo estranho, poderia muito bem entrar para a Congregação de Santa Clara.

Enquanto não visse e não experimentasse a vida do mundo exterior, não saberia que sacrifícios teria que fazer caso entrasse para o convento.

Tinha que conhecer outras pessoas fora dos muros do convento e descobrir se sua

fé era suficiente para enfrentar uma vida em que a devoção mística substituíra o amor físico por um homem.

Íris examinou o menino ao lado, uma réplica menor do grego alto que mostrara tanta autoridade na saleta da madre superiora enquanto examinava detalhadamente a mocinha vestida com o uniforme austero. Lembrou-se vividamente do cabelo preto muito espesso, de uma pinta escura no maxilar esquerdo e da maneira como o sol da Grécia havia queimado sua pele. Quando ele falou, quando disse decididamente "A jovem serve, madre superiora", o timbre profundo de sua voz tocou os centros nervosos de Íris e ela quis, naquele mesmo instante, pedir à madre superiora que não a colocasse nas mãos dele. As mãos dele... A direita segurava um par de luvas de pele de porco e a esquerda mostrava duas alianças juntas... Ostentação, foi o que ela pensou, até que a madre superiora lhe disse que ele era viúvo e que provavelmente usava a aliança da mulher em sua memória.

Uma mulher não podia ter um filho, a menos que se entregasse a um homem. Íris percebia que deviam ocorrer certas coisas e, em sua inocência, ficou horrorizada quando se imaginou entre os braços de alguém como o pai de Aleko, à mercê de seus lábios e de seu desejo. Sentiu um calor ao tentar afastar a imagem... Em toda a sua vida ela nunca tinha encontrado ninguém que a fizesse pensar nessas coisas e teve vontade de fazer o sinal da cruz, como ela e as outras moças sempre faziam quando passavam pelo pequeno cemitério atrás do convento.

Lá havia uma estátua de pedra de um monge, com a cabeça coberta por um capuz e as mãos enfiadas nas mangas largas de seu hábito. Havia uma história a seu respeito, que ele tinha preferido morrer a ceder aos artifícios de uma mulher rica que queria que ele desrespeitasse seus votos. Ela tinha espalhado mentiras a seu respeito, por isso ele se retirou para sua cela, recusando-se a comer ou a beber enquanto ela não dissesse a verdade. Entretanto, ela saiu do país, deixando o pobre monge entregue a seu destino.

Uma das garotas não acreditou muito na história, achando que era uma loucura morrer por causa de um princípio.

— Ele morreu por sua fé — Íris protestou. Colette riu dela e comentou que a fé não alimentava o corpo de ninguém, apenas a alma, e que ela preferia comer peixe cozido na manteiga, com molho de maionese.

Íris achava Colette engraçada, mas um pouquinho levada demais, mas quando ela saiu do convento para morar com a mãe, que era divorciada, sentiu falta de suas discussões e daquela amizade um tanto despropositada. Pecadoras e santas, era assim que Colette as chamava. Ela tinha dito que a simples idéia de fazer voto de castidade já lhe dava horror.

— Quero viver minha vida plenamente — ela declarou. — Isto não é possível se você excluir os homens... eles é que dão sabor à vida e eu quero me apaixonar por alguém, mesmo que isso me magoe. Seu problema, Íris, é que você é basicamente insegura. Você veio tão pequena para o convento que não se lembra como é ser beijada e acariciada.

Enquanto o carro enorme levava Íris e o menino para longe do convento, ela admitia consigo mesma que tinha muito que aprender sobre a vida e que alguns meses longe do convento lhe indicariam se devia ou não entrar para a Congregação.

— Vamos levar várias horas para chegar ao hotel do papai — o menino disse de repente. — Temos que ir até Londres e passar pelo Parlamento antes de pegarmos a estrada. Você não acha divertido? E agora posso saber qual é seu nome?

— Eu me chamo Íris. — Ela sentiu vontade de sorrir com a maneira como Aleko tinha escorregado no banco até ficar bem junto dela.

— É o nome de uma flor.

— Sei, mas aqui na Inglaterra às vezes as meninas recebem nomes de flores.

— Você tem olhos muito bonitos.

— Você acha?

— Sim, são brilhantes!

Nunca reparei nisso, Aleko. As garotas que estão no convento não podem ser vaidosas.

— Elas rezam muito?

— Várias vezes por dia.

— Eu rezo quando vou para a cama. Papai fica ouvindo e depois eu beijo o retrato de mamãe que fica sempre no meu criado-mudo. Nunca estive antes na Inglaterra, mas no ano passado fui com papai para Paris.

— Você deve ter-se divertido muito. — Íris sorriu. — Enquanto estive lá, você foi até o alto da Torre Eiffel?

— Sim. — Os olhos castanhos brilharam. — Foi muito divertido ir subindo cada vez mais e, quando chegamos lá em cima, vimos Paris inteira. Você já esteve lá?

Íris sacudiu a cabeça negativamente.

— Uma garota que estive no convento disse que a cidade é muito bonita. Ela é francesa e mora num apartamento, em Paris, com a mãe. Ela me convidou para passar alguns dias com ela, mas acho que não vai ser possível.

— Por que você vai ser freira? — Aleko perguntou. — Você vai ter de ficar para sempre atrás dos muros do convento?

— Não, só vou morar lá. Provavelmente vou trabalhar na enfermaria para ajudar a cuidar dos doentes e dos velhos.

— Então vai ser divertido tomar conta de mim, hein? — Ele deu uma risada e enfiou a mão no bolso, tirando um pacote de caramelos. Ofereceu para Íris, que aceitou.

— Obrigada.

— De nada. Eles são muito gostosos, não é mesmo?

— Deliciosos, mas você pode comer balas à vontade?

— Papai diz que as balas estragam os dentes, mas Aquiles, que guia o carro, me deixa comprar. Papai tem dentes muito bonitos, sabe, porque quando ele era pequeno, ele e os irmãos eram tão pobres que não podiam comprar balas e costumavam pegar as melancias estragadas que os feirantes jogavam fora no fim do dia. Ou eles tinham sorte e um pescador lhes dava um pedaço de polvo. Eles não tinham pai e thios Lion, o filho mais velho, cuidava de todos. Ele é um homem muito importante na Grécia e agora está muito rico. A mulher dele é inglesa e tem um sorriso lindo. Gosto tanto quando ela sorri, mas ela vive triste, porque não tem filhos, por isso eu brinco no jardim quando vou para Petaloudes com papai para visitá-la. É uma ilha e tem tantas borboletas que você nem acredita. Gosto de ir lá e de sair no enorme barco preto do meu tio. Ele é tão alto que quando me levanta até o ombro parece que estou voando. Eu queria... — o menino suspirou — mas queria mesmo que meu pai tivesse uma mulher como Fenella.

— Fenella é casada com seu tio, Aleko?

O menino concordou, mastigando o caramelo.

— Ela é muito boa e eu sei que papai gosta dela, por causa da maneira como a olha.

Sua mãe também morreu quando você era bebê?

Íris concordou, pois uma criança de nove anos não entenderia sua verdadeira história. Ela fora levada para o Santa Clara por uma mulher das redondezas, havia dezoito anos. Sua mãe tinha sumido da hospedaria da mulher sem nenhuma palavra de explicação, levando as poucas coisas que tinha, mas deixando o bebê. Como a polícia não conseguiu encontrar sua mãe, Íris foi criada no convento, recebendo oficialmente o sobrenome de Ardath, que era o que sua mãe tinha usado.

— Tive sorte. — A mãe melada de Aleko procurou a dela. — Eu tinha papai para cuidar de mim. O que aconteceu com o seu pai?

— Ele foi embora e nunca mais voltou, Aleko.

— E você ficou morando com as freiras?

— Sim. Elas são muito boas. — Boas, ela pensou, mas sempre um pouco distantes, de modo que às vezes ela imaginava como seria ser abraçada e beijada por alguém que gostasse dela. Íris não tinha conhecido esse tipo de afeição, embora tivesse recebido alimento, roupas e boa educação.

As órfãs que eram educadas no Santa Clara entravam mais tarde para a Ordem. Íris nunca se revoltara com isso, como também nunca se rebelara com os rosários, com os cantos e com as horas de meditação. Ela não conhecia nada fora do ambiente do convento, com seus vitrais e seus sinos que tocavam no alto do campanário estreito, as freiras com seus hábitos de mangas largas e suas toucas brancas que lhes davam um ar místico. O Convento de Santa Clara tinha substituído a vida agitada mas cheia de afeição das meninas que tinham família.

Íris não sentia muita falta de uma família porque nunca tinha tido uma e, pelo que Colette lhe contara, a vida familiar nem sempre era perfeita. Os pais de Colette haviam brigado durante oito anos de casamento, até que finalmente se divorciaram, e Íris sentia-se inclinada a duvidar que o amor entre um homem e uma mulher tivesse mesmo o encantamento descrito pelos poetas românticos: duas pessoas se encontrando por obra do destino e apaixonando-se tanto que só se sentiriam felizes juntas.

Era apenas um mito, ela achava. Uma coisa imaginada pelos escritores para vender sonhos às pessoas. Os sonhos sumiam no momento em que você abrisse os olhos na luz da manhã e era melhor não acreditar que isso pudesse ser verdade.

Enquanto o carro atravessava Londres, a luz da manhã se espalhava sobre Westminster e se refletia nas águas do Tâmesa. Aleko observava tudo ansiosamente, com medo de perder alguma coisa. Ele falava muito e parecia não possuir a timidez inicial das crianças inglesas. O Tâmesa não era como o Sena, ele contou para ela, e não era engraçado que os rios fossem tão diferentes, uma vez que todos eram feitos de água?

— Provavelmente são os prédios ao lado deles que os tornam diferentes — disse ela e, como o menino, ficou maravilhada com o aspecto de Londres naquele instante. A cidade tinha uma espécie de magia que mais tarde seria perturbada pelo tráfego e pela fumaça dos veículos, uma belíssima mistura do antigo e do moderno na luz da manhã. Era um quadro que Íris ia pendurar em sua mente, como uma lembrança daquela viagem inesperada para a Costa Oeste, para trabalhar como governanta do menino grego enquanto o pai começava a tomar conta do Monarch Hotel, que a Companhia Mavrakis tinha acrescentado à sua cadeia.

Aleko já tinha contado que os Mavrakis possuíam hotéis nas cidades mais importantes e que também eram donos da Companhia Aérea e Marítima Sunline, uma empresa que estava aumentando seus negócios. Isto a deixava ainda mais nervosa, pois Zonar Mavrakis, com certeza, queria seu filho por perto para que ele aprendesse desde

cedo a gostar das finanças. Os irmãos Mavrakis tinham percorrido um longo caminho desde a época em que consideravam um luxo melancias machucadas ou um pedaço de polvo.

Por volta de meio-dia, Aquiles, o motorista, parou num restaurante na beira da estrada e eles entraram para descansar e almoçar. Para alívio de Íris, Aquiles se encarregou de tudo. Ela imaginou que provavelmente os homens gregos costumavam tomar conta de qualquer situação. Ele pediu bife, batata frita e salada para os três.

— Aleko vai tomar limonada. A senhorita não gostaria de tomar um copo de cerveja? — ele perguntou.

— Gostaria sim. — Ela sorriu. — Nunca tomei cerveja em minha vida. É bom?

— E bom como muitas outras coisas que uma moça não experimenta enquanto um homem não lhe oferece. — Seus olhos eram tão escuros quanto o bigode e as costeletas que acompanhavam suas feições estrangeiras. Íris, que sempre tinha vivido entre as freiras, ficou atrapalhada. Ela queria fazer amizade com os outros empregados de Zonar Mavrakis, mas não pensava em namorar nenhum deles.

— No convento — disse ela — só tomamos água nas refeições, por isso não vale a pena que eu fique gostando de cerveja.

— Agora você está a quilômetros do convento — Aquiles acrescentou significativamente.

— Mas vou voltar no fim do verão para fazer meus votos.

— Você vai voltar mesmo? — ele perguntou. Seus olhos brilharam. — E um passo difícil para uma moça dar. E se você ficar gostando de outras coisas, além de cerveja, enquanto estiver aqui fora?

— Que coisas?

— As coisas que naturalmente atraem as moças. Vestidos, maquiagem, dançar ou ir ao cinema com um homem. — Ele a examinou desde os sapatos de salto baixo até a boina. — Sabe, não é um crime. A vida tem que ser vivida.

— Sei o que quero fazer com minha vida — ela acrescentou.

— Mesmo sendo tão jovem? — Ele alisou o bigode, enquanto olhava para ela.

Aleko estava prestando muita atenção na conversa.

— A vida dá muitas voltas e nós, os gregos, temos um ditado que diz que mulher nenhuma deve viver como uma figueira estéril.

— Sou inglesa, obrigada, e vou viver da maneira que quiser.

— Você sempre morou no convento?

— Sim.

— Então vai ser bem diferente agora, hein, ficar longe daquelas rezas todas?

— Você está sendo desagradável e, se não se incomodar, prefiro mudar de assunto.

— Você vai contar ao patrão que eu a amolei? — Ele deu um sorriso e depois olhou para Aleko. — Você não quer uma garota emproada para governanta, não é mesmo? E seu pai gosta de um copo de vinho e das mulheres, hein?

— Isso não é maneira de falar com uma criança! — Íris exclamou.

— Você ficou chocada? — Aquiles caçoou. — Aleko sabe muito bem que o pai dele não é um santo, mas um homem. Um homem, é tudo. — O motorista inclinou-se na mesa até que Íris viu seu próprio reflexo naqueles olhos ousados. — Você não sabe muita coisa

sobre os homens, não é verdade? Você quer que eu seja seu professor?

— Não, obrigada! — Íris parecia desdenhosa. — Posso lhe assegurar que nenhum aspecto de minha educação foi negligenciado. Posso passar muito bem sem o tipo de lições que você tem em mente.

— Você pode se aborrecer ficando o tempo todo com uma criança. Posso lhe mostrar um pouco da vida enquanto você ainda tem uma oportunidade.

— Fui contratada para tomar conta de Aleko e espero encontrar muita coisa com que me divertir em Tormont.

— Remar na água parada e fazer castelos de areia?

— Sim, tudo o que divertir Aleko. É para isto que estou sendo paga.

— Então você é do tipo abnegado, hein? — Ele recostou-se na cadeira com uma risada. — Tudo o que o patrão quiser de você? Mas acho que ele não se interessa por puritanas!

— Isto não vem ao caso — disse ela vivamente. — E agora vamos almoçar para podermos ir embora logo. Não pretendo passar o dia inteiro viajando para chegar em Tormont.

— Uma moça correta, hein? — Aquiles piscou para Aleko. — O que é que você vai fazer com essa governanta tão brava que o patrão arranjou para você?

— Ela é boa para mim. — Aleko chupou o canudinho, acabando com a limonada. — Você acha que todas as moças gostam de você, assim de uniforme e botas de couro, Aquiles, mas a srta. Íris vai ser freira e elas não devem se meter com homens.

— E verdade, garota? — Aquiles deu uma risada para Íris. — Ele é um menino inteligente, não é mesmo? É porque viaja por toda parte com o pai e fica conhecendo algumas namoradas dele. Você se lembra daquela de Paris, garotinho? Era um espetáculo não? Cabelos loiros longos, olhos verdes e não muito mais velha do que a sua srta. Íris. O patrão ficou gamado, hein? Você quase ganhou uma mãe nova, mas o patrão não é bobo. Ele gosta muito da liberdade que tem e o mar está cheio demais de peixes para ele se contentar com uma pescaria pequena. Mas mesmo assim ela era um estouro. Tinha o que os gregos chamam de carisma. Você sabe o que isto quer dizer, governantinha?

— É uma espécie de magia.

Aquiles cortou vigorosamente o seu bife, colocando depois um pedaço na boca. Ele olhou para Íris enquanto mastigava.

— O patrão não vai nem olhar para você, sabe disso? Talvez você esteja pretendendo atrair a atenção dele, mas ele tem os gostos dos ricos e prefere mulheres que gostam de champanhe... e você nunca tomou cerveja! Vamos, experimente agora.

Íris pegou o copo com a cerveja dourada e tomou um gole. Achou ligeiramente amarga, mas não ficou surpresa com o que Aquiles tinha dito sobre Zonar Mavrakis. Ela mesma tinha achado que ele era do tipo conquistador, que considera mulheres bonitas como prêmios para um bom trabalho. Íris sabia que nunca atrairia seu gosto requintado, pois estava catalogada entre as pessoas feias mas úteis, e que não lhe causaria problemas como governanta do filho durante o verão.

— O que você está achando da cerveja? — Aquiles perguntou.

— E boa, mas acho que não vou ficar louca por ela.

— Está esperando que o patrão lhe dê champanhe? — ele caçoou.

— Não — ela respondeu. — Não imagino que seja muito diferente da cerveja.

— Tome uma taça ou duas e descubra a diferença! Vai logo virar sua cabeça e talvez derreter um pouco do gelo que há em suas veias. Você deveria ver Atenas e tomar ouzo enquanto os homens dançam a música bouzouki. Isto é que é viver!

Íris resolveu que a melhor maneira de lidar com Aquiles era ignorá-lo. Provavelmente ele se achava irresistível com o uniforme elegante e as botas de couro e tinha que provar a si mesmo que também podia virar a cabeça de uma moça saída do convento. Ela deu toda a atenção a Aleko e ficou aliviada quando voltaram para o carro, para fazer a última etapa da viagem.

Depois do almoço o menino ficou sonolento e acabou dormindo entre os braços dela. Íris examinou o rostinho e os cílios longos que cobriam os olhos enquanto o garoto dormia.

Ela ainda estranhava estar tomando conta de uma criança e se perguntava o que as semanas seguintes trariam. No começo tudo deveria parecer confuso, sentiria falta da rotina a que estava acostumada e teria que se adaptar à vida de uma casa estranha.

Nas feições de Aleko via traços do pai, aquele homem cuja estrutura tinha que ser muito firme. Os homens não se tornavam bem-sucedidos nos negócios se não tivessem nervos de aço, cérebros agudos e um corpo que resistisse à pressão.

Zonar Mavrakis lhe pareceu um homem muito grande porque estava acostumada a ver apenas os padres idosos que iam ao convento. Tinha notado os ombros fortes e flexíveis, o ar confiante e seu jeito mundano... o olhar que dominava uma mulher. Ele não teve dificuldade em dobrar a madre superiora, uma mulher de caráter firme que nem as outras freiras nem as moças jamais pensaram em desobedecer. Somente Colette foi atrevida com ela, mas não tinha sido punida porque era tão bonita que as pessoas costumavam lhe perdoar tudo, como se fosse um gatinho levado.

Íris quis desobedecer à madre superiora quando o grego a examinou como se fosse um objeto numa prateleira que talvez comprasse. Lembrava que ele estava usando um terno escuro de listras finas, uma camisa cinza e uma gravata de seda. Roupas caras, que lhe caíam muito bem. Ele podia ter o que desejava e agora queria ter uma governanta inglesa entre seus empregados durante o verão.

Íris esperava que ele não reparasse nela, desde que cuidasse bem do menino. Nove anos parecia muito tempo para um homem tão vigoroso ficar viúvo. Íris tinha ouvido dizer que as mulheres gregas raramente casavam de novo quando perdiam o marido... será que os homens daquele país também agiam assim? Ou convinha a Zonar Mavrakis satisfazer seu desejo como fosse mais fácil?

Uma onda de calor percorreu o corpo de Íris. Geralmente ela não pensava nessas coisas, por isso achou que tinha alguma coisa a ver com o fato de estar fora do convento. Quer aquele homem reparasse nela ou não, iria viver sob seu teto. Ela, uma moça que sempre morou entre mulheres que tinham feito voto de castidade...

Aleko estremeceu, aproximando-se mais dela, encostando a cabeça em seu peito. Íris mordeu os lábios... os contatos físicos não eram encorajados no convento e nunca ninguém estivera tão perto dela assim.

O menino que estava entre seus braços era filho de um homem cuja aparência dominadora a deixava muito insegura. Ele poderia facilmente ignorar a presença dela, mas Íris tinha a estranha sensação de que viver na mesma casa com ele não ia ser uma experiência tranquila. Ele era muito grande e másculo demais, e tinha uma personalidade tão definida que não podia deixar de impressioná-la. Mas agora era tarde demais para desejar ter tido a coragem de recusar o emprego.

Ela e Aleko já eram amigos, mas Íris desejava ardentemente que ele tivesse um pai menos perturbador. O menino se mexeu, meio acordado, e olhou para ela.

— Já estamos perto? — ele bocejou.

Íris olhou pela janela do carro e viu palmeiras ao lado da estrada que subia em direção a penhascos e a um céu muito azul. Seu coração quase parou de bater... sim, estavam perto! Logo estariam chegando!

CAPÍTULO II

A limusine subia suavemente a encosta, permitindo vistas deslumbrantes da baía de Tormont, sobre a qual ficava o Monarch Hotel. Eles tinham que passar pelo hotel para chegar à casa e Íris ficou admirada com o tamanho do lugar. O prédio era feito de pedras brancas e parecia um palácio florentino, com balcões diante das janelas. Na entrada havia um porteiro uniformizado, com luvas brancas. Vários carros elegantes estavam parados ao lado do caminho de entrada e o próprio prédio estava cercado de jardins que subiam até os penhascos. As palmeiras davam ao lugar um ar tropical e havia uma faixa verde de campos de golfe, entremeados por bancos de areia.

— É o hotel do papai — disse Aleko, ansioso. — Não é maravilhoso?

— É maravilhoso mesmo — Íris concordou. — Gosto da maneira como os jardins vão até a praia.

Não era de admirar que Zonar Mavrakis quisesse supervisionar a direção do hotel por algum tempo! Obviamente, era um lugar que atraía gente com dinheiro, um hotel de cinco estrelas, com piscinas ao ar livre e cobertas, um par de salões de baile, salas de estar elegantes, um pianista contratado e o chá das cinco horas servido por garçonetes. Íris tinha lido um livro em que se descrevia um hotel parecido. A sala de aula do convento estava cheia de livros de escritores famosos, por isso ela podia imaginar o tipo de gente que se hospedava no Monarch.

O carro continuava a subir a encosta e a vista do mar ficava cada vez mais espetacular. Íris nunca tinha visto água tão azul, com uma camada espessa de espuma que se quebrava no cascalho da praia e nas pedras. Algumas pedras levantavam-se isoladas no mar, dando abrigo a bandos de gaivotas.

Aquiles fez uma curva fechada com o carro e ali estava a Vila Circe, num espaço escavado no penhasco.

Íris não podia acreditar, depois de ter passado toda a sua vida na atmosfera um tanto melancólica do Santa Clara, que fosse passar os próximos meses num lugar tão encantador. Depois que saiu do carro ficou olhando embasbacada para a casa, a ala esquerda tinha dois andares com balcões e partes curvas, depois o corpo central em círculo, com um telhado pontudo. A ala direita tinha só um andar e um estilo confuso, com janelas e portas de tamanhos diferentes. O prédio tinha paredes brancas e telhas cor de ferrugem. Os jardins desciam até o mar e eram cheios de tufo de plantas. Cercando a casa, havia penhascos de pedra vermelha.

Parecia um quadro que ganhasse vida e Íris prendeu a respiração, maravilhada. Ela não sabia que existiam casas como aquela e gente que tivesse a sorte de morar nelas. O dinheiro, para ela, era uma ficção, mas não devia esquecer que os irmãos gregos, que podiam se permitir esse tipo de vida, tinham trabalhado muito, usando a força e o cérebro para ganhar dinheiro. Quando eram crianças, muitas vezes tinham ficado sem comer e Zonar Mavrakis não se vestia como seu filho, com um casaco de couro de gola de lã.

Íris voltou-se para olhar para ele, parado ao lado do carro enorme, enquanto Aquiles tirava a bagagem do porta-malas. O menino estava batendo na mascote do capo do carro, uma mulher prateada, com um manto esvoaçante.

— Seus olhos parecem tão grandes — ele comentou, dando uma risada para ela.

— Será uma mudança para sua governanta... — disse Aquiles — descobrir que, além dos muros sombrios do convento, o mar é azul e o ar acaricia a pele como se fosse seda. Ela está acostumada demais com a camisa de penitência.

— Você usa isso? — O menino perguntou com curiosidade. Aquiles deu uma gargalhada enquanto subia os degraus da casa com a bagagem.

— Ele é um barato, não é mesmo? Este garoto só tem conhecido as namoradinhas do pai, e elas só usam roupas de baixo de renda.

— Você não deve falar assim — Íris o criticou. — Tenho certeza de que o Sr. Mavrakis não gosta que você fale destas coisas na frente de Aleko.

— Você vai me denunciar? — Aquiles caçoou, apertando o botão da campainha colocada ao lado da porta de entrada.

Havia vasos de plantas cheias de flores de cada lado da porta e o ar que vinha do mar parecia acariciar o rosto e o pescoço de Íris. De repente ela sentiu-se desajeitada em seu casaco azul-marinho e muito consciente de como devia parecer diferente das jovens que costumavam descer do carro enorme de Zonar Mavrakis. Ela não tinha charme nenhum e, debaixo de sua blusa e de sua saia, suas roupas eram de algodão.

Quando a empregada abriu a porta da casa, Íris tropeçou no degrau, em vez de entrar com toda a compostura.

— Foi aquela cerveja. — Aquiles riu.

A empregada pareceu levar o comentário a sério, olhando para Íris com ar de censura.

— Venha por aqui, senhorita, que vou lhe mostrar seu quarto.

— Posso ir também? — Aquiles perguntou. — Para levar a bagagem.

A empregada falou alguma coisa que Íris não ouviu direito. Estava ocupada demais olhando para o hall, onde havia, numa extremidade, portas de ferro batido que davam para um terraço com uma mobília de vime. Enquanto eles atravessavam o hall, ela notou que o chão era feito com ladrilhos muito pequenos, formando uma espécie de mosaico. Olhando melhor, percebeu que havia um símbolo oculto neles: o sol e a lua encontravam-se no meio de uma porção de estrelas.

Riu consigo mesma e apoiou a mão no corrimão da escada, macio como seda. A casa era bastante grande, mas não era fria. Havia um brilho acolhedor no assoalho de carvalho, onde estavam espalhados tapetes orientais coloridos. Eles passaram por baixo de um arco de ladrilhos vermelho-escuros que dava para uma galeria. A empregada abriu uma porta logo depois do arco, olhando para Íris com curiosidade, como se estivesse reparando na má qualidade de suas roupas, um olhar que dizia que Íris nunca tinha dormido antes num quarto como aquele.

E era verdade, por isso ela não conseguiu reter uma exclamação de espanto. Sempre havia compartilhado o dormitório com outras garotas e dormido numa cama estreita, coberta com lençóis resistentes. Às vezes, no inverno, as garotas tremiam à noite porque os cobertores tinham ficado finos de tanto uso e, nas manhãs de inverno, seus pés nus tocavam num chão duro e gelado. Algumas garotas dormiam de meias, mas Íris preferia calçá-las só de manhã.

Naquele quarto de teto alto, encostada numa parede coberta com um papel florido, havia uma cama larga com a cabeceira de brocado e com uma colcha cor de damasco, que caía até o tapete. Havia também cadeiras com almofadas, uma penteadeira com abajures de porcelana, um espelho grande e potes cujas tampas de prata refletiam a luz do mar que atravessava as janelas enormes. Numa mesinha de canto tinha um vaso de cristal cheio de flores e, no criado-mudo, havia outro abajur, um relógio e alguns livros. Aleko sentou-se na cama e ficou olhando para Íris que examinava o quarto, apertando de encontro ao corpo a bolsa antiquada que uma das freiras lhe havia dado. Tudo o que havia dentro era um lenço, uma carteira e um pente. Íris nunca teve uma caixa de pó-de-arroz, por isso não conseguia tirar os olhos dos potes com tampas de prata e dos frascos de perfume com seu líquido dourado.

— Eu... — Íris voltou-se para a empregada — é claro que não vou dormir aqui. Acho que seria melhor um quarto mais simples. Eu prefiro.

A empregada a olhou como se estivesse doida.

— O patrão deu ordens para que a senhorita dormisse neste quarto. A governanta me fez passar a manhã inteira aqui, arrumando e limpando tudo. O que há de errado com o quarto?

— É maravilhoso! — Íris ficou vermelha ao perceber um brilho de desprezo nos olhos da empregada. — É que eu não esperava um quarto assim. Moro num convento, sabe, e não estamos acostumadas a este tipo de luxo. Posso falar com a governanta para ela me arranjar outro quarto.

— Você está com medo de ficar gostando disto tudo? — Aquiles olhou em volta. — Considere-se uma pessoa de sorte, srta. Íris. Meu quarto em cima da garagem não é tão elegante nem tão confortável. Se fosse você, não criaria problemas. O patrão pode ficar aborrecido.

— O Sr. Mavrakis quer que seja assim — a empregada concordou. — O quarto do patrãozinho é ao lado e os dois quartos têm uma sacada para o mar. A senhorita tem que reconhecer sua sorte. Já trabalhei para gente que não tinha tanta consideração assim com o quarto da governanta.

— Tenho certeza de que o Sr. Mavrakis quis... — Íris sentiu que seu rosto estava em fogo.

— Ele sempre faz o que quer! — A empregada dirigiu-se para o quarto ao lado e abriu a porta de comunicação, mostrando um aposento parecido, mas com uma cama pequena e a decoração em verde. — O chá será servido agora, senhorita, se quiser ir à sala de estar.

— Vai ter bolinhos de creme? — Aleko pulava na cama de Íris, que ouvia o protesto cansado das molas sob o colchão macio.

— Vou falar para a cozinheira que você quer — disse a empregada. — E pare de desarrumar a cama, comporte-se. Veja o que você está fazendo com a coberta!

O menino estava rolando na cama e Íris resolveu que era melhor mostrar à empregada que ela não era a boba que eles pensavam. Por isso, fez Aleko sair da cama e

arrumou a coberta, o contato com o brocado sedoso deixou seus dedos formigando de vontade de tocar na seda.

— Você deve tratar as coisas bonitas com mais respeito, Aleko — disse. — Elas custam muito caro.

— Papai tem montes de dinheiro — o menino respondeu descuidadamente. — É uma cama tão gostosa que acho que vou dormir com você. Às vezes durmo na cama de papai e é muito melhor do que ficar sozinho.

— Igualzinho ao pai! — Aquiles deu uma gargalhada, provocando um olhar furioso de Íris.

— Aleko sabe muito bem que vai dormir na cama dele. E agora, se vocês não se incomodarem, gostaria de me arrumar um pouco antes de descer para o chá.

— Aleko tem razão. — Aquiles enfrentou os olhos dela com um ar atrevido. — É melhor do que ficar sozinho.

— Você se importa de ir embora? — Ela ficou parada ao lado da porta, esperando estar lhe dirigindo um dos olhares mais gelados da irmã Raquel. Esta freira tinha trabalhado na África e uma vez conteve uma revolta na aldeia apenas olhando com desprezo para o chefe, que a ameaçava com uma faca.

Aquiles sorriu para Íris e depois se dirigiu lentamente para a porta, onde parou, segurando a maçaneta.

— Se você quiser fazer qualquer passeio, fale comigo. O menino vai ter aulas de equitação nas cocheiras Honeyton, que ficam longe demais para se ir a pé, e lá há um barzinho onde podemos tomar qualquer coisa juntos. Estou à sua disposição quando o patrão não precisar de mim.

— Está bem — ela respondeu. — E muito obrigada por me falar das aulas de equitação.

— De nada, srta. Íris. — Aquiles estava caçoando abertamente do jeito dela. — Ele também está aprendendo a nadar com um professor do hotel e a jogar pingue-pongue. Espero que o patrão goste de você. — O motorista piscou e fechou a porta, mas Íris pôde ouvir que ele falava alguma coisa dela para a empregada. Depois se afastaram e ela ficou em silêncio por alguns instantes, tremendo de nervosismo. Parecia que ela ia ter que entrar no hotel enorme, e isto a deixava apavorada.

Depois tirou a boina e desabotoou o casaco.

— Você gosta de cavalos, Aleko? — perguntou, levando o casaco para o guarda-roupa, onde uma fileira de cabides esperavam vestidos bonitos e roupas elegantes. Ela só tinha um vestido para usar à noite, que tinha mangas compridas e decote alto, e era de um tom de roxo um tanto sem vida. A irmã Ruth lhe fizera dois vestidos para usar durante o dia e, além disto, ela só tinha uma saia marrom e três blusas brancas que pareciam iguais. Seus sapatos eram de salto baixo e muito resistentes... Ela não fazia idéia de como seria usar sapatos elegantes com saltos bem altos.

— Andar a cavalo é muito divertido. — Aleko aproximou-se para olhar para o guarda-roupa. — É muito grande, não é, srta. Íris?

— Sim — ela suspirou —, grande demais para o pouco de roupa que tenho. Acho que as pessoas que ficam no hotel de seu pai são muito elegantes, especialmente as mulheres.

— E bonitas. — O menino olhou para ela. — Seu cabelo é uma beleza, tem cor de caramelo de chocolate. Depois do chá, podemos ir ao hotel para ver papai? Ele está lá

cuidando das coisas.

— É o que ele faz. — Ela sorriu e, sem perceber, levantou a mão até o cabelo macio, que às vezes admirava, com uma sensação de culpa.

A vaidade era firmemente reprimida entre as alunas do convento e havia muito poucos espelhos no Santa Clara, e é claro que nenhum tinha o comprimento do que estava pregado no lado de dentro da porta do armário. O espelho mostrava uma imagem que a espantava; mostrava, por exemplo, que ela tinha uma silhueta esbelta quase delicada, com um pescoço pálido saindo da gola alta da blusa e que seus tornozelos também tinham um aspecto frágil, agüentando o peso dos sapatos pretos fechados que eram muito deselegantes. Se alguém lhe dissesse que tinha mãos bem-feitas e pele bonita, ela teria ficado espantada e confusa.

O espírito do convento tinha penetrado muito em Íris e não estava em sua natureza pensar em si própria. Ela olhou para seu reflexo como se estivesse diante de uma estranha. Sua saia estava três dedos mais comprida que a das moças que estavam fazendo compras ou passeando com seus cachorros e que ela tinha observado das janelas do carro. Também usavam penteados elegantes e Íris achou que devia parecer antiquada comparada a elas.

— Vamos cuidar de seu rosto e de suas mãos? — ela disse para Aleko.

— Posso me lavar sozinho.

— Sem precisar mandar? — Íris abriu uma porta meio escondida num canto do quarto e lá havia um banheiro ladrilhado de azul de cima a baixo. Ficou espantada com o luxo, a banheira enorme, a pia de porcelana decorada e o resto das peças combinando. O chão estava carpetado e nunca em sua vida Íris tinha visto um banheiro com tapete!

— Veja, cavalos-marinheiros. — Aleko estava mexendo nas torneiras da pia. — Papai disse que esta casa era bonita. Você gosta?

— Nem posso acreditar que seja real. — Ela pegou um sabonete transparente e cheirou o perfume delicado. — Você tem muita sorte, Aleko, por ter um pai que pode gastar tanto assim. Você ao menos agradece a ele as coisas que tem?

— Você é muito pobre? — Aleko passou sabão numa toalhinha, esfregou-a muito de leve no rosto e depois a jogou na água.

— Isto não é jeito de lavar o rosto, rapazinho. — Íris pôs-se a cuidar dele. — O dinheiro não é tudo, você sabe. Há muitas outras coisas na vida, como ajudar as outras pessoas, plantar coisas no jardim, ouvir música. Você não deve confundir pobreza do bolso com pobreza da alma. Uma pessoa pode ser rica sem ter dinheiro no banco.

— Mas dinheiro compra um monte de coisas. — Aleko levantou o rosto para ela enxugar e, quando bateu os cílios molhados, Íris achou que ele devia ser muito carinhoso e teve vontade de abraçá-lo. Estes impulsos não eram encorajados nem bem-vindos no convento, onde se ensinava o controle, por isso ela deu um tapinha no rosto do menino.

— Agora as mãos, garoto. — Ele mergulhou as mãos meladas na pia e ficou olhando enquanto ela passava sabão. — Você quer dizer uma porção de balas e brinquedos, para não falar das aulas de equitação? Será que seu pai não o está estragando, Aleko?

— Ele gosta muito de mim. — Aleko esticou as mãos limpas para serem enxutas. — Sabe, eu não tenho medo dele, mas muitas pessoas têm. Ouvi Aquiles dizer isto. Ele diz que papai é duro na queda.

— Queda? — Íris parecia espantada, pois não conhecia gíria.

— Eles falam assim nos filmes, srta. Íris. Aquiles às vezes me leva, ao cinema e nós comemos pipoca e tomamos sorvete. É muito divertido.

— Com certeza, se você passa a tarde toda comendo porcarias. Que tipo de filmes você vê?

— Sobre assaltos de banco, às vezes um filme de cowboy, e uma vez nós vimos um filme muito bom sobre um incêndio na floresta. Foi ótimo!

— Sei. — Íris estudou o menino enquanto penteava o cabelo escuro. Ele era bonito, com traços do pai, mas com um charme inocente que provavelmente herdara da mãe, que tinha morrido tão tragicamente. Sim, Zonar Mavrakis devia ter estragado o menino e, como era um homem muito ocupado, não era sempre que ele podia evitar a influência de Aquiles.

— Diga-me, Aleko, por que o motorista de seu pai fala daquele jeito? Ele parece inglês, mas é grego, não é verdade?

— Ele nasceu em Londres, mas a família dele é grega. Eles moram lá, e o pai dele é dono de um café. Aquiles é um motorista muito bom e é por isso que ele guia os carros de papai.

— Os carros?

— Temos quatro — Aleko contou com orgulho. — O Rolls Royce é o melhor, é claro, e você devia ver o carro esporte de papai. Puxa, como corre! Aquiles gosta de guiá-lo e às vezes sai escondido.

— Aquiles faz muita coisa que não deve, se você quer saber. — Íris esvaziou a pia e a enxugou. Ela gostava de tudo limpo e em ordem, uma casa asseada significava um coração limpo, foi o que sempre aprendeu. Será que Zonar Mavrakis escolheu alguém como ela para cuidar do menino porque estava começando a ficar preocupado?

— Aquiles também é duro na queda. — O menino pegou na mão de Íris e a puxou para fora do banheiro. — Vamos logo tomar chá. Estou morrendo de fome!

— Você não sabe o que isso quer dizer. — Ela sorriu.

Eles saíram do quarto e atravessaram a galeria em direção à escada. Antes que ela pudesse impedir, Aleko subiu no corrimão e escorregou até o hall. O coração de Íris bateu mais forte. Nem ousava pensar em como olharia para o pai se acontecesse alguma coisa com Aleko enquanto ele estivesse sob seus cuidados, mas, ao mesmo tempo, sabia que não podia prender a criança. Ele era um menino saudável, ativo e aventureiro, e ela queria que continuasse assim durante todo o tempo que ficasse lá.

Agora ele estava pulando com um pé só no hall, no mosaico que representava o sol e a lua. Quando Íris se aproximou, ele perguntou:

— Você ficou com medo?

— Oh, não sou desmancha-prazeres — ela respondeu. — Mas quero que você se lembre de que se você se machucar seu pai vai pôr a culpa em mim. Isto seria justo?

— Aquiles diz que sou resistente como um gato — Aleko contou. — Ele diz que herdei isso de meu pai e de thios Lion. Sabe, eles são espartanos. São daquela parte da Grécia.

Os olhos de Íris brilharam e seu sorriso, um pouco tímido, tinha muito charme.

— Que estranho — ela murmurou. — Uma irmã do convento estava sempre repetindo que devíamos nos comportar como espartanas, encarando a vida como uma batalha e um desafio. Eu acho que foi isto que seu pai e os irmãos dele fizeram. — Entretanto, ela continuou pensando, provavelmente eles lutaram por dinheiro, enquanto ela, quando fizesse os votos, seria por razões espirituais.

Foi fácil achar a sala onde o chá ia ser servido, eles só tiveram que seguir a

empregada que empurrava o carrinho com as coisas. Outra empregada, Íris percebeu, um pouco mais velha e com uma touca de rendas. Ela deixou o carrinho de chá perto de um sofá e Aleko correu para examinar o prato de bolinhos e um outro que tinha sanduichinhos em forma de triângulos.

— Obrigada. — Íris sorriu para a empregada, tentando não parecer intimidada na sala enorme. Havia um bule, uma leiteira e um açucareiro, todos de prata, e xícaras de porcelana tão fina que eram quase transparentes. Afundou no sofá, ela que estava acostumada a cadeiras de encosto duro e a se sentar com as costas retas.

— A senhorita precisa de mais alguma coisa?

— Oh, não! — Aquele monte de bolinhos e de sanduíches alimentariam uma dúzia de garotas no convento. — Isto é mais do que o suficiente!

— Está bem, senhorita.

A porta enorme fechou-se atrás da empregada e, pela primeira vez na vida, Íris pegou um bule de prata e serviu chá nas xícaras maravilhosas. Aleko serviu-se de sanduíches e sentou-se num almofadão de veludo. Íris mexeu o chá enquanto olhava a sala, admirada... Parecia que ela estava sonhando acordada, pois havia um outro sofá de veludo, cortinas amarelas nas janelas, o brilho quente dos móveis de mogno e um tapete maravilhoso. Tomou o chá enquanto olhava para o sol através das cortinas de seda, levemente agitadas pela brisa que trazia o cheiro do mar. A madre superiora sabia que ela viria para uma casa assim?

— Agora posso comer bolinhos com creme? — Aleko perguntou.

— Você já comeu os sanduíches?

— Sim, vamos logo. Quero ver meu pai. — Ele se aproximou dela, mordendo o bolinho. — Você não vai comer nada? Você só ficou olhando para a sala.

— É uma sala tão linda, Aleko. Não temos nada assim no convento.

Ele sacudiu os ombros. Era um menino bastante mimado, cujo pai era rico.

— Quero ir agora para o hotel. Posso ir sozinho...

— Ficaria muito bonito, no meu primeiro dia como sua governanta! — ela interrompeu. — Eu ainda vou tomar outra xícara de chá. Olhe, coma uma torta de maçã e seja paciente. A paciência é uma virtude.

O menino olhou para ela, parecendo gostar da idéia, depois pegou uma tortinha e começou a comê-la.

— Você não tem fome? — ele perguntou. — As freiras não comem muita comida?

— Elas não fazem tudo o que querem, Aleko, e eu ainda não sou freira. Você quer mais um pouco de chá, ou talvez um pouco de leite?

— Leite — ele preferiu. — Posso beber na jarra?

— É claro que não! Dê sua xícara.

— Você é uma megera? — ele perguntou, passando a xícara.

— Onde foi que você ouviu essa palavra? — ela perguntou, enquanto servia o chá.

— É o que Aquiles diz da irmã, que ela é uma megera e que precisa levar umas palmadas. — Os olhos de Aleko brilhavam por cima da xícara.

— É o que vai acabar acontecendo com você, se continuar me amolando — Íris avisou. — Estou aqui para que você não faça nenhuma travessura enquanto seu pai toma

conta do hotel.

— Você acha que vai se apaixonar por ele?

— O... o que foi que você disse? — Ela arregalou os olhos, espantada, sem acreditar no que tinha ouvido.

— As moças estão sempre dando em cima de papai — Aleko contou. — Com você vai ser a mesma coisa, ou você não pode se apaixonar porque vai virar freira?

— É claro que não tenho a mínima intenção de... que idéia! — A imagem do grego atraente passou pela cabeça dela, com o cabelo muito preto formando costeletas de cada lado do maxilar fino, os olhos dominadores em cima do nariz bem talhado. Deus do céu, porque o pai de Aleko não era um homenzinho dócil em vez daquele magnata amedrontador, que tratava as moças como brinquedos?

— Nunca mais você deve repetir isto, Aleko — ela censurou. — E um desrespeito para seu pai e para mim. Sou empregada dele e não uma moça bobinha que não tem nada melhor para fazer do que correr atrás de seu pai por causa de dinheiro!

— A moça de Paris era linda — ele se lembrou. — Ela estava em cima da Torre Eiffel quando fomos lá e começou a conversar com papai; ela tinha cabelo comprido, que ficava voando com o vento. Vi que ela gostava de papai.

— E ele? — Íris não pôde impedir sua curiosidade. — Gostava dela?

Ele inclinou a cabeça, confirmando, depois acrescentou, pensativo:

— Mas eu acho que não como gosta de Fenella. Quando ele fala com ela, quando vamos a Petaloudes, sua voz fica séria e suave.

— A mulher de seu tio é bonita? — Íris perguntou. Já estava começando a se interessar pelos Mavrakis e por aquela ilha de borboletas onde moravam o irmão mais velho e sua mulher inglesa. Lion era um nome forte e raro, provavelmente a abreviatura de um nome grego mais comprido. Zonar também tinha muita força e algo de oculto. Irmãos espartanos que atraíam o sucesso e as mulheres como uma lâmpada atraindo as mariposas.

— Fenella é linda. — Aleko ajoelhou-se na almofada e piscou seus cílios compridos. — É o que papai acha. Ele diz que ela é tranqüila e bonita como uma borboleta, mas a mulher de thios Demi me dá vontade de dar risada. Ela é muito divertida, mas é grega como a gente e os olhos dela são como os de um gato.

— Eles têm filhos, Aleko?

— Duas meninas que nasceram juntas.

— Você quer dizer gêmeas?

— É. Papai diz que são como ervilhas da mesma vagem. Divertido, não?

— Sim. — Íris pensou na linda Fenella, que não tinha filhos, e imaginou como isto afetaria seu casamento com um grego que era chefe de uma grande organização. Se ele não tivesse filhos, o futuro do menino que estava diante dela seria carregar uma grande carga em seus ombros.

— Podemos ir para o hotel agora? — ele pediu.

— Está bem. — Íris levantou-se, alisando a saia reta. Estava nervosa, mas não tinha escapatória, tinha que se preparar para o segundo encontro com Zonar Mavrakis. Não podia se esquecer daqueles olhos e da maneira como pareciam penetrar pelo tecido do uniforme do convento, uma sensação muito perturbadora para uma moça cujos únicos homens que conhecia eram os padres jesuítas que iam ao Santa Clara.

Ela e Aleko deixaram a casa banhada pelo sol da tarde, que já começava a tingir de cor-de-rosa a imensa baía onde as casas e os prédios acompanhavam as encostas das colinas. Respirou fundo o ar do mar, olhando admirada para as palmeiras que cresciam na terra avermelhada de Tormont.

Aquela parte da costa era chamada de Riviera de Devon. Era muito agradável e nem um pouco fria porque era protegida pelas colinas altas que rodeavam a baía. Promontórios de calcário faziam contraste com o arenito vermelho, criando um cenário perfeito para o mar azul e para as árvores tropicais.

Íris sentiu-se excitada quando ela e o menino fizeram uma curva na estrada e chegaram à rampa que levava ao pátio do Monarch Hotel. O hotel tinha portas giratórias, janelas enormes que chegavam quase até o chão, subindo acima das paredes brancas muito sólidas, onde os quartos tinham balcões de ferro batido. Alguns dos hóspedes estavam sentados nos balcões, abrigados do sol.

Aleko desceu a rampa correndo e Íris acompanhou-o com cuidado. O menino voou para o porteiro.

— Vim ver papai — ele disse, impaciente. — Onde é que ele está?

O porteiro levantou uma sobancelha e olhou para Íris, que se aproximava das portas giratórias.

— Este é o filho do Sr. Mavrakis — explicou Íris, tentando desesperadamente não demonstrar seu nervosismo. — Acabamos de chegar de Londres e Aleko quer cumprimentar o pai.

O porteiro lançou um olhar cauteloso para Íris, com sua saia reta e sua blusa branca. Ela teve vontade de rir, achando que o homem imaginava que ela era a mãe do menino. Que idéia!

— Sou a governanta de Aleko — ela explicou ao porteiro.

— Entendo. — Ele os levou para o saguão do hotel, uma sala redonda, rodeada por vitrinas de jóias, de objetos antigos e de casacos de cashmere. Havia colunas de mármore, lustres enormes e um par de cartazes atrás de um balcão, que ficava diante de uma estante com centenas de chaves penduradas em ganchos.

— Papai! — O menino saiu correndo pelo saguão, pulando nos braços de Zonar Mavrakis.

CAPÍTULO III

O grego alto parecia ter estado trabalhando muito a maior parte do dia, sua gravata estava afrouxada no colarinho e seu cabelo preto despenteado, como se tivesse enfiado os dedos nele muitas vezes. Com muito carinho, beijou o filho, que se pendurou em seus ombros fortes, encostando o rosto nele. Íris ficou impressionada com a cena e logo seu coração começou a bater com mais força quando os olhos pretos fixaram-se nela. Ele não sorriu, apenas olhou-a, observando o cabelo preto que contornava o rosto delicado. Depois

o olhar desceu para seu corpo e Íris percebeu que, agora que estava sem uniforme, parecia mais velha, não dando muito a impressão da aluna do convento que ele contratara para tomar conta do filho durante o verão.

— Boa tarde, srta. Ardath. — Ele falava inglês com um tom ligeiramente áspero. A voz combinava com sua aparência, pois no saguão abobadado do hotel ele parecia ainda mais moreno... o cabelo, os olhos e o maxilar forte sombreado pela barba que já precisava ser feita de novo.

— Boa tarde, senhor. — Íris conseguiu falar com o tom frio que aprendera com as freiras. Ela manteve-se séria enquanto ele a examinava, conseguindo esconder seu nervosismo.

— Espero que você tenha feito uma viagem interessante de Londres para cá. — Havia alguma coisa nos olhos dele, um brilho de divertimento ou de zombaria.

— Gostamos muito da viagem, senhor. — Íris estava ficando tensa; tinha certeza de que parecia deslocada naquele ambiente luxuoso, com os cabelos sem corte, a saia comprida demais e os sapatos sem salto nenhum. Mas Zonar Mavrakis sabia de onde ela vinha e era crueldade achá-la... cômica.

— Vamos para o escritório.

Ele virou-se, ainda carregando Aleko. Por cima do ombro, pediu que mandassem servir café com biscoitos. Depois passou pela recepção, onde uma das moças parou o que estava fazendo para acompanhá-lo com o olhar. Íris seguiu-o, passando por uma porta bem atrás do balcão, e sentiu que sua mão tremia quando fechou a porta, começando a participar da intimidade do pai com o filho.

— Bem, Aleko, o que você achou de sua governanta?

O menino inclinou-se para frente e murmurou alguma coisa no ouvido do pai. Íris apertou as mãos por trás das costas, querendo protestar, dizer que não estava lá para divertir ninguém e que Zonar Mavrakis devia ensinar ao filho que não era delicado cochichar na frente de outras pessoas. Mas, para seu espanto, ele falou:

— Agora, Aleko, você vai dizer alto para a srta. Ardath o que acabou de me contar no ouvido.

— Conte para papai que você vai se tornar freira, por isso era melhor ele não esperar que você se apaixonasse por ele.

— Que idéia! — Ela corou, sem saber onde meter o rosto.

— Não se preocupe, srta. Ardath. — Pôs o filho no chão. — As crianças têm o hábito desconcertante de revelar verdades que nós, adultos, preferimos esconder. Garanto que você vai voltar para o convento tão pura quanto chegou aqui. Um menino sem mãe está constantemente em alerta para ver se o pai está pensando em lhe arranjar uma nova mãe. Mas eu lhe asseguro que a madre superiora deixou perfeitamente claro que você deve entrar para a Ordem de Santa Clara quando voltar, por isso faça o favor de não me olhar como se eu fosse atrapalhar seus planos. Eu lhe asseguro, jovem, que isso nunca me passou pela cabeça.

Enquanto falava, seus olhos a examinaram da cabeça aos pés, parando nos sapatos, que pareciam tão deselegantes. Mas felizmente alguém bateu na porta e ele afastou os olhos dela.

— Entre! — Uma camareira entrou com uma bandeja onde havia um bule de café, xícaras grandes e um prato de biscoitos.

— Por favor, deixe a bandeja ali. — O grego mostrou uma mesa perto da janela, que

dava para a entrada do hotel. — Quer tomar alguma coisa, srta. Ardath?

— Já tomamos chá, senhor...

— Mas eu gostaria que me fizessem companhia. Por favor, traga sorvete de chocolate para meu filho — disse para a camareira. — Sim, srta. Ardath, sei que ele já comeu balas e bolos, mas, só desta vez, deixe-me fazer a vontade dele.

— Ele é seu filho, Sr. Mavrakis.

— Sim! E porque é meu filho lembro-me que quando tinha a idade dele não tinha idéia de como era o gosto de chocolate ou de sorvete. Sou grego, srta. Ardath, e meu filho é muito especial para mim.

— Tenho certeza que... — Íris mordeu os lábios — que o senhor pode estragá-lo à vontade, naturalmente.

— Estragar!

Íris olhou firmemente para o rosto moreno e distinto e viu que os olhos dele brilhavam de raiva.

— Parece que ele vive fazendo o que quer, não é, senhor?

— Você acha?

— Foi o que me pareceu.

— Você veio de um convento.

— Isto não quer dizer que eu tenha sido chicoteada e me alimentado de pão e água, mas um pouco de disciplina não faz mal a ninguém.

— Não contratei você para disciplinar meu filho. Quero alguém que lhe faça companhia e que lhe dê um pouco de instrução quando ele perguntar alguma coisa, mas não quero, absolutamente, que ele tenha uma boba por governanta.

— Eu não sou...

— Não? — Seus lábios moveram-se ligeiramente e ele olhou para Aleko, que estava sentado numa poltrona diante de uma escrivaninha, com ar aborrecido. — Aleko, o que você acha desta moça? Você gosta dela ou ela está sendo muito chata com você?

Aleko olhou para Íris, depois sorriu, sacudindo a cabeça.

— Ela é boa, papai. Mas me fez lavar as mãos e o rosto.

— Fez mesmo?

Aleko concordou e pegou uma caneta de ouro que estava na escrivaninha.

— Posso ficar com ela, papai?

— E acabar perdendo? — Íris não pôde deixar de interferir. — Canetas de ouro não são para meninos. Eu tenho certeza de que você tem lápis de cor na sua sala de jogos e, quando voltarmos, podemos nos distrair com eles.

Aleko ficou zangado por alguns instantes, mas pôs a caneta na mesa. Zonar Mavrakis ficou olhando e Íris percebeu logo que ele a julgava. Se quisesse mandá-la de volta para o convento, que o fizesse logo, mas ela tinha razão em ser firme com o menino. Aleko não a respeitaria se pudesse fazer o que quisesse com ela, mas se era esse tipo de governanta que seu pai queria, então era melhor mandá-la embora naquele mesmo instante.

— Tenho um livro de colorir cheio de trens. — Aleko desceu da cadeira e correu para

ela. — Podemos colorir quando chegarmos em casa? Podemos, srta. Íris?

— E claro. — Ela sorriu, dando a mão para o menino. — Também gosto de trens. Não que tenha viajado muito, só quando fizemos um passeio de um dia com as irmãs. Eles são muito emocionantes, você não acha?

O menino concordou e então o pai dirigiu-se de repente para a mesa perto da janela.

— A senhorita poderia me servir o café? Eu também gosto de ser mimado...

— Sim, senhor. — Ela largou a mão do menino e, quando se aproximou da figura alta, enquadrada pela janela, percebeu que ali estava um homem complexo e que não ia ser fácil lidar com ele. Ele fazia sempre o que queria! E também estava acostumado com isto, pelo menos no que se referia às mulheres. Entretanto Íris era diferente de todas as outras mulheres que ele tinha conhecido... Ela estava do outro lado de uma cerca que ele estava proibido de atravessar.

— O senhor quer creme e açúcar?

— O creme esfria o café — ele respondeu. — O café deste bule é grego e não quero estragar seu sabor com açúcar.

— Então o senhor gosta de café ao natural?

— Como a maioria das coisas — ele acrescentou. — A vida é um desafio neste mundo cruel... como você vai acabar descobrindo.

A disciplina manteve a mão de Íris firme enquanto ela servia o café, mas quando estendeu a xícara e teve que olhar para ele... os olhos escuros não estavam caçoando dela e sim a desafiando, e Íris sentiu que seu coração batia com força. Por um instante, quase pediu para ser mandada de volta para trás dos muros do Santa Clara, onde ficaria a salvo da obstinação e do domínio daquele homem que conhecia o mundo bem demais.

Ela respirou fundo, mas, antes que pudesse falar, a camareira entrou com o sorvete de Aleko.

— Se fosse você, também tomaria sorvete — ele observou. — Você iria achar o café grego forte demais.

— Acho que sim, senhor. Especialmente da maneira como o senhor toma.

— É claro que você poderia pôr creme e açúcar. Pelo que parece você não deve pesar muito. Você trabalha muito no convento?

— Sim, senhor. O diabo sempre encontra serviço para mãos indolentes.

— Você me olha como se achasse que sou aliado dele.

— De jeito nenhum, senhor...

— O protesto saiu rápido demais, senhorita. — Ele esvaziou a xícara, estendendo-a depois para ser enchida novamente.

Íris, instintivamente obediente, pegou a xícara e despejou o café forte do bule. Quando a devolveu, teve novamente que retesar os nervos para enfrentar aqueles olhos caçoístas... Sem querer, ela se lembrou do que Aleko lhe dissera sobre Fenella, a mulher do irmão dele, com quem falava com uma voz séria e delicada. Será que ele a amava e que era por isso que continuava viúvo?

—Você tem olhos cautelosos, srta. Ardath, como acho que devem ser os olhos de uma moça que cresce atrás dos muros de um convento. Como é que você se sente livre no mundo, sem ninguém para vigiá-la?

— É estranho — ela admitiu —, mas interessante. Tormont parece ser muito

pitoresca.

— Então você acha que vai gostar do lugar? Sim, é pitoresco e eu acho que foi por isso que sugeri a meus irmãos que comprássemos o Monarch. É bem bonito, não? Foi construído nesta costa no fim do século passado, quando era usado para receber membros da família real. Ainda tem sua fama e as partes que não foram modernizadas são magníficas. Esta tarde, fui olhar as dependências dos empregados e não gostei. São tristes, parecem um quartel. Há empregados que dormem aqui e eles devem ter mais conforto. Também não gostei muito da sala onde tomam as refeições. Estou mexendo em tudo.

De repente ele sorriu e Íris entendeu imediatamente por que as mulheres se sentiam atraídas por ele. O sorriso aprofundou as linhas de seu rosto e brincou em seus olhos, mostrando um homem que gostava de aproveitar a vida com o mesmo vigor com que trabalhava. Seus olhos se encontraram com os dela e Íris sentiu uma faísca elétrica percorrendo sua espinha... O instinto lhe contou que muitos anos atrás ele tinha percorrido um corredor escuro de dores emocionais, que a tristeza havia penetrado em seus ossos, em sua medula, alimentando suas recordações talvez por muito tempo. E que ele tinha saído daquele túnel muito forte, mas cínico, como se realmente não acreditasse que poderia reencontrar a felicidade.

Por isso ele trabalhava e se divertia muito e Íris, apesar de toda a sua ingenuidade, soube reconhecer tudo isso naquele rosto anguloso, curtido pelos ventos do destino. Naquelas feições estavam gravados anos de luta, de determinação tenaz e uma certa rudeza que é uma espécie de verniz no rosto do homem que se fez sozinho.

Íris não podia saber, mas se tivesse visto Zonar Mavrakis ao lado de Lion ficaria surpresa com a semelhança. Lion, entretanto, tinha encontrado a felicidade ao lado de uma mulher, o que o abrandou um pouco, mas Zonar tinha ficado duro e distante, suavizando-se somente para seu filho, para a moça que ocasionalmente o interessava e para a recordação de uma jovem, que jazia agora sob o solo pedregoso da Grécia.

Olhar nos olhos dele, Íris tornou a pensar, era como voar na noite. Embora fosse um homem que conhecia muita gente, ele sempre conservaria sua reserva, longe do contato íntimo de dois corações. No que se referia às mulheres, ele tomava e em troca dava muitos presentes caros, mas nunca se entregava.

— Que olhar profundo — ele murmurou. — Você está tentando examinar minha alma, freirinha?

Íris ficou confusa, porque era exatamente aquilo que tentava fazer.

— As pessoas por enquanto estão me deixando curiosa. A atmosfera dentro de um convento é muito fechada.

— Por causa da castidade? — ele murmurou. — Onde os instintos da carne são reprimidos? Você fica amedrontada, srta. Ardath, por estar na companhia de um homem que acha o autocontrole um mistério?

— Ser casta não é ser puritana — ela respondeu. — Não saí para o mundo esperando que os homens fossem como os jesuítas. Não sou criança, sr. Mavrakis.

— Mas realmente sabe o que quer? — Ele a examinou através de seus olhos semicerrados. — Olhe para Aleko se divertindo com o sorvete de chocolate e se lambuzando todo. Encantador, não é? Pois ele é algo que freira nenhuma pode ter. Você vai se privar disso?

— Serei recompensada de outras maneiras, senhor. — Íris levantou o queixo e enfrentou o olhar cínico. — O senhor não entenderia.

— Não tenho estofo para mártir, não é? — Ele mexeu no bolso e tirou um estojo, de

onde pegou um charuto fino que colocou entre os lábios. Acendeu o isqueiro e inclinou a cabeça escura para a chama e a luz do entardecer, que entrava pela janela e realçava o brilho de seus cabelos.

Zonar Mavrakis tinha trinta e cinco anos e não parecia ter um ano a menos... Íris sentiu um temor estranho ao pensar em como ele era experiente em contraste com ela, uma moça de dezoito anos que nunca se entregaria a um homem.

Atrás da cabeça escura o sol brilhava como fogo, a autoridade e a força do homem eram assustadoras naquele momento, enquanto ficavam cara a cara, e a fumaça forte mas perfumada do charuto penetrava em suas narinas.

O aroma parecia intensificar a virilidade dele e, pela primeira vez na vida, Íris sentiu as diferenças entre um homem e uma mulher. Em pensamentos, palavras e atos eles estavam em lados opostos. Eram um penhasco rochoso e a água profunda. Eram a elasticidade do tigre e o vôo da andorinha.

Enquanto a sala mergulhava numa sombra avermelhada, Íris não conseguia tirar os olhos da figura alta. Ele era um pagão e ela ia viver em sua casa... Seus dedos prenderam a cruz que trazia pendurada no pescoço.

— Aleko está quieto demais. — De repente Zonar atravessou a sala com passos largos. Depois riu indulgentemente. — Meu filho dormiu... Devia estar muito cansado da viagem de carro e empanurrado de sorvete. Meu carro está lá fora, no pátio, srta. Ardath, por isso vou levá-los para casa.

Casa! Era uma palavra estranha para Íris. O convento não era uma casa no sentido mais verdadeiro da palavra, era uma casa de oração e trabalho, onde o amor físico estava excluído.

— Venha! — Zonar Mavrakis carregou o menino. — Vamos para casa.

Íris saiu do escritório com eles, fechando cuidadosamente a porta. No pátio, a brisa do mar tinha ficado mais fria e ela estremeceu. O sol tinha desaparecido e as luzes brilhavam nas casas do outro lado da baía.

— Vá depressa para o carro — o grego ordenou e ela obedeceu. Ele colocou Aleko a seu lado, de modo que a cabecinha adormecida encostou-se nela.

— O mar está escuro. — As palavras vieram de cima dos ombros largos enquanto subiam a rampa com o carro. — Você sabe nadar, srta. Ardath?

— Sim — ela respondeu. — Aprendemos numa piscina, mas acho que o mar nesse pedaço da costa é mais perigoso.

— É, sim, e às vezes parece o mar da Grécia. Com certeza você não anda a cavalo?

— Não.

— Então precisa aprender.

— Preciso, senhor?

— Sim, você terá aulas com Aleko. Você não tem medo de cavalos, não é?

— Acho que não, senhor.

— Mas tem medo de homens, hein?

— Não...

— Freirinhas não devem mentir — ele a censurou. — Sei perfeitamente que você tem medo de mim. É natural, para uma moça que sempre viveu entre religiosas. Não sou santo nem monge, nem tenho intenção de me comportar como um deles por sua causa.

Você sabe disso, não é verdade?

— Sei, sim.

— É bom assim para que tudo fique claro e você não espere que eu controle cada palavra ou ação. Falo o que me passa pela cabeça, srta. Ardath, e às vezes perco a paciência. Gosto de tomar uísque e de receber amigos para jogar baralho. Também convido mulheres. Você pode desaprovar meus hábitos, mas não tente me reformar, ouviu?

— Não ousaria nem tentar, senhor.

— Você teria muito que fazer, caso tentasse! Ninguém vai conseguir me mudar agora.

— Firmemente entranhado na pele — ela disse com serenidade.

— Hein? O que foi que você disse?

— Que um tigre não pode tirar suas listras, senhor.

— Você tem medo de tigres?

Ela ouviu a risada dele, suave e insinuante na escuridão. O carro entrou no jardim da casa e de repente a luz começou a jorrar de suas janelas. O barulho do carro tinha sido ouvido e a porta da frente foi aberta. Íris sentiu que o menino se mexia, aconchegando-se mais. Ela ficou sentada enquanto Zonar Mavrakis saía de seu lugar e, quando ele se aproximou para pegar o menino, seus olhos se encontraram.

— Você tem medo? — ele tornou a perguntar.

— Uma irmã do convento uma vez nos levou ao zoológico — ela contou. — Os tigres estavam atrás das grades e eu... eu achei que era uma pena.

— Ah — disse ele suavemente. — Em você há mais do que salta à vista, não é verdade?

— É, senhor?

— Não finja que é tão inocente — ele caçoou. — Você parece que foi alimentada de folhas de limoeiro e de ervas, mas, como dizemos na Grécia, uma dieta frugal alimenta a mente. Já vou lhe avisando, senhorita, pode ser que eu a convide algumas vezes para meu covil. Você ousaria entrar nele?

— Se o senhor me ordenar, terei que obedecer.

— A obediência é uma regra fundamental no Santa Clara?

— Faz parte da autodisciplina — ela respondeu e, encostado na porta do carro, ele parecia encher o mundo, grande e autoritário, e curioso porque ela tinha levado uma vida tão enclausurada... afastada de homens como ele.

— Sua autodisciplina é completa, srta. Ardath? — Ele carregou o menino.

— Ninguém pode dizer isso — ela respondeu cuidadosamente. — Não sou um camundongo, se é isto que o senhor está imaginando, sr. Mavrakis.

— O que é que a faz pensar que imagino coisas a seu respeito. srta. Ardath? — Ele a examinou enquanto subiam os degraus de entrada. Depois, ficaram embaixo de um lustre que lançava uma luz ardente e a empregada fechou a porta atrás deles, silenciosamente.

— Acho que o senhor sente muita curiosidade sobre tudo e sobre todos — Íris respondeu.

Aleko começou a piscar, acordando. Seu pai o olhou e um sorriso suavizou o contorno firme de sua boca.

— Já para a cama, menino, seu dia foi cheio demais. Você pode jantar na cama.

— Preciso mesmo ir me deitar, papai? — O menino não parava de bocejar. — Não posso jantar com você?

— Vou ter que sair, kalo pedhi.

— Negócios? — Aleko olhou para o pai, emburrado.

— É claro.

Eles subiram a escada, acompanhados por Íris. Negócios, ela se perguntou, ou uma mulher com longos cabelos sedosos, usando um vestido que mostrava os ombros e sapatos com saltos tão altos que a aproximavam daquela boca atrevida que parecia não tolerar nenhuma desculpa quando ele se sentia ardente? Íris ficou com o rosto vermelho... aquele homem provocava pensamentos que ela não podia controlar e seus olhos ficaram perturbados. Ela parou, segurando a balaustrada e olhando em redor, enquanto ele entrava no quarto de Aleko.

Aquele mundo não era o seu, mas ela estava ali. O barulho do mar penetrava por uma das janelas da galeria e ela se sentiu presa num sonho estranho... "Deixe-nos por três meses", a madre superiora tinha dito, "e descubra um pouco da vida, antes de se entregar a nós. Descubra se o mundo além de nossos muros tem mais a lhe oferecer. Você tem que saber a resposta nesse período".

Seria impossível? Íris refletia, esbelta e delicada em suas roupas modestas, poupada pelas emoções e experiências que invadiram a natureza daquele homem que tinha penetrado autoritariamente em sua vida reclusa.

Um suspiro perplexo saiu de seus lábios... Ela estava indecisa entre o desejo de explorar aquele mundo desconhecido e uma necessidade de se refugiar atrás dos muros do convento. Ela sentia-se como uma criatura marinha que tivesse sido lançada numa praia estranha e que tivesse que esperar até que a maré a devolvesse para seu habitat... Enquanto isso, tinha que enfrentar os azares do desconhecido e possivelmente até a falta de escrúpulos.

Quando a madre Superiora disse que a família Mavrakis era muito respeitada, ela tinha falado de uma maneira geral, da reputação que eles tinham como homens de negócios.

Como era grande e cheio de vida aquele grego que tinha acabado de levar o filho para a cama, para poder gozar a vida noturna de Tormont... sem dúvida como tinha gozado os prazeres mais sofisticados de Atenas, de Paris e de Londres!

A madre superiora não podia imaginar uma coisa destas, Íris refletiu. Ela achava que todos os homens eram iguais aos padres que visitavam o convento... Mas Íris não tinha dúvida nenhuma de que Zonar Mavrakis era totalmente diferente deles!

Íris e Aleko passaram os dias seguintes explorando as delícias da cidade que se esparramava à beira-mar. A praia acompanhava a costa irregular, às vezes bem larga e depois se estreitando numa faixa fina de cascalho. Algumas pedras eram tão coloridas e macias que Aleko começou a colecioná-las e, naturalmente, era Íris que tinha que carregá-las para casa.

A cada tarde ela se espantava com a beleza dos crepúsculos, era como se alguma coisa no mar se apropriasse da energia e da cor do sol que estava morrendo, e as cores se espalhavam, como um quadro que nunca cansava de admirar.

O terraço da casa dava para o mar e era uma delícia ficar lá depois de um dia cheio,

passado com um menino com muita vitalidade. Ela não sabia que as crianças podiam ser tão exaustivas, ou então Aleko tinha herdado a energia do pai que saía cedo para ir ao hotel e que às vezes só voltava depois que Aleko estava na cama. O menino nunca dormia antes do pai aparecer em seu quarto, a ligação entre os dois era muito forte e Íris sempre sumia quando Zonar Mavrakis chegava em casa.

No terraço, enquanto escurecia, ela ouvia o som de risadas masculinas dentro de casa. Sabia instintivamente que o menino estava contando os acontecimentos do dia para o pai que, com sua vida mundana, provavelmente se divertia com a idéia de uma jovem ter prazeres infantis como catar conchinhas, cavar a areia, explorar as cavernas e pegar pão amanhecido na cozinha do hotel para dar às gaivotas e aos pombos do porto.

Talvez o grego nunca encontrasse tempo para passear nos velhos cemitérios e ler os nomes escritos nas lápides. Para comer bolinhos deliciosos em salões de chá antiquados. Para visitar uma aldeia de brinquedo perto de Tormont, onde havia cópias perfeitas de solares, uma estação ferroviária, um clube de críquete, uma igreja e uma estalagem, construídas entre colinas e vales em miniatura, com as mesmas pedras usadas na vida real.

Eles haviam ido à aldeia de brinquedo naquele dia e agora Íris sentia um cansaço gostoso, enquanto estava sentada numa espreguiçadeira de vime e olhava as estrelas brilhando sobre a água parada da baía. Às vezes, o mar estava agitado e ela ficava deitada, ouvindo o barulho, mas naquela noite a tranqüilidade era uma bênção. Respirou a brisa que vinha do mar. Deus tinha feito um mundo maravilhoso, se ao menos as pessoas percebessem...

— Então você está aqui.

Um fio de fumaça de charuto saiu pela porta do terraço e o aroma chegou no nariz de Íris. O timbre da voz grave brotou da escuridão e ela perdeu a sensação de relaxamento, sentando-se reta na espreguiçadeira.

— Aleko se divertiu muito hoje, srta. Ardath. — A ponta do charuto brilhou como um olho vermelho. — Ele me contou que vocês foram ao reino encantado de ônibus. O carro e meu motorista estão à sua disposição, você sabe disto.

— Aleko gostou de andar de ônibus, senhor.

— Imagino, mas tem chovido um pouco e os ônibus são raros enquanto não começa a temporada de verão. Por que não gozar um pouco de conforto? Você tem muitos anos de sacrifícios pela frente, não é mesmo?

— Não vejo as coisas assim, senhor.

— Sou um homem, senhorita, que acha um tanto difícil entender como uma jovem pode enfrentar a perspectiva de uma vida privada de muitas comodidades e prazeres. Obviamente você sabe lidar com crianças. Você não tem vontade de ter filhos?

— Nunca pensei nisto, senhor. — Íris percebeu que quando era obrigada a conversar com Zonar Mavrakis instintivamente falava com voz fria e distante. Ela não sabia por que tinha um pouco de medo dele... Admirava sua capacidade de trabalho e a devoção que tinha por Aleko, mas, quando ele falava com ela, sentia a espinha enrijecer como uma estaca. Além disso, o assunto era pessoal demais para ele tocar, quase como se quisesse desconcertá-la.

— Mesmo uma jovem criada na tradição do convento deve pensar um pouco sobre o assunto. — Havia uma nota de insinuação em sua voz e Íris ficou ainda mais rígida ao constatar a altura dele a seu lado, enquanto ele andava pelo terraço. A vontade de correr para dentro era forte demais e ela só pôde controlá-la devido a seu senso de disciplina.

— Devia ser um tema de conversa, pois as moças são as mesmas em todas as partes do mundo — ele murmurou. — Ou vocês só pensavam em rezar?

— Não sei em que isto pode lhe interessar, senhor. — A voz dela tremia ligeiramente, com uma mistura de nervosismo e de irritação. — Vim aqui para cuidar de Aleko, mas, quando tiver que voltar para o Santa Clara, farei isto com a plena consciência de que os votos excluem... filhos. Outras coisas encherão minha vida.

— Você ainda não começou a viver. — Ele jogou a cinza do charuto, quase desdenhosamente. — Você está no convento desde criança?

— Desde bebê.

— E em muitos sentidos ainda é tão inocente quanto um bebê. — Ele encostou-se na parede do terraço, com o rosto na sombra, mostrando apenas o brilho dos olhos e a brasa do charuto. — Aleko me disse que vocês dois ficaram maravilhados com a cidade de brinquedo, duas crianças no reino da fantasia, hein?

— Há alguma coisa de errado em ser... inocente? — ela murmurou. — Todo mundo tem que ser realista?

— Como eu, srta. Ardath?

— Sim, senhor. Talvez o senhor nunca tenha parado o suficiente para apreciar o que W. H. Davies escreveu.

— Você acha que não tenho tempo para parar e pensar?

— Será que o senhor já percebeu que a vista da baía é maravilhosa e que os sons do mar não são sempre os mesmos? Espero que o senhor não se incomode por eu estar ensinando seu filho a reparar nessas coisas. O senhor me escolheu para ser governanta dele, mesmo sabendo que meu mundo era completamente diferente do seu.

— Foi de propósito — ele concordou. Seu sorriso era apenas perceptível na luz fraca que vinha das arandelas pregadas na parede, um movimento cínico dos lábios. — Tinha chegado à conclusão de que o mundo estava cheio de mulheres agradáveis, mas meu irmão Heraklion sugeriu que eu contratasse uma governanta num lugar onde não se conhecesse a vida mundana. Por isso, que lugar melhor para escolher do que um convento? E como foi conveniente que sua madre superiora permitisse que um membro de sua ninhada viesse para minha casa! — A ponta do charuto brilhou na penumbra. — O que você acha de minha casa?

— A casa é muito bonita — ela respondeu com muita polidez na voz. — Gosto de Tormont e me divirto em companhia de Aleko.

— E na minha, srta. Ardath?

Ela segurou a grade do terraço. O que deveria responder? Contar a verdade, dizendo que ele a intimidava, mas que a deixava curiosa porque representava tudo o que nunca tinha experimentado e que provavelmente nunca iria conhecer? Ele fazia parte do mundo cosmopolita povoado por homens de sucesso e mulheres elegantes e carismáticas, como a que tinha saído com ele em Paris.

Íris não só suspeitava que ele se divertia com sua ingenuidade — como é que podia deixar de notar o movimento das sobancelhas enquanto a examinava, dos sapatos amarrados até o cabelo? — como também o instinto lhe dizia que ele a comparava às outras moças que apreciava, mas cuja sofisticação não queria que seu filho absorvesse por enquanto.

Uma luz brilhava dentro de casa, iluminando o terraço e a figura alta de Zonar Mavrakis, que andava para cima e para baixo, silenciosamente, quase ameaçador na

escuridão... como se a noite o chamasse, despertando nele a impaciência de um animal em busca de sua presa.

— Aleko não chegou a conhecer a mãe — disse ele de repente. — Ela era muito jovem e morreu quando ele nasceu. Um imbecil jogou seu carro contra o meu e minha mulher foi atirada para fora. Ela devia estar usando o cinto de segurança, mas estava grávida de oito meses e o cinto a incomodava. Eu devia ter insistido! Como me arrependo... Pelos deuses, um homem pode esquecer? Com o choque, a dor e o terror ela entrou em trabalho de parto e Aleko nasceu nas minhas mãos, ali mesmo na beira da estrada... Você pode imaginar o que passei? Não, como poderia, se sua visão do mundo sempre foi através dos vitrais de um convento? Como é que você poderia saber qualquer coisa do meu mundo?

— Não... não sou inteiramente criança, senhor! Íris sentiu pena dele, mas sua reserva natural não permitia que demonstrasse sua piedade de uma maneira física. As mulheres lhe abriam os braços e lhe ofereciam seus corpos curvilíneos, para que ele pudesse se esquecer por um instante do corpo dilacerado da jovem que tinha amado e perdido. Íris só podia fitá-lo com seus olhos enormes e ficar onde estava, distante e tensa, agarrando o ferro frio e duro no ar da noite, que trazia o cheiro do mar... o mar que recuava e avançava na areia.

O silêncio parecia maior enquanto a fumaça do charuto atravessava o terraço, misturando-se com o cheiro do mar. Íris ficou imóvel, sentindo com todos os nervos que ele se aproximava, alto e forte, ainda sofrendo por um golpe que o tempo não tinha suavizado nem o prazer aliviado, a não ser por algumas horas entre braços perfumados.

— Minha mulher tinha a sua idade. — A voz dele estava grave.

— Eu também era muito jovem naquela época, e a criança que ela estava carregando no ventre fora concebida com paixão e com amor, mas você não entende disto, não é? Para você é pecado oferecer os lábios, envolver um homem com os braços e permitir que ele a deixe louca de felicidade. Diga-me, freirinha, você não sente curiosidade por este tipo de paraíso?

— Não — disse ela, mas deu um suspiro quando ele segurou em sua cintura.

Ela procurou se afastar depressa, mas não antes de perceber que seus sentidos se inflamavam, que um fogo lento penetrava em sua pele, excitando as extremidades de seus nervos.

— Não faça isso! — Ela deu meia-volta, ficando de costas para a parede do terraço, como se estivesse fugindo de um incêndio de verdade. Seus olhos ficaram ainda maiores, arregalados por causa do choque e do medo da masculinidade dele.

Franzindo as sobrancelhas, ele atirou longe a ponta do charuto.

— Foi só um teste — ele murmurou. — Ainda acho difícil acreditar que tenho uma santinha entre minhas mãos calejadas.

— Não... não pretendo ser uma santa. — Ela ergueu o queixo, aborrecida porque ele a fazia sentir-se indefesa e com medo dele... ou tinha mais medo de si mesma? — Eu me dedico ao que quero e, se há regras, procuro então obedecê-las.

— Como você é correta — ele caçoou, enquanto examinava a silhueta esbelta vestida com roupas feias e simples. — Você não sente a vontade tão feminina de usar coisas bonitas? Isto também é pecado?

— É questão de dinheiro. As coisas bonitas custam caro...

— Tenho muito dinheiro, srta. Ardath.

— O... o que o senhor quer dizer com isso?

— Vamos, você já mostrou que não é boba. Quero comprar para você algumas roupas mais adequadas. Posso abrir uma conta na melhor butikue...

— É claro que não!

— Pelos deuses, qualquer outra moça pularia de alegria com isto!

— Acredito, senhor, mas do senhor só quero o que merecer.

— E se eu lhe disser que não quero que meu filho seja visto com uma governanta vestida com roupas que parecem ter saído de um baú? Esses sapatos são pavorosos e devem ser pesados e incômodos. Essa saia está comprida demais e a blusa parece um saco. Insisto em abrir a conta para você e, como seu patrão, quero que você vá amanhã à loja para escolher algumas roupas bonitas, para usar de dia e de noite.

— Não... não posso aceitar sua oferta, sr. Mavrakis. Se o senhor não gosta do meu aspecto, então é melhor procurar outra pessoa para tomar conta de seu filho. — Com toda a dignidade, Íris tentou passar por ele para entrar na casa, mas Zonar segurou com firmeza sua cintura. Ela tentou se afastar e imediatamente ele a puxou com toda a facilidade... no mesmo instante Íris parou de lutar e o olhou desafiadoramente.

— Não tente lutar comigo, srta. Ardath. — O sorriso que ele deu era cruel e os olhos que a examinavam estavam tão escuros e ameaçadores quanto o mar perdido na escuridão. — Além de ser muito maior do que você, sou também muito mais rude. Se você não for voluntariamente à loja para escolher as roupas, então a levarei, e a vendedora vai pensar que você é minha filha ou então minha amante.

— O senhor não ousaria me levar — Íris acrescentou, tentando se livrar dele.

— Desafie um grego e ele fará quase tudo. — Os dentes brancos brilharam em contraste com a pele morena. E agora que estou pensando nisso, acho que é melhor você ir comigo à loja para escolher as roupas, pois você não deve ter a menor noção do que lhe cai bem, pois sem dúvida sua mente pura deve estar cheia de imagens vestidas de hábito e com touca...

— E o que é que o senhor pretende que eu vista? — Ela estava corada. — Um biquíni durante o dia e à noite um vestido de gaze preta decotado até o umbigo?

— Ah, então a freirinha tem uma língua afiada, não é verdade? — Um brilho caçoísta brincava em seus olhos como o luar na água escura. — Não, minha menina, gaze preta não é para você. Você tem que usar branco e azul para combinar com seus olhos imensos. E também não gosto de biquíni. Já resolvi que vou escolher as roupas. Vai ser divertido... ver seu embaraço quando ficar parecendo mais uma moça do que uma noviça.

— O senhor não vai me forçar a fazer nada... — Ela tentou novamente fugir dele, mas se debateu em vão, como uma mariposa presa num alfinete. — Não vim aqui para isto... oh, maldito, me solte!

— Que palavra feia! — ele censurou. — Você terá que lavar a boca com água e sabão.

— O senhor é muito esperto, não é mesmo? — Os olhos dela ardiam como brasas. — Para o senhor sou uma brincadeira, uma diversão, alguém para provocar. Acho o senhor muito antipático.

— Muita gente também acha — ele resmungou. — E o que se espera quando um grego se mete em negócios. Ele é naturalmente competitivo e cada negócio bem-sucedido lhe traz também um inimigo ou dois. Se devo contá-la como um dos meus inimigos, que seja assim, srta. Ardath. Enquanto você der a meu filho toda a sua atenção, não vou

reclamar se você me der... migalhas.

Íris olhou para o rosto bem definido, as sobrancelhas inclinadas sobre os olhos irônicos, a boca ousada marcada com linhas de cinismo. Seu coração batia sem parar e ela sentia-se fraca. Oh, Deus, o que ele estava fazendo com ela, que não conseguia ir embora correndo mesmo depois de ficar livre?

— Vá embora — ele caçoou. — Por acaso estou impedindo?

— O senhor quer dizer... — ela engoliu em seco, para acalmar a pulsação na garganta — de volta para o convento?

— Não, sua tonta! — ele explodiu. — Vá jantar e pare de ter medo de que eu vá seduzi-la se você aceitar alguns vestidos. Faz parte do emprego... o uniforme, se você preferir. Vá beber um copo de vinho para trazer a cor de volta a seu rosto.

Enquanto ele ria, não muito alto mas como se estivesse caçoando dela, Íris saiu correndo pelas janelas francesas, como se quisesse fugir daquela casa, de Tormont e daquele homem, cujo amor estava enterrado para sempre, com uma jovem grega morta.

Parou sem fôlego na galeria e sem querer começou a se examinar no vidro de uma das janelas ovais. Viu a imagem de uma moça de cabelos pretos, rodeando um rosto pálido e olhos grandes e incrédulos.

Era pecado pensar no tipo de amor que Zonar Mavrakis dava às mulheres depois da perda da moça que, morrendo, lhe tinha dado um filho?

Era por causa de Aleko que ficava naquela casa? Íris apertou a cruzinha pendurada no pescoço... tinha que acreditar que era por causa do menino. Ela não ousava encarar a possibilidade de que era o pai que a fascinava, com seu charme estranho.

CAPÍTULO IV

A manhã estava fresca e o mar azul brilhava no sopé das colinas. Os iates já tinham saído para a baía e as pedras da praia estavam cobertas de algas que pareciam cor de cobre na luz do sol. A água acumulada entre as pedras cintilava e os pássaros cortavam o ar cristalino para pousar em pedras enormes dentro da água.

— Entre. — A porta do Jaguar estava aberta e Aleko subiu primeiro, enquanto Íris o acompanhava mais devagar. Ela manteve os olhos afastados da figura alta, vestida com um terno cinza impecável e, enquanto afundava no couro macio do banco, podia sentir o tremor de suas pernas. Procurou controlar seu nervosismo, como tinha aprendido no convento.

Aquilo era ridículo. Zonar Mavrakis era apenas um homem, mas, quando ele olhou para dentro do carro e ela foi obrigada a lhe devolver polidamente o olhar, percebeu que ele irradiava uma força masculina que tornava tudo em volta mais cheio de vida, como se alguma coisa especial estivesse para acontecer.

Aleko sabia que estavam indo para a cidade para comprar roupas e, com um sorriso, perguntou ao pai o que iam fazer com as roupas velhas.

— Vamos fazer uma fogueira com elas... especialmente com os sapatos. — Zonar examinou insistentemente a figura tensa recostada no estofamento azul-acinzentado do carro.

— De jeito nenhum, senhor — ela protestou. — Vou usá-las quando voltar para o Santa Clara.

— É mesmo? — Ele levantou as sobrancelhas. — Mas você não vai fazer seus votos e se cobrir de preto?

Os cílios dela estremeceram enquanto sustentava o olhar constrangedor e então, para sua humilhação, corou até os lóbulos da orelha.

— Outra moça usará as roupas.

— Pobres órfãs — ele comentou fechando a porta do carro e dirigindo-se para seu lugar, à frente de Íris e do menino.

Ela olhou para o cabelo preto bem cortado e para os ombros largos, aos quais o tecido cinzento aderiu como uma segunda pele. Viu o movimento dos músculos das costas quando ele deu a partida no carro, pegando o declive que os levaria para o hotel e depois até o porto, onde as lojas estavam localizadas.

— Você vai me comprar um presente, papai? — Aleko perguntou.

— Só se você se comportar direito — foi a resposta de Zonar. — Você está querendo alguma coisa em especial?

— Preciso de uma roupa de mergulho para o meu Falcon. Como é mergulhar fundo, papai? Lá embaixo é colorido?

— A vida e a fauna do mar são coloridas. É um mundo estranho, frio, fora do tempo, e quando você for um pouco mais velho vou ensiná-lo a mergulhar. Tenha paciência, menino, há muita coisa para você aprender e aproveitar quando for mais velho, mas primeiro tem que ter os prazeres da infância. Você tem muito mais sorte do que a srta. Íris ou eu tivemos quando éramos crianças. Seus tios e eu dormíamos em sacos no chão de uma choupana, nosso armário era um caixote e um fogão velho deixava sair fumaça num canto e quase nos sufocava com o cheiro do carvão que apanhávamos num ramal da estrada de ferro. Tempos difíceis, Aleko, que talvez nos tenham deixado mais resistentes.

Quando o pai disse isto, Aleko estendeu a mão, tocando no ombro coberto de cinzento.

— Você é duro, papai.

Zonar Mavrakis entrava com o jaguar num estacionamento e deu uma risada breve. Eles saíram do carro e Íris aspirou a brisa salgada que soprava das águas do porto, onde os pássaros procuravam camarõezinhos. Havia um casal de cisnes parado na sombra de um muro e, erguendo-se acima da cidade, em terraços de pedra, viam-se aglomerados de casas e uma igreja com uma torre estreita, cujo sino estava tocando.

— Parece um cartão postal. — Por um instante, uma mão grande repousou no ombro dela e, apesar de ter sido leve, o toque percorreu sua espinha, até a base, uma sensação incrível do homem e do momento.

Disto não me esquecerei, pensou, quando voltar ao convento e fizer aqueles votos que vão me separar para sempre de um homem como Zonar Mavrakis.

— Venham! — Ele apressou os dois para atravessarem a rua, em direção à loja enorme cujas vitrinas tinham manequins usando o tipo de roupa que Íris nunca pensou possuir. Ela relutou em entrar na loja, tão impregnada que estava do senso de renúncia.

Como se percebesse isso, seu patrão pegou-a pelo cotovelo, fazendo-a entrar na loja. Ele cuidava de tudo e um instante depois descobriu que a seção de modas ficava no segundo andar. Entraram no elevador e Íris lançou um olhar de apreensão e de deslumbramento para o rosto moreno e decidido.

Que tipo de roupa ele pretendia comprar para ela? Certamente ele devia ter percebido que ela não era do tipo que podia ser convertido num manequim.

Assim que entraram no salão, uma vendedora aproximou-se e Íris não soube para onde olhar quando a mulher perguntou para ele, com voz alegre, se podia mostrar para sua esposa os últimos lançamentos de verão que haviam sido entregues uns dias antes.

— Por favor — disse ele, sem se preocupar em corrigir a suposição de que Íris era sua mulher. — Queremos ver um guarda-roupa completo para o dia e para a noite, com os acessórios, é claro.

— Pois não, senhor. — A mulher juntou as mãos e examinou Íris, levantando ligeiramente as sobrancelhas ao reparar nas roupas fora da moda que contrastavam com o terno elegante de Zonar.

— Lingerie, meias e sapatos, é isso?

— É isso mesmo. — Ele olhou em volta, muito alto e moreno no salão cheio de espelhos, com fileiras de cabides de roupas femininas. — Não poupe despesas. Queremos o que há de melhor.

— Se madame quiser entrar na cabina, posso tirar as medidas.

— Íris foi novamente analisada por aqueles olhos examinadores, que pararam em sua mão esquerda, vendo que não tinha nenhum anel. Íris percebeu o que a mulher estava pensando, quando Aleko falou:

— Posso ver tirar as medidas?

— Não, não pode, homenzinho — o pai respondeu, com um sorriso. — Comporte-se para depois ganhar um sorvete.

— Está bem. — Aleko começou a andar pelo salão, parando para estudar sapatos de saltos muito altos numa prateleira. — Você vai comprar esses sapatos para Íris? — perguntou, rindo por cima do ombro. — Aposto como ela vai cair deles.

— Esses sapatos são italianos, senhor — a vendedora disse imediatamente, com uma nota insinuante na voz. — Estão muito na moda e embelezam as pessoas e os pés. Madame quer experimentar?

— Não, não quero — disse Íris decididamente. — Estes sapatos não são do meu estilo.

— Não — Zonar concordou. — Os saltos são ridiculamente altos e fazem a mulher se inclinar para frente, tirando a coluna do lugar. Se uma moça tem a coluna reta, é uma estupidez estragá-la por causa destes saltos. Vamos ver os vestidos e depois escolheremos sapatos delicados e com saltos menores.

— Como quiser, senhor. — A mulher sorriu para ele e depois pediu que Íris a acompanhasse ao provador. Depois que entraram, o sorriso desapareceu do rosto da mulher e novamente ela examinou Íris de cima a baixo. Íris achou que era hora de corrigir a suposição de que ela era mulher ou então amante do milionário grego.

— O sr. Mavrakis é meu patrão — explicou. — Cuido do filho dele e ele achou que, com a posição que ocupo como governanta do menino, devo me vestir um pouco melhor. Não vou precisar de muita coisa.

— É ele quem vai pagar, madame?

— Sim. '

— Então, madame deve permitir que ele compre o que quiser. — Ela abriu a blusa de Íris sentindo com os dedos a qualidade inferior do tecido. — Temos agora vestidos e conjuntos muito bonitos e a nova linha de blusas de seda é fora-de-série. Seda importada do Extremo Oriente, cara, mas valendo a pena. Pelo aspecto de seu... patrão, parece que ele pode comprar o melhor.

Íris sentiu que tremia ligeiramente. Não estava acostumada a se despir diante de outras pessoas, muito menos diante de uma mulher para a qual o termo governanta parecia significar alguma coisa muito mais íntima. Sentiu-se atormentada. Era crueldade de Zonar Mavrakis fazê-la passar por isto, quando sabia que, em questão de semanas, ela ia expulsar de sua vida tudo o que estimulasse a carne. Ele a forçava a sentir a suavidade da seda em contato com sua carne nua, o leve perfume e as meias finas cobrindo suas pernas.

Ele não estava sendo generoso com a governanta do filho... estava jogando sutilmente com sua inexperiência, com sua inocência e Íris sabia disso, mesmo quando deixou que a mulher tomasse suas medidas.

— Madame é muito esbelta — a vendedora a cumprimentou. — A nova moda vai combinar com sua silhueta, embora esteja na moda cabelo mais longo. Madame deve comprar uma peruca para usar à noite... Posso sugerir isto ao cavalheiro?

— Não! — Íris arregalou os olhos, indignada. — Estou aceitando esses vestidos porque ele insistiu, mas não tenho nada a ver com a vida social dele.

— Como madame quiser. Vou consultá-lo sobre o que ele quer que a senhora experimente.

— Sim — disse Íris, resignada. — Ele vai insistir em escolher, ele é assim.

E durante a hora seguinte, Íris foi obrigada a experimentar uma variedade de roupas saindo do provador todas as vezes para que seu patrão pudesse examiná-la de cada ângulo, acenando depois a cabeça com satisfação. Um casaco e uma saia de lã. Uma blusa azul com uma echarpe de seda. Uma saia e uma jaqueta de couro cor de mel. Um blazer listrado com uma saia branca. Shorts de brim e Íris pedindo com os olhos que ele terminasse a escolha.

Mas Zonar Mavrakis quis que ela experimentasse vestidos de noite... um vestido de crepe-da-china cor de damasco e branco, outro de musseline estampada, um de seda branca, pregueado, com mangas largas e a saia comprida, um vestido de veludo, com o corte quase medieval, com um debrum muito delicado embaixo dos seios.

— Gosto muito deste vestido. — Zonar a rodeou e ela sentiu como se os olhos dele a tocassem. — Sim, este vestido combina com sua pele e com seu cabelo, além de estar de acordo com sua personalidade.

— Sugeri a madame — disse a vendedora — que experimentasse uma de nossas perucas, que combinam tão bem com as toaletes para noite.

— Não será necessário. — Ele franziu as sobrancelhas para a mulher. — Não gosto de coisas falsas, especialmente numa moça do tipo da srta. Ardath. Gostaria que ela experimentasse alguns sapatos agora.

Os pés de Íris foram medidos e depois calçados com os sapatos mais elegantes que a loja podia oferecer. Sandálias com tiras muito finas, sapatos clássicos de pelica, calçados de camurça enfeitados com strass para a noite, tamancos de madeira para a praia. Depois foram escolhidas as meias e a lingerie, além de algumas bolsas.

Íris já estava tão estonteada com tudo que ia ganhar, que nem protestou quando recebeu ordem de usar um dos vestidos novos.

— E minhas roupas velhas? — ela quis saber, quando surgiu com um vestido estampado que lhe caía muito bem, os pés mais leves do que o ar no couro macio que agora os cobria. Estava segurando uma trouxa com suas coisas e olhava para seu patrão com uma mistura de timidez e desafio. Ele pegou as roupas, entregando-as para a vendedora.

— Faça o que quiser com isto, por favor.

— O... o senhor não pode jogá-las fora — Íris falou com a voz entrecortada, tentando recuperar as roupas do convento que se adaptavam melhor à sua personalidade. — Seria um desperdício.

— Fique com elas — disse para a vendedora. — As compras devem ser enviadas para este endereço junto com a conta.

Ele entregou um cartão, desejou-lhe um bom-dia, depois dirigiu-se para o elevador com Aleko e Íris, que protestava.

— Pare de se preocupar com aqueles trapos velhos — ele ordenou enquanto o elevador descia para o andar térreo. — Em vez disso você podia me agradecer por todas as coisas bonitas que comprei.

— O... obrigada — ela murmurou. — O senhor comprou muito mais coisas do que precisava.

— Deixe de falar bobagens. Você tem que deixar de pensar que é uma órfã que só pode usar roupas velhas dadas por outras pessoas. Vamos, você vai gostar de sua aparência depois de passar tantos anos mal vestida... Aleko, o que você acha da srta. Íris agora?

— Está muito bonita. — O menino sorriu para ela. — As freiras não gostam que você use um vestido assim?

Íris não sabia o que pensar, só sabia que tentar se opor à vontade de Zonar Mavrakis era como lutar com o diabo. Ele geralmente conseguia o que queria e ali estava ela, vestida por ele da cabeça aos pés e sentindo-se culpada por causa disso.

— Só... só vou poder usar essas roupas enquanto estiver em Tormont — ela explicou para Aleko. — E por isso que acho que seu pai foi extravagante demais.

— Pelos deuses! — Zonar exclamou. — Sua modéstia é grande demais para se acreditar! Você se arrisca a comer um pêssego Melba ou isto vai exigir penitência?

— O senhor não está entendendo... — Seus olhos encontraram os dele, lutando corajosamente contra o brilho diabólico. — Aprecio sua generosidade, senhor, mas não devo dar muito valor aos bens materiais. O senhor não deve procurar fazer com que eu mude de idéia.

— Não me tente — ele resmungou. — Está bem, Aleko, você vai ganhar seu brinquedo e depois vocês dois vão tomar sorvete, enquanto vou ao banco para assinar alguns papéis. Acho que podemos almoçar no hotel, não é?

— Sim! — Aleko estava muito feliz. — Rosbife com batatas de forno e pudim!

— Assim falou meu filho grego — Zonar murmurou. — Aqui está o dinheiro, srta. Ardath para comprar o brinquedo e os sorvetes. Vamos nos encontrar no carro daqui a uma hora.

Ele se afastou por entre os pedestres, virando a esquina para ir ao banco. A loja de

brinquedos era em outra direção. Dentro daquele lugar tentador, Aleiko levou algum tempo para escolher uma roupa para o seu boneco Falcon, da mesma forma como seu pai tinha levado para escolha os vestidos para Íris.

Ela se sentia muito diferente no vestido elegante e toda a hora acariciava o tecido. Havia aprendido que a vaidade era pecado, mas era uma delícia usar sapatos que não pesavam como chumbo.

— Já resolvi! — Aleko estica puxando sua mão. — A roupa de quebrador de gelo.

— Tem certeza? — Íris examinou a etiqueta com o preço e tirou o dinheiro da bolsa nova. Pagou a roupa do boneco e depois foram para a lanchonete, onde Aleko tomou um banana split e Íris um sorvete de café.

As gaivotas voavam no porto e, maravilhada com a luminosidade do lugar, Íris olhou para a criança a seu lado, ocupada em tomar seu sorvete.

— Está bom? — ela perguntou.

— Delicioso, e o seu?

— Derrete na língua.

— Vocês tomam sorvete no convento?

— Às vezes a irmã Mary fazia sorvete, em dias especiais. É ela quem cuida da cozinha.

— Você vai se chamar irmã Íris?

— É bem provável, a menos que a madre superiora escolha um nome religioso para mim.

Aleko abaixou os olhos, franzindo as sobrancelhas finas.

— Gostaria que você ficasse para sempre com papai e comigo. Você tem mesmo que voltar para o convento? Você não prefere ficar conosco?

— Temos que cumprir nosso dever, Aleko, e o meu é voltar para o convento quando chegar a hora, para entrar na Ordem e seguir minha vocação. Enquanto eu não for, vamos nos divertir, não é melhor assim?

Ele concordou, pegando uma cereja com a colher.

— Você quer a cereja? — ele ofereceu.

Íris aceitou, sabendo que era o que ele queria que ela fizesse, e sentiu vontade de abraçá-lo. Esses impulsos tinham que ser reprimidos, para o bem da criança e pelo dela também. Eles iam ter que se separar para seguir rumos opostos... Por que, ela se perguntou, Zonar Mavrakis não se casou de novo para que o menino pudesse ter a mãe de que precisava? Mesmo que ele não pudesse amar uma mulher como amara a mãe de Aleko, podia ser generoso, e obviamente era um homem cujo vigor precisava de uma válvula de escape.

— Já acabou?

Aleko concordou, enxugando a boca com um guardanapo de papel, e eles foram andando na luz do sol. Havia uma padaria algumas portas adiante e Aleko a convenceu a comprar alguns pãezinhos para dar aos passarinhos que voavam nos penhascos que se projetavam sobre a cidade. Atravessaram a rua para ir ao porto e, quando esmigalharam o pão, as gaivotas se aproximaram para pegar as migalhas, fazendo grande algazarra.

Íris não percebeu que seu patrão estava observando a cena, até que ela e Aleko voltaram para o carro, onde ele estava recostado, fumando um charuto. Aleko correu para

o pai, contando o que tinham feito, e Zonar sorriu tão diretamente para os olhos de Íris que ela sentiu sua confusão aumentar enquanto se aproximava da figura cheia de energia. Ficou olhando para ele, como se tivesse perdido o poder de falar e de se mexer; apenas seus pensamentos trabalhavam.

Ele é maravilhoso! Se continuar aqui, corro o risco de ficar gostando dele da maneira errada! A madre superiora vai compreender se eu for embora agora, mas se eu ficar... oh, se eu ficar, o que vai acontecer comigo?

— Você está pretendendo voltar a pé?

Ele estava segurando a porta do carro e Íris teve que se aproximar dele para entrar no jaguar. Quando entrou, a saia do vestido levantou um pouco e ela sentiu que ele olhava para suas pernas. Imediatamente ela juntou as pernas e cobriu os joelhos com o vestido. Não precisou olhar para saber que Zonar riu daquele gesto involuntário, depois ele se sentou atrás da direção e o carro começou a se afastar do porto silenciosamente.

— Estou morto de fome — Aleko anunciou. — Mal posso esperar a hora do almoço!

— O ar do mar abriu seu apetite. — Íris acariciou o cabelo do menino e olhou para suas mãos. — Elas vão ter que ser lavadas antes do almoço, menino.

— Eu peguei numa gaivota, papai. Ela deixou, não é verdade Íris? Ela era tão mansa que eu podia até levar para casa.

— Uma criatura tão livre e tão selvagem não pode ser completamente domesticada, Aleko querido — disse o pai. — Ela se aproximou por causa do pão e, quando acabou, abriu as asas e voou de novo. Nem todas as criaturas se deixam ficar numa gaiola e, se você forçar, elas mordem sua mão ou ficam tristes num canto até que você acabe soltando. Pense como você ficaria triste se isto acontecesse.

— Mesmo assim, papai, ela era mansinha e tremia e os olhos dela brilhavam tanto... Aposto como podia pegá-la.

— Ela teria bicado — Zonar murmurou, enquanto entrava no pátio do Monarch Hotel. — Agora vamos comer aquele bife com batatas que você estava querendo tanto.

A sala de jantar era grande e dava para o mar e, como a mesa de Zonar ficava debaixo de uma janela, eles tinham uma vista muito bonita da baía toda. Íris aceitou um cardápio e percebeu que estava sendo estudada pelos hóspedes das mesas vizinhas. Eles sabiam que ela estava com o proprietário do Monarch e, como a mulher da loja, provavelmente a consideravam companheira do homem e não do menino.

E a aparência dele, Íris pensou, desanimada, tão másculo e autoritário que uma moça em sua companhia dava sempre a impressão de que lhe pertencia.

— O que você quer? — Zonar a olhou diretamente e, à luz do sol, ela viu nos olhos dele um brilho de zombaria. Ele sabia tanto quanto ela o que os outros estavam pensando e, como se quisesse jogar mais combustível no fogo, aproximou-se mais dela para indicar um dos pratos. — Eu escolheria salmão fresco, ou você prefere linguado na manteiga ou então coc-au-vin, que é peito de frango cozido no vinho e nos temperos?

— Eu... acho que vou comer uma omelete de queijo...

— Vamos, você tem que estar com fome depois de uma manhã tão cheia. Você já comeu salmão que não seja de lata?

— Mesmo o de lata, senhor, estava além das posses do Santa Clara. O senhor não deve encorajar em mim o gosto pelas coisas boas.

— Você vai ter que fazer mais penitência se eu insistir que coma salmão conosco?

— De repente os olhos dele perderam a expressão divertida e suas narinas se agitaram quase com raiva. — Ficarei danado se você fizer sacrifícios enquanto viver sob o meu teto. Você quer salmão, filé ou frango? Escolha imediatamente!

— O senhor é bem autoritário!

— Sim, quando se trata da teimosia de uma mulher. Primeiro os vestidos e o tormento de imaginar qual era a categoria de pecado que você estava cometendo... e agora uma posta de salmão! Estou apenas tratando você como trato meu filho, como o pai que você não conheceu.

Íris olhou para ele sem conseguir responder.

— Podia ser eu. — Seu sorriso era perverso. — Os meninos crescem depressa nas ruas de Esparta e as meninas também. Você foi muito protegida da vida, como se comprimida entre as páginas de um breviário, de modo que até o sol tocando em sua pele lhe dá a sensação de que ele está tomando liberdades.

O sol que atravessava as janelas aquecia a pele dela e a atmosfera daquela sala comprida era agradável, com as mesas bem espaçadas sobre o carpete e arrumadas com toalhas brancas como a neve, talheres reluzentes e cristais delicados, completamente diferente da vida disciplinada que conheceu durante tanto tempo. A comida tinha um cheiro delicioso e as outras pessoas tinham o mesmo ar de segurança e de desenvoltura de seu patrão. Conversavam com facilidade, partiam o pão e tomavam vinho com tranquilidade, como se não tivessem consciência de que o dinheiro que gastavam numa única refeição alimentaria uma família pobre por vários dias.

— Irresponsáveis — ela murmurou.

— Mas ousei dizer que, como meus irmãos e eu, eles trabalharam bastante para isto. — Zonar olhou-a com severidade. — Não seja uma puritana tão pedante, pois posso resolver que você não é uma boa companhia para Aleko e mandá-la de volta para seu mundo entre quatro paredes.

— Talvez isto seja o melhor... — Ela o olhou, incerta.

— Não! — Aleko de repente agarrou em seu pulso. — Não quero que você volte para lá! Você está aqui há pouco tempo e tem que ficar o verão inteiro. Você prometeu, Íris! Gosto de você, mesmo que papai não a ache tão atraente quanto as outras namoradas dele. Elas estão sempre perfumadas e se olhando no espelho, para pentear o cabelo ou pôr aquela coisa vermelha nos lábios. Elas me dão nos nervos... embora ache que aquela de Paris não era tão ruim assim.

— Você não precisava falar assim — Zonar repreendeu o filho.

— Bem, então não mande Íris embora — Aleko acrescentou. — Amanhã vamos de ônibus às cavernas de Shellstone. Já fizemos uma porção de planos, papai. Ela é ótima companhia, muito melhor do que Aquiles, que diz que falo demais, especialmente quando ele está estudando os programas de corridas de cavalo.

Zonar olhou para o filho com um ar esquisito no rosto.

— De uma maneira ou de outra, Aleko querido, você vai acabar absorvendo os hábitos de uma santa ou de um pecador, não é? E melhor que seja da santa, hein?

Íris mordeu os lábios ao ouvir a caçoada que havia na voz grave. Depois ele chamou o garçom e disse que iam escolher.

— Você já resolveu o que vai querer? — ele quis saber.

— O rosbife — ela respondeu, desafiando-o.

— E de entrada? — Os lábios dele contraíram-se.

— Melão, por favor.

— Os jovens vão querer melão — disse ele, caçoando —, depois, rosbife com os acompanhamentos comuns. Eu quero patê de fígado, salmão e uma salada. — Após ter feito o pedido, Zonar olhou para a sala de jantar e aprovou com a cabeça, com ar satisfeito. — O restaurante está bem cheio hoje, Ferdi. Parece que as coisas vão bem.

— Vão mesmo, sr. Mavrakis. A cozinha está funcionando muito bem.

— Ótimo. Quando há confusão na cozinha, o serviço atrasa e os fregueses ficam irritados.

O garçom sorriu rapidamente, depois foi buscar o primeiro prato, enquanto aparecia um segundo garçom, quase no mesmo instante, com uma garrafa envolta num guardanapo, dentro de um balde de prata. Zonar tirou a garrafa e examinou o rótulo, depois olhou para Íris.

— Você está para ser apresentada ao champanhe Dom Perignon — ele a informou. — Se há um vinho dos deuses, você vai prová-lo agora.

Íris olhou para o champanhe que estava sendo despejado em taças finas como tulipas. Podia sentir as pulsações loucas de seu coração quando o sol bateu no champanhe que borbulhava tentadoramente. Tentou não pensar no Santa Clara, onde as freiras e as alunas estavam no refeitório, tomando água durante a refeição.

— Sim, só um pouco para o menino — Zonar disse ao garçom.

— E uma bebida tão boa que não lhe vai fazer mal nenhum.

Aleko sorriu feliz para Íris e ela teve que responder ao sorriso.

Não era fácil para Zonar Mavrakis deixar de mimar o menino. O amor parecia ser assim, uma necessidade de ser generoso além das medidas para com a pessoa que está dentro do coração.

Zonar levantou o copo, primeiro para o menino, depois para Íris.

— Panta khara, como dizemos na Grécia. Seja sempre feliz, se isto for possível.

Quando tomou um gole da bebida deliciosa, Íris não pôde resistir e olhou para Zonar. As sobrelhas escuras estavam contraídas, e ele olhava para o mar iluminado pelo sol, como se seus pensamentos tivessem voado para a Grécia e para a felicidade fugaz que tinha conhecido. Para ele não durou nada, e Íris viu seus dedos apertarem o pé do copo e as alianças de ouro prenderem sua atenção, especialmente a que tinha sido tirada da mão de uma moça morta, talvez com um beijo.

— O clima aqui de Tormont é muito agradável — ele observou.

— A paisagem da costa é muito bonita e o local é cheio de História. Sim, é um bom lugar para se comprar um hotel. O que é que você acha do Monarch?

— E uma maravilha — ela admitiu. — Deve ter sido construído há muitos anos, mas notei que algumas partes foram modernizadas.

— Discretamente — ele concordou. — Nos últimos anos estava dando prejuízo, mas, agora que faz parte da Companhia Mavrakis, as coisas vão mudar. Enfrentei um pouco de oposição pelo fato de ser estrangeiro, mas sou teimoso e estou resolvido a ter êxito neste negócio. Daqui a algumas semanas, meu irmão Lion e sua mulher virão ficar aqui. Você vai gostar dela!

— Se o senhor não decidir de repente que minha contratação foi um erro. — Íris

sentiu o coração bater mais forte com a idéia de encontrar o irmão mais velho, o chefe da corporação, que tinha iniciado a ascensão da família.

— Ainda não me resolvi — disse ele secamente. — Você toma champanhe como se fosse sal de frutas borbulhando no seu nariz. Não está gostando, moça estranha?

— Sim, mas tenho que me acostumar com tanta coisa... Parece que o senhor não percebe.

— E nisto que você se engana. — Ele sorriu rapidamente. — Percebo, sim, ou, pelo menos, estou começando a perceber. Você é como um peixinho que foi tirado do aquário e jogado num lago enorme. Está confusa e eu tenho que fazer as devidas concessões.

Quando ele a olhou, quase com delicadeza, Íris sentiu que o copo de vinho tremeu em sua mão. Rapidamente ela o colocou na mesa, com medo de derramar o champanhe e exasperá-lo. Ela era uma pessoa estranha que ele procurava entender, acostumado que estava com moças que tomavam champanhe e aceitavam seus presentes despreocupadamente. O olhar atento que ele lhe dirigiu, no jogo de luzes, era prova suficiente de que ela tanto o deixava perplexo como o divertia.

Ela e Aleko comeram uma deliciosa mistura de melão com abacaxi. Zonar espalhou o patê em torradas, falando da diferença de colorido entre sua terra natal e Devon. Ele tinha ficado surpreso ao descobrir que os campos da Inglaterra eram tão verdes.

— Não sei se os ingleses percebem como é repousante para alguém que vem de uma terra quente encontrar esses campos verdes. Tem um efeito muito tranquilizante para o espírito, mas tenho que dizer que, em geral, os hotéis da cidade são um desastre. Os hotéis de Atenas são mais confortáveis.

— Atenas deve ser uma cidade muito interessante. — Íris olhou para o rosto grego, queimado pelo sol pagão de sua terra. Sua pele, comparada com a dele, devia parecer branca como a neve... Duas pessoas tão opostas quanto o gelo e o fogo.

— Tem muita História, tem vida, trânsito, como Londres. Há um bairro da cidade conhecido como A Plaka que é fascinante. É muito antigo e misterioso, bem bizantino, com casas e lojas comprimidas de cada lado de escadas estreitas de pedra. Lá você ouve a música grega e o rumor constante das contas passando pelos dedos de homens e mulheres. Lá você encontra artigos estranhos expostos e tem a impressão de ter recuado no tempo. É um lugar em que uma mulher não pode andar sozinha.

Ele tinha estado lá com uma mulher, Íris pensou, talvez abraçados enquanto paravam para olhar as barracas à sombra dos muros antigos, seus dedos finos pegando um berloque bizantino para a moça usar contra a pele queimada do pescoço.

— Você tem olhos grandes, srta. Ardath, mas que não são fáceis de ler. Acho que você gostaria da Plaka.

— Parece muito interessante — ela concordou.

— Mas você acha que nunca irá lá, não é?

— Parece difícil. Vou ter que trabalhar e só recebemos um salário simbólico. Às vezes as irmãs vão a Roma, e talvez eu tenha sorte de ir lá algum dia.

— Quando estiver velha? — ele deu um sorriso cínico. — Depois que a juventude e o interesse pela vida a tiverem abandonado?

— O senhor não entenderia.

— Porque você me considera pagão, um homem que luta pelo sucesso e aprecia as recompensas? — Ele estreitou os olhos. — O que a faz pensar que é tão santa? Não é à-

toa que as mulheres são consideradas obra do diabo!

Íris prendeu a respiração, não tanto pelo que ele dizia mas pela maneira como ele estava... furioso, como se quisesse sacudi-la até que seus dentes batessem.

— Sei que o senhor sabe tudo sobre as mulheres — disse ela antes que pudesse se impedir, mas ele deu um sorriso irônico.

— Muito mais do que você sabe sobre os homens.

Nesse instante o garçom se aproximou com um carrinho, trazendo o rosbife fumegante, batatas e o molho. Enquanto Aleko olhava, admirado, ele cortou a carne com uma faca brilhante. O menino parecia tanto com o pai, Íris refletiu: ele procurava agarrar tudo o que a vida lhe oferecia.

— Parece ótimo — Aleko suspirou.

— Está sim, garoto. — O garçom sorriu para ele. — Você acha que agüenta comer três batatas?

— Sim, por favor, e bastante molho. Gosto muito de molho.

— Estou vendo. — O garçom olhou para Zonar Mavrakis. É a primeira vez que vejo seu filho e sua filha, senhor.

Íris não sabia para onde olhar, enquanto Aleko caiu na risada. Para alívio de Íris, seu patrão não levou o comentário muito a sério. Com voz seca, ele explicou que ela era governanta de Aleko.

— O senhor me desculpe... — O garçom ficou tão vermelho quanto a carne que estava cortando.

— Não se preocupe. — Zonar contraiu os lábios. — Na verdade, tenho idade suficiente para ser pai dela... Aleko, se você puser mais mostarda, a carne vai ficar intragável. Largue o pote imediatamente.

— Gosto de mostarda, papai.

— Há coisas de que todos nós gostamos, mas que não podem ser usadas em grandes quantidades. Sua língua não está ardendo?

Aleko concordou e Zonar pediu que o garçom pusesse mais molho na comida do menino, para suavizar o gosto da mostarda.

— Como você está vendo, um filho já é suficiente para um grego ocupado, especialmente se ele não tem mulher.

O garçom ficou aliviado ao constatar que não tinha ofendido seu patrão. O salmão de Zonar foi servido e eles continuaram a almoçar, Aleko lançando olhares travessos para Íris e para o pai.

— Você está se divertindo, não é mesmo?

— Não posso fingir que Íris é minha irmã?

— Não, não pode. Ela é sua governanta e tem que ser tratada com o devido respeito.

— Por que não tenho uma irmã? — Aleko perguntou, pondo uma garfada de batata na boca.

— Porque não tem... Seu queixo está sujo de molho, enxugue logo.

Aleko passou o guardanapo no queixo, mas continuou com os grandes olhos pretos fixos no pai.

— Eu podia ter uma irmã se você se casasse de novo, papai.

— Você acha isso? — Zonar tornou a encher os copos de vinho e Íris sentiu no rosto o olhar divertido. — Por que este interesse súbito num aumento de nossa família? Pensei que nós dois estivéssemos contentes um com o outro.

— Teria alguém com quem brincar quando você estivesse trabalhando. — Aleko insistiu. — Não sei por que Íris não pode ficar sendo minha irmã, aí ela não ia precisar voltar para aquele lugar atrás dos muros. Parece muito triste e não acho que tenha muita coisa para comer.

— Bem, mas sua Íris agora está tendo uma compensação, não é? A carne está de seu gosto, srta. Ardath?

— Está deliciosa, obrigada. — Ela queria que Aleko parasse de insinuar que o pai devia adotá-la, percebia que isto divertia seu patrão de uma maneira sutil, quase irritante. — Muito obrigado por ter-me trazido ao hotel para almoçar.

— Você não imaginava que eu pudesse ser amável?

— Sim, mas uma governanta não espera esse tipo de tratamento.

— O que ela espera? — Seu olhar prendeu o dela, ligeiramente caçoísta. — Você quer dizer que não devia tê-la posto em posição de passar por minha filha?

Ela hesitou por um momento, depois concordou.

— O senhor deve ter-se sentido embaraçado.

— Não queira adivinhar meus sentimentos, srta. Ardath. É preciso muito mais do que isto para me fazer corar. Talvez você tenha ficado embaraçada com o engano.

— Tenho certeza de que não pareço assim tão jovem.

— E isto quer dizer, então, que eu não pareço tão velho?

— Dificilmente usaria essa palavra em relação ao senhor. — Íris abaixou a cabeça, pondo-se a comer depressa. Agora ela queria que tudo terminasse depressa para poder voltar para casa com Aleko, deixando Zonar atrás de sua escrivanhinha no hotel.

Mas não foi isso o que aconteceu; ele quis tomar café no jardim de inverno, perto da longa fileira de janelas francesas, de onde avistavam o mar banhado pelo sol.

— O dia está lindo hoje! — Zonar esticou-se numa poltrona, com um charuto entre os dedos. Um sorriso surgiu e foi embora, enquanto acendia um fósforo de uma caixinha com o desenho do Monarch. Ele apagou a chama lentamente, soltando a fumaça perfumada. — Você leva a vida muito a sério, não é, srta. Ardath?

Ela tomava café, sentada numa poltrona, com as costas muito retas. Aleko tinha-se acomodado numa das cadeiras perto das janelas e estava pronto para dar uma cochilada depois do ótimo almoço. Só havia algumas pessoas no jardim de inverno e a atmosfera estava serena... quase íntima.

— Não sou uma pessoa frívola.

— Não, você tem um ar antiquado que não desagrada a um homem de negócios. Como foi criada num convento, você nunca pôde seguir seus impulsos, hein?

— Minha natureza não é impetuosa, senhor.

Ele a observou por entre as pálpebras semicerradas, enquanto a fumaça pairava no ar.

— Mesmo assim, é natural que uma moça queira tirar algum prazer da vida. Você

não pode se transformar numa mulher madura eliminando os melhores anos... É como cortar rosas ainda em botão, não deixando que elas se abram ao sol.

— Estes anos serão bem empregados.

— Pelos deuses, o que isto quer dizer?

— Acho que está perfeitamente claro, senhor.

— Você sabe realmente tudo o que está jogando fora, para empregar bem sua vida, como acabou de dizer? Há muitas outras maneiras de ser útil, sem fechar a porta para uma vida normal... Em sua alma tão jovem não pode haver só piedade, tem que haver um pouco de romance!

— O romance só existe nos contos de fada.

— Quem foi que lhe disse isso?

— Meu bom senso, senhor.

— Para o diabo com o bom senso em sua idade! Você não quer dançar e namorar e ser beijada ao luar? Por acaso lhe ensinaram que os desejos do corpo são pecados que devem ser reprimidos até morrerem de inanição, santificando-a?

— Quaisquer que forem os meus sentimentos, sr. Mavrakis, o senhor não deve espicaçá-los... como um menino cutucando um caranguejo com um pau!

— Já estou atingindo o alvo. Quero que você tenha sentimentos e sensações que ainda não experimentou.

— Para o senhor é apenas um jogo. — Ela estava abalada. — Quando o vi pela primeira vez no gabinete da madre superiora, achei que o senhor poderia ser cruel.

— Cruel? Minha bobinha, você é que seria cruel condenando-se a uma vida reclusa. Você é jovem demais para saber o que se passa em sua cabeça!

— E o senhor sabe, por acaso?

— Acho que você não devia excluir o amor de sua vida até ter uma oportunidade para conhecê-lo. Todo mundo deve se apaixonar, pelo menos uma vez na vida... pode ser irresistível.

Íris olhou-o sem dizer nenhuma palavra, imaginando como tinham chegado a discutir um assunto tão íntimo. Ela queria, então, parecer tão fria quanto o vestido branco que estava usando, mas sentia uma espécie de calor tomando conta de sua pele e só podia torcer para que ele não o percebesse com seus olhos penetrantes.

— Você não tem curiosidade sobre esse conflito sensual e misterioso, conhecido por amor? — ele perguntou, examinando-a intensamente com os olhos semivelados pela fumaça do charuto.

— O... o senhor não tem o direito de me perguntar uma coisa dessas, sr. Mavrakis, e sabe muito bem disso.

— Enquanto pagar por seus serviços, srta. Ardath, considero-me no direito de conversar, e é o que estamos fazendo.

— O senhor faz perguntas e eu tenho que respondê-las. O senhor está curioso porque vou ser freira. Acho que não teria interesse nenhum para o senhor se não fosse por isto. Não tenho nem um pouco do encanto que o senhor aprecia.

— O encanto vem de potes e tubos, e é artificial. Você está sendo presunçosa quando diz que gosto desse encanto. As duas mulheres mais intrigantes que conheci não se pintavam, nem desfilavam, nem precisavam de homens para admirá-las. Seu calor e seu

encanto estavam na habilidade em amar um homem além delas mesmas. Você seria capaz disto?

— Eu... não devo nem pensar nisso.

— As coisas que passam pela cabeça podem ser perturbadoras, não é mesmo?

— Ela afastou os olhos. Aquele homem podia brincar com ela de maneira a fazê-la sentir-se indefesa. Ela queria que ele se comportasse como um patrão convencional, que a tratasse com uma delicadeza casual. Ele realmente não tinha o direito de sondar seus pensamentos, menos ainda os relacionados com seu futuro no Santa Clara.

— O senhor não acha que devo levar Aleko para casa? — Íris começou a se levantar da cadeira.

— Sente-se e relaxe. Aleko está muito bem. Você está morrendo de vontade de fugir de mim, não é?

— O senhor faz perguntas demais e depois usa de sua autoridade para obrigar-me a respondê-las.

— Os gregos têm um interesse natural por outras pessoas, eles não têm a reserva dos ingleses.

— Porque somos reservados, sr. Mavrakis, ficamos aborrecidos com a curiosidade a respeito de nossa vida particular.

— Sei disto. A mulher de meu irmão é inglesa e já conheço esta reserva. Afeta tanto algumas mulheres que elas suportam sofrimentos emocionais e medo sem um murmúrio de protesto. Ser grego é estar em contato com os aspectos simples da vida, e eu não tenho paciência com os jesuítas que ensinam que a abnegação é o caminho do paraíso. — Ele bateu a cinza do charuto e seus olhos pareciam penetrar em Íris. — Sei que há outros caminhos.

Íris prendeu a respiração, percebendo a implicação que havia naquelas palavras.

— Não convém que todos tomem — ela protestou. — Alguns têm que dar.

— E você é uma destas?

— Gostaria que fosse assim.

— Menina dos sapatos grandes, aqueles sapatos que deram para você usar são instrumentos de tortura. Tudo isto faz parte do treinamento, para que as noviças fiquem com os pés cheios de calos?

— O Santa Clara vive da caridade, por isso não podemos ter os sapatos da moda. O senhor não devia dizer à moça da loja para jogar minhas roupas fora.

— Terei que compensar mandando um cheque bem gordo para o Santa Clara?

— O senhor acha que o dinheiro pode comprar tudo.

— Pode comprar muita coisa, jovem. Os irmãos Mavrakis não gastam tudo em vinho, mulheres e canções. Empregamos grande parte de nossos lucros em novos negócios, para que sejam criados outros empregos. Assumimos a direção deste hotel para que continuasse funcionando. É uma beleza, mas precisa de muitos empregados. Nunca dará grande margem de lucro, mas parece uma pena que caia na obscuridade, precisando, finalmente, fechar suas portas. Veja o tamanho deste jardim de inverno e o esplendor do salão de baile. As três e meia, quando o chá começa a ser servido, um pianista vem tocar no piano grande. A aura deste lugar pertence aos anos vinte e trinta... É como recuar no tempo, e pretendo preservar esta atmosfera. — Ele estava com as pernas esticadas e o

olhar perdido. — Fenella vai gostar — murmurou.

— Ela é muito bonita? — Íris perguntou sem querer.

— Sim, como um lírio delicado encontrado por acaso na margem de uma lagoa perdida num bosque. Ela faz um contraste tão grande com meu irmão que é surpreendente vê-los juntos. Ele é o grego mais forte que já conheci.

— Mais forte que o senhor? — Ela não podia imaginar ninguém mais forte nem mais assustador do que Zonar Mavrakis.

— Você não me julga capaz de ter nem ao menos um pouco de ternura?

Íris pensou na maneira como ele tratava Aleko... Ela tinha visto os dois brincando no chão do quarto do menino, suas risadas se misturando, o cabelo preto despenteado. Sim, ele podia ser vulnerável no que se referia a Aleko. O irmão mais velho não tinha filhos.

— O senhor tem seus momentos de ternura, naturalmente — disse ela, desviando o olhar, tomada por uma estranha sensação de falta de ar. Salvando Aleko do desastre que matara sua mulher, Zonar, tinha passado por muitos sofrimentos, que talvez ainda estivessem entranhados em seu coração, em sua medula, alimentando suas recordações com fragmentos de seu amor. Esses ferimentos tinham deixado sua marca... Ela sentia nele uma ameaça, uma fúria, uma necessidade profundamente reprimida de tornar a sentir o que sentira por sua jovem mulher grega.

Um turbilhão estranho e confuso agitou-se dentro de Íris, que olhava para fora das janelas, querendo evitar o homem que havia dentro do magnata. A vontade de confortá-lo tinha que ser reprimida. Ela não podia exprimi-la como as outras mulheres. Para elas, não havia pecado nem arrependimento, caso se entregassem a Zonar Mavrakis por um curto espaço de tempo, até que ele ficasse entediado por causa da rapidez com que as conquistara. Elas ofuscavam as recordações que, na verdade, nunca o abandonavam, e depois, com um sorriso cínico, ele as despedia com uma jóia ou um casaco de pele.

Íris sabia disto com tanta certeza quanto via o sol na superfície do mar, brilhando com tanta força, mas fadado a morrer quando o dia declinasse e a escuridão tomasse conta da água.

— Você é tão profunda quanto o mar.

Ela olhou para ele, pensativa, os olhos castanhos contrastando com a pele branca.

— Estava pensando que o mar tem um tipo de beleza terrível.

— Como o amor — ele murmurou.

— Não sei nada sobre isto, senhor. — Ela tentou parecer despreocupada.

— É claro que não! — Sua voz estava ligeiramente zombeteira. — Você é completamente inocente, não é mesmo? Sem dúvida, as boas irmãs lhe ensinaram os rudimentos, mas deixaram de explicar que, às vezes, o ser humano reage instintivamente a um outro, como uma abelha voando às cegas em busca de mel. O amor é o mel da vida.

E também agonia, ela refletiu, pois cada palavra parecia, atingir um nervo de seu corpo. Ele não podia desconhecer o poder e o magnetismo que possuía, e era como se a estivesse atraindo para um vóo às cegas, sabendo que ela podia se ferir mais profundamente do que qualquer outra moça mais mundana. Por que agia assim? Algum instinto que o fazia vingar-se da divindade que havia sido tão cruel com a moça que amava?

Íris procurou a resposta no rosto moreno, nos olhos penetrantes, no maxilar anguloso, no sorriso enigmático. Mesmo sentado ali, com ar descansado, ele podia estar planejando humilhá-la, até que não sobrasse nenhuma fração de sua inocência. Ela seria

destruída... e não poderia voltar para o Santa Clara para fazer os votos de castidade.

O silêncio era muito grande no jardim de inverno, eles estavam sozinhos e uma nuvem cobriu o sol.

— Às vezes é possível sentir a terra se movendo, não é?

Íris olhou para ele, a confusão aparecendo em seu rosto.

— Vamos, não me diga que você nunca sentiu isto, ou seus pés estão longe demais da terra?

— Não, senhor. Não vivo com a cabeça nas nuvens.

— Estou notando qualquer coisa diferente em sua voz, srta. Ardath. O que você está tentando me contar?

— Pelo que aconteceu com minha mãe... sei que as pessoas podem esconder a crueldade por trás de seu charme.

— Como o mar esconde os tubarões, hein?

— Sim, se o senhor quer se exprimir assim...

— Já viajei pelos mares da Grécia e é muito fácil confundir um golfinho com um tubarão. Ambos têm a pele lisa e lúzida, nadam rapidamente, mas um é manso e o outro não.

— Se o senhor tem dificuldade em distinguir um peixe assassino de um inofensivo, imagine então como me sinto — Íris comentou, olhando diretamente em seus olhos.

— Você acha que não é prudente deixar-se apanhar por meus dentes, hein?

— Não tenho razão, senhor?

Ele a examinou em silêncio.

— Você é atrevida, menina. Como é que isto sobreviveu naquele lugar?

— Foi difícil... — Ela prendeu a respiração ao perceber que tinha admitido para ele que qualquer impulso da índole era reprimido e que órfãs como ela deveriam ser quietas, agradecidas e submissas.

— Então a freirinha dócil revolta-se por dentro? — ele caçoou.

— Foi o senhor... — o rosto dela estava em fogo — o senhor me forçou a responder...

— E respostas espontâneas, senhorita, são mais verdadeiras do que as estudadas.

Era verdade e ela não podia negar, houve uma época de revolta, na qual ela queria perguntar por que suas mãos eram mergulhadas numa pia cheia de água engordurada com mais frequência do que as mãos de sua amiga Colette. E por que ela estava sempre ajudando na lavanderia enquanto a francesinha era chamada para colher verduras na horta ou maçãs no pomar?

Em seu coração, Íris sabia a resposta: até as religiosas escolhiam entre a pobre e a princesa. Afinal, a aluna que pagava é que tornava possível ao Santa Clara sustentar uma órfã. Às vezes Íris acordava de noite e descobria que estava chorando, tinha achado que era uma boba, mas agora percebia que, inconscientemente, tinha chorado por causa da injustiça da vida.

Parecia que se você já tivesse alguém para amá-la, então os outros a amariam também. Mas se ninguém se importasse com você, então você era ignorada como pessoa e tratada quase como uma abstração. De você, esperavam apenas o cumprimento do dever e não a alegria e o charme de alguém como Colette. Você lavava os pratos e passava as

roupas, descascava os legumes e servia as mesas, caía na cama morta de cansaço e ouvia, como num sonho, alguém soluçando. Você acordava sobressaltada, descobrindo que era você que chorava.

Íris ficou perdida em seus pensamentos, o tempo entre o almoço e a hora do chá devia ter passado, porque um piano estava tocando uma música suave que ela nunca tinha ouvido, e havia o tilintar de xícaras e colheres, e o som de vozes. A nuvem tinha ido embora e o sol brilhava de novo, mais dourado do que nunca.

Íris levantou os olhos, assustada, quando Zonar Mavrakis ergueu-se de repente. Ela fitou-o, mas ele olhava em outra direção, para alguém que entrava no jardim de inverno por um dos arcos.

— Você não está contente em me ver de novo? — perguntou uma voz alegre.

A voz tocou uma corda em Íris... quente, segura, e com sotaque francês. Ela se virou para olhar e incredulamente Colette Morei saiu de seus pensamentos para se tornar realidade. O cabelo caía sobre seus ombros em ondas delicadas. Ela estendeu para Zonar Mavrakis uma mão elegante, com unhas muito bem tratadas.

— Dieu, olhar de novo dentro desses olhos gregos, tão profundos! Eles ainda se lembram de mim?

— Pelos deuses! — Ele sorriu, divertido. — O que você está fazendo aqui?

— Vim para ficar, meu amigo. — Colette aproximou-se dele, sem ver Íris, que se sentia presa na cadeira.

— Aqui no Monarch?

— Ouvi dizer que os irmãos Mavrakis tinham comprado o hotel. Fiz algumas perguntas discretas.

A mão dela continuava na dele, o rosto encantador estava levantado para ganhar um beijo e Íris não pôde deixar de observar quando Zonar inclinou a cabeça e encostou os lábios na face perfumada. Alguma coisa doeu em Íris: um dardo pontudo lembrando-lhe que Colette sempre conseguia o que queria.

CAPÍTULO V

O jardim da casa era maravilhoso e Íris gostava de ficar andando à-toa quando podia dispor de algum tempo livre. Ela e Aleko tinham passeado de barco e agora o menino fingia que era um marinheiro, dormindo numa rede que o empregado tinha armado entre duas árvores.

Íris sorriu consigo mesma enquanto passeava pelos caminhos que davam voltas pelo jardim, subiam e desciam, de modo que o mar podia ser visto de quase todos os ângulos. Aleko era um menino divertido e criativo e a cada dia que passava ela ficava mais ligada a ele. Sentiria muito quando tivessem que se separar, mas naquele momento tudo estava tranqüilo e o verão não ia terminar tão cedo.

Passou por uma touceira de azaléias, algumas cor de pêssego, misturando-se com os tons mais escuros dos rododendros. Quase não tinham cheiro, ela percebeu, mas as cores compensavam. Abrigou-se embaixo dos galhos de um olmo enorme, que escondiam um pequeno mirante, onde às vezes se sentava para ler. Na biblioteca da casa havia encontrado uma grande quantidade de livros, alguns tão românticos que ela se divertia em levá-los para aquele lugar, para ler sobre essa emoção que tinha sido excluída de sua vida com tanto rigor.

Ela achava os livros curiosamente absorventes e percebeu logo que não pertenciam ao homem que tinha alugado a casa para passar o verão. Eram da proprietária, uma viúva que saía da Inglaterra todos os anos nessa época, para ficar com a filha em Florença. Uma mulher solitária, Íris deduziu, que encontrava consolação colecionando obras de ficção altamente imaginativas. Era só ficção. Na vida real, ninguém se apaixonava tão profundamente quanto as pessoas nos livros. Íris os lia com um sentimento de culpa, pois não eram do tipo de livro aprovado pela madre superiora. Ela aconselharia Íris a não acreditar em nenhuma palavra daquele exagero todo.

Íris parou para admirar uma moita de margaridas amarelas e de campainhas azuis. Podia ouvir uma abelha zumbindo entre as flores, onde iria se cobrir de pólen e carregar o néctar para sua colméia.

O amor é o mel da vida... As palavras dançavam em sua mente. Seu patrão havia dito isso naquele dia no hotel, quando Colette entrara inesperadamente em suas vidas. Mesmo agora Íris se sentia surpresa. Não imaginava que seu caminho pudesse cruzar novamente com o de Colette. Quando se separaram no convento, parecia inevitável que seguissem rumos diferentes: Colette para o mundo da moda, que sempre a atraiu, e Íris presa num mundo onde não eram aprovados os enfeites do corpo.

Íris estendeu a mão para acariciar uma flor. As pétalas eram macias e ela ficou comovida com a perfeição das flores. Uma abelha enfiava o corpo numa flor, zumbindo, ocupada em se envolver no pó dourado. Íris não podia imaginar como era ser modelo e desfilas para as freguesas, como Colette. Mas tinha visto que a francesa tinha se tornado uma mulher sofisticada, do tipo que Zonar Mavrakis achava atraente.

Ela era um dos manequins de um famosa loja parisiense que tinha aberto uma filial em Londres.

— Eu podia tirar férias, chérie. — Ela passou as unhas brilhantes no maxilar anguloso de Zonar. — Achei que podia passá-las em seu hotel... como é elegante, mon ami, no alto de uma colina, como o Palácio do Sol de Apolo!

Colette fitou os olhos dele e deu aquele sorriso malicioso de que Íris lembrava tão bem, muitas vezes lhe valera o perdão enquanto Íris acabava na cozinha com uma pilha de pratos para lavar.

Distraída com o homem, Colette ainda não tinha visto Íris, e quando a notou, por fim, os olhos oblíquos aguçados pela surpresa, houve entre elas uma sensação de constrangimento e não o prazer de duas velhas amigas reencontrando-se.

— Que diabo você está fazendo aqui? — Colette exclamou, examinando Íris para ver se não se enganara. — E por que está vestida assim? Você não entrou para o convento?

Se Íris esperava a renovação da velha amizade, suas esperanças foram por água abaixo. Percebeu imediatamente que ela e Colette sempre tinham vivido em mundos diferentes; sorriu, mas sentiu uma pontada no coração por ter que se desfazer de suas recordações.

As duas agora eram adultas e havia um brilho de desconfiança nos olhos da

francesa.

— Não me diga que você pôde sair do Santa Clara sozinha! Não é perigoso? Há muitos homens por aí! — Ela riu e virou-se um pouco para que o encanto de sua figura ficasse mais aparente ao homem que olhava com curiosidade para as duas moças. — Ficamos nos conhecendo no Santa Clara — Colette explicou. — Íris era sempre muito bem-comportada mas, por incrível que pareça, era sempre repreendida. Eu costumava dizer-lhe que valia a pena ser mal-comportada porque o castigo por ser boa é sempre mais severo. Não via a hora de ir embora de lá! Tente me imaginar como freira!

Ela fez uma pose de manequim diante dele, sorrindo, mas Zonar levantou as sobrancelhas e chamou uma garçonete.

— Venha tomar chá conosco. Agora é regra aqui no Monarch que os sanduíches sejam deliciosos, os bolos muito frescos e a música do piano nunca seja moderna.

Colette mergulhou graciosamente numa poltrona, enquanto Íris estava tensa em sua cadeira. Sentia-se uma intrusa, e havia alguma coisa indefinível na maneira como Colette a tratava, que a deixava com a sensação de ser uma empregada. Queria deixar Zonar sozinho com sua hóspede, mas Aleko estava dormindo profundamente perto da janela, sem saber que a moça de Paris tinha se materializado ali no Monarch.

A brisa soprava no jardim trazendo o cheiro do mar. Íris pôs a mão nos cabelos curtos, onde os raios de sol produziam reflexos. Ela usava uma blusa aberta no pescoço e uma saia marrom. Seus pés estavam calçados com sandálias novas e suas pernas nuas estavam bronzeadas pelo sol. Do outro lado da baía, o céu começava a colorir-se. A longa linha de penhascos perdia-se na distância. Ela adorava a beleza e a melancolia do fim da tarde, a maneira como as gaivotas voavam e piavam nas pedras. Por um instante, sentiu-se tranqüila, relaxada e livre da estranha tensão que a dominava quando estava na casa.

Estremeceu quando ouviu o barulho de passos: Zonar se afastava. Virando-se, viu Colette, sozinha no jardim agreste, com um tailleur branco e uma blusa escarlate. O "C" de Chanel estava em sua bolsa e um lenço de gaze, colocado com elegância, protegia o cabelo da brisa do mar. Seus lábios brilhantes curvaram-se num sorriso quando examinou Íris da cabeça aos pés.

— Nem parece que você ficou mais velha! Você nunca usa maquiagem para tirar o brilho do rosto?

— Nunca me ocorreu — Íris admitiu. — Não sei me pintar e a madre superiora não iria aprovar.

— Como vai ela? Sempre fiz o que queria com ela, mas acho que, no meu caso, ela sabia que era perda de tempo tentar me reservar para coisas melhores.

— Ela vai muito bem. Você sempre foi a favorita dela. Você dava vida ao convento.

— É mesmo, chérie. — Colette olhou em volta, franzindo as sobrancelhas bem-feitas. — Espero que aqui não haja mosquitos. Não quero ser picada... Eles não a perturbam, andando assim com os braços e as pernas nuas? Sua pele é muito clara e é do tipo que eles picam.

— Uso um repelente. Quando vim aqui pela primeira vez, descobri que era propensa a ser picada e as picadas incomodavam e ficavam inchadas, por isso o kyrios sugeriu que eu comprasse um bom repelente, perto do porto. Graças a Deus, funciona!

— O kyrios? — Os olhos oblíquos de Colette mostravam curiosidade. — Você está se referindo a Zonar? É assim que você o chama?

— Sim. — Íris estava um pouco espantada com a quantidade de maquiagem que

sua ex-colega de convento usava. No Santa Clara todas usavam o rosto lavado. — Significa "senhor", em grego. Afinal trabalho para ele e a palavra parece adequada.

— Sim, ele é muito autoritário. — Os olhos oblíquos ficaram mais estreitos e brilharam entre os cílios escurecidos. — Você o acha sensacional, Íris?

— O... o que você quer dizer com isso? — O coração de Íris batia descontrolado.

— Chérie, você não é tão inocente assim! — Colette deu uma risada de desprezo. — Você sabe muito bem o que quero dizer. Você mora nesta casa e o vê sempre e deve ter percebido alguma coisa.

— O que, por exemplo?

— Energia, uma arrogância diabólica....

— Ah, isso!

— Dieu! — Colette olhou para o céu, fingindo desespero. — Sei que você pretende tomar o véu, mas não me diga que pode viver na mesma casa com aquele grego e se sentir espiritual o tempo todo! Os olhos dele me deixam com as pernas bambas! Podia mergulhar neles e me afogar! Eu tinha que vê-lo de novo, e quando vi você com ele... por um instante pensei que estavam casados!

— Que absurdo! — Íris recuou como se tivesse levado um soco, sem perceber que o atalho atrás dela acabava na beira do penhasco. Sua figura esbelta delineava-se contra o céu rosado e ela estava na defensiva.

— É claro que é absurdo! — Colette deu uma risada. — Mas ele pensa tanto no menino que podia muito bem ter se casado só por causa de Aleko, sem considerar seus próprios sentimentos. Os gregos gostam muito dos filhos e fazem qualquer coisa por eles.

— Chegam até a se casar com alguém como eu para que eles tenham uma mãe? — A voz de Íris estava fria. — Acho que o sr. Mavrakis não está precisando tanto assim de uma mulher... e eu me coloco no fim da lista de pretendentes.

— Eu também a coloco, chérie — Colette disse. — Você não é do tipo dele, mas foi porque estavam juntos. Por um momento passou por minha cabeça que ele podia ter se casado com você... quero dizer, você não é do tipo que interfere na vida de um homem, ou que se impõe a qualquer preço. Aleko teria uma mãe, mas Zonar ainda seria emocionalmente livre para... — Colette interrompeu-se com uma risada significativa. — Você está me entendendo, não é?

— Você se refere a uma mulher apenas no nome — Íris disse com serenidade. — Um casamento de conveniência, acho que se chama assim.

— É assim mesmo que se chama. — Colette parecia surpresa por Íris saber disto. — De certa maneira, não é muito diferente de entrar para o convento, pois a mulher continua virgem... É o que você sempre quis, não é?

— Não vou discutir esse assunto — Íris respondeu. — Nem aquela outra bobagem. O sr. Mavrakis me empregou para tomar conta de Aleko por algumas semanas, por isso, Colette, não precisa se preocupar com a idéia, por mais remota que seja, de que ele quer se casar comigo.

— E você perguntou-me? — Colette abriu a bolsa, tirando uma cigarreira de ouro. — Você não fuma, não é mesmo?

Íris disse que não, olhando as unhas pintadas de Colette, enquanto a moça pegava o isqueiro e inclinava a cabeça para acender o cigarro. Quando ela soltou a fumaça, seus olhos encontraram os de Íris.

— Você sempre foi misteriosa... do tipo que sofre em silêncio, hein? Mesmo que Zonar Mavrakis a tenha abalado, você preferiria ser queimada viva a ter que admitir isto. Costumava dizer, quando éramos colegas, que eu não suportaria viver sem os braços de um homem ao meu redor. Dieu, se há um paraíso na terra, está num par de braços fortes, em lábios que esmagam e queimam e dizem coisas loucas. Como é que você pode excluir de sua vida uma experiência tão emocionante? Você não sente curiosidade?

A brisa que soprava da baía esfriou de repente e por um instante Íris lembrou-se de Zonar Mavrakis, de como o vira numa manhã, voltando da praia, usando apenas calças descoradas pelo sol, o cabelo molhado caído na testa. Tinha ficado muito quieta, com a respiração presa, quando ele passou pelo bosque onde estava, mas sentiu intensamente a graça de seus movimentos, o controle que ele mantinha sobre sua força física. Como ele trazia apenas uma toalha, imaginou que tinha nadado nu e que seu corpo devia estar bronzeado por igual, da cabeça aos pés.

Como Colette tinha dito, não era possível viver na mesma casa que Zonar e não tomar conhecimento dele como homem, mas isto era segredo e nada a faria revelá-lo. Colette era a última pessoa no mundo que seria sua confidente, já não eram mais colegas e a francesa estava apaixonada por ele.

— Você não precisa quebrar a cabeça tentando me decifrar — Íris disse com voz despreocupada. — Você e eu sempre fomos os opostos.

— E os opostos se atraem, pelo menos é o que dizem. — Colette soltou a fumaça por entre os lábios pintados, mas o brilho penetrante ainda estava em seus olhos esverdeados. — Você tem vivido como uma freira e, apesar de Zonar estar viúvo há nove anos, ele não tem vivido como um monge. A situação é excitante, não é? Está entendendo minha curiosidade?

— Você sempre foi curiosa — Íris concordou. — Posso imaginar sua surpresa ao me encontrar com o homem que conheceu em Paris...

— Paris — Colette suspirou. — Não há cidade no mundo mais romântica, e ele me levou para dançar e depois para casa, quando o dia já estava amanhecendo e o céu se refletia no Sena. Achei que Zonar sentia alguma coisa por mim, mas ele é desconfiado como um tigre que teme uma armadilha. — Colette soprou a fumaça em Íris, sorrindo. — Ele é o tipo de homem que procuro. Os irmãos Mavrakis formam um trio formidável e foi com a mulher de Demi Mavrakis que obtive a informação que me trouxe aqui... Ela é muito elegante e gasta rios de dinheiro em roupas. — Colette examinou seus próprios sapatos, sua meia fina, a caída de sua saia. — Lá no costureiro ela é tratada como uma princesa. Ela é chique, mas não é nenhuma beleza. Vestida com as roupas que ela pode pagar, eu a ofuscaria com toda a facilidade. Ela tem aquele tom moreno que é tão atraente num homem, mas que não fica bem numa mulher.

— Ouvi dizer que a mulher do irmão mais velho é muito bonita — disse Íris, com um pouco de maldade.

— É mesmo? — Colette sacudiu os ombros. — Se ele tem mais que quarenta anos, ela deve ser mais ou menos da mesma idade.

— Ela é muito mais moça e é loira.

— Zonar fala da família com você... uma governanta?

— Ele contou que a mulher de Lion é inglesa.

— E quando é que vocês têm essas conversas domésticas?

— Geralmente depois que Aleko vai para a cama.

— Que íntimo! — Colette olhou para Íris, cuja silhueta se destacava no crepúsculo, perto da beira do penhasco.

O céu parecia um pedaço de cetim vermelho, com fiapos de ouro. Íris parecia fazer parte do cenário, entre as sombras que se alongavam e as folhas que tremulavam.

— Assim você ganha o dia, à espera, de que ele chegue em casa para ficarem sozinhos... E não me diga que você fica sentada como uma freira enquanto ele a fita com aqueles olhos negros e lhe fala naquela voz grave... E talvez até toque em você!

— Não deixo que ele me toque!

— Ele não pediria sua permissão, chérie. Os irmãos Mavrakis gostam de tomar. Dizem que depois de arder por causa de uma paixão grega, uma mulher nunca mais se sente aquecida nos braços de outro homem qualquer. — Colette deu um passo para a frente.

— O que está acontecendo realmente? Alguma coisa que a madre superiora preferiria não ouvir?

O mar estava iluminado pelo sol que se punha e agora uma sombra violeta enchia de melancolia o jardim no alto do penhasco. Uma brisa soprava por entre as árvores e o perfume das flores parecia muito mais forte.

Íris sentiu-se ameaçada... Era absurdo ficar tão nervosa por causa de alguém que tinha sido sua amiga, mas parecia que Colette queria arrancar-lhe os olhos. Instintivamente deu um passo para trás, e no momento seguinte estava caindo e procurando desesperadamente alguma coisa para agarrar, qualquer coisa que a impedisse de mergulhar no escuro até o lugar em que o mar batia nas pedras!

A pele de suas mãos ardia e seus ossos pareciam fora do lugar quando ela conseguiu agarrar o galho de um arbusto que se projetava do penhasco. Todos os seus nervos vibraram quando parou de rolar e ficou pendurada, segurando-se desesperadamente no galho com as mãos feridas.

— Meu Deus! — conseguiu falar, enquanto o coração batia de medo e de susto. — Ajude-me!

Seus pés procuraram um apoio, arranhando-se na superfície áspera da escarpa. Se ela não descarregasse o peso em outro lugar, o galho iria soltar-se da pedra onde tinha nascido e ela se arrebentaria nas pedras como um ovo caído de um ninho. Seu corpo cobriu-se de suor frio... Colette demoraria muito para trazer socorro? Os ligamentos de seus braços estavam ardendo demais e, na tentativa de encontrar um ponto de apoio, estava quase quebrando os dedos dos pés.

O tempo parecia ter parado, mas, retorcendo o corpo, conseguiu apoiar os pés numa saliência, aliviando um pouco a dor nos braços e no pescoço. Porém, sentia que suas forças estavam sumindo gradualmente e que não ia agüentar muito mais.

Ouvia o mar batendo embaixo, quebrando-se raivoso nas pedras, na escuridão.

Santa Mãe de Deus... — ela murmurou, tentando não pensar no que aconteceria se caísse. Um tremor percorreu seu corpo e ela se agarrou mais desesperadamente ao arbusto, que a qualquer momento podia se desprender do penhasco.

— Íris! — A voz alta e autoritária atravessou a escuridão. — Segure firme, menina, que vou salvá-la!

Em cima havia o som de outras vozes e de repente a luz de uma lanterna começou a iluminar a encosta do penhasco, mostrando-a suspensa como um passarinho numa arapuca, com o coração batendo com toda a força, enquanto esperava ser salva.

Uma escada de corda foi jogada e alguém desceu até o lugar onde ela estava. Um braço forte a segurou com firmeza e uma voz insistente a acalmou:

— Já peguei você! Vamos, não precisa mais ter medo!

Suas mãos estavam segurando no galho do arbusto com tanta força que doeram quando se abriram. Ela ainda podia cair, mas Zonar Mavrakis a segurava e eles foram puxados juntos até a beira do penhasco. Íris percebeu confusamente que havia gente em seu redor, que era envolvida num cobertor, que lhe davam um gole de conhaque e, por fim, sentiu o contato sólido do chão sob suas pernas trêmulas e seus pés feridos.

— Pelos deuses! — Zonar estava em pé a seu lado, os olhos brilhando na luz das lanternas. — Alguém lá em cima gosta de você!

Ela o olhou, abalada demais para falar. Seus olhos pareciam enormes no rosto pálido e, embora ela quisesse agradecer-lhe por tê-la salvo, as palavras não saíam de sua boca. Era como se sua mente e seus sentidos ainda não pudessem acreditar que estava salva. De repente lhe ocorreu que tinha escapado da morte por pouco e lágrimas encheram seus olhos. Com uma exclamação em grego, seu patrão carregou-a e, no momento seguinte, estava atravessando o jardim da casa com ela nos braços. Cansada e dolorida, Íris percebeu vagamente que alguém o chamou, seguindo-os depois até a casa.

Ele subiu a escada com ela, atravessou o quarto e entrou no banheiro, onde o vapor estava subindo da banheira e uma empregada esperava. Ele ficou parado por um momento, carregando-a e olhando para o rosto molhado de lágrimas.

— Como foi que aquilo aconteceu? — ele quis saber.

— Aconteceu... por acaso. — Ela se sentia indefesa, presa por aqueles olhos escuros e pelos braços fortes. Ele parecia irritado, mas preocupado, e os músculos de seu estômago contraíram-se.

— Supõe-se que você seja a governanta eficiente de meu filho e você faz uma coisa tão idiota como cair do penhasco! Ele a examinou intensamente. — E se Aleko estivesse com você?

A preocupação dele estava agora explicada, por isso ela abaixou os olhos sem dizer nenhuma palavra.

— Bobinha, seja mais cuidadosa de agora em diante.

Ele a pôs de pé, dizendo à empregada que cuidasse dela, o jantar seria servido na cama. Na porta, ele tornou a olhá-la, com as sombrancelhas contraídas. Zonar estava em mangas de camisa, sem gravata nem paletó, e parecia muito moreno e grande em contraste com as cores claras do banheiro.

— Você está muito machucada? — ele quis saber.

— Não é nada sério — ela respondeu. Havia uma dor estranha na região das costelas, ela não podia tocar nisto, porque não parecia relacionada com a queda. — Logo vou ficar boa... e muito obrigada pelo que o senhor fez.

— Agradeça a Colette — disse ele, um tanto bruscamente. Ouvindo seu nome, a francesa veio para junto dele e ali ficou, olhando para Íris.

— Fiquei petrificada, chérie. — Seus dedos prenderam-se no braço de Zonar, logo abaixo do lugar onde a manga estava enrolada, suas unhas como manchas de fogo contra a pele morena. — Tinha certeza de que você tinha morrido.

— Alguém gosta dela — Zonar resmungou. — Vamos, ela precisa aliviar a dor do corpo.

Depois que eles se afastaram, com Colette falando animadamente, Íris submeteu-se às atenções da empregada. Depois que entrou na banheira, contudo, quis ficar sozinha.

— Vou então cuidar de seu jantar, senhorita. — A moça examinou a blusa e a saia de Íris que estavam rasgadas e sujas. — Posso mandar lavar a saia, senhorita, mas olhe só a blusa, está toda rasgada.

— Mande lavar a saia, mas não se incomode com a blusa. — Íris relaxou o corpo na água morna, cheia de espuma, e encostou a cabeça, sentindo-se muito melhor.

— Deve ter sido horrível, senhorita. — Havia pânico na voz da moça. — Como num filme... com o sr. Mavrakis descendo daquele jeito para salvá-la! A senhorita deve ter ficado apavorada!

— Fiquei mesmo. — Um pequeno sorriso insinuou-se nos lábios de Íris. — Ouvia o mar batendo embaixo e meus braços doíam como se estivessem saindo das articulações. Ainda estou tremendo por dentro. Não sei se vou conseguir comer alguma coisa, sim.

— Se fosse a senhorita, pelo menos tentaria. Temos costelas de carneiro com batatas assadas, depois pêras com creme. Acho que a senhorita vai conseguir comer alguma coisa.

— Espero que sim. — Íris suspirou, mexendo os dedos machucados na água.

A porta do banheiro fechou-se atrás da moça e foi um alívio para Íris ficar sozinha para poder aliviar na água a dor de seu corpo e o resto de terror. Começou a pensar no acidente, ocorrendo-lhe que Colette devia ter visto que ela estava perto da beira do penhasco e que não a avisara, como qualquer pessoa teria feito. Ela não tinha dito: "Tome cuidado, senão você vai cair".

Íris enfrentou a verdade, embora parecesse absurda. Colette a considerava uma rival na afeição de Zonar Mavrakis e o fato dele ter descido o penhasco para salvá-la atizava o ciúme que ardia no coração da francesa. Como esta era muito egoísta, não lhe ocorreu que Zonar sempre cuidaria de tudo, se houvesse uma crise, e que enfrentaria pessoalmente qualquer perigo. Ele não tinha arriscado o pescoço porque a governanta do filho era alguém especial. Ele a chamara de bobinha e não havia muita simpatia em sua voz quando lhe perguntou se estava ferida.

Íris jogou água nos braços, imaginando como estariam doendo na manhã seguinte. E, embora se esforçasse, não conseguia esquecer da sensação de estar pendurada no abismo, agarrando-se num arbusto. Quando Zonar desceu, ela estava se sentindo cada vez mais fraca. Quando já não agüentava mais, ele a envolveu com seus braços musculosos, cuidando dela e injetando-lhe energia.

Agora ela estava esgotada, mas estava viva. Apesar das dores e das equimoses em sua pele clara, estava inteira... Seria preciso informar a madre superiora do acontecido? Se fizesse isso, talvez ela a mandasse voltar imediatamente para o Santa Clara. Mas quando Íris reparou no conforto do banheiro, percebeu que não queria retornar ao convento antes da hora.

Mordeu os lábios, sentindo-se culpada pois parecia pecado admitir para si mesma que gostava de tomar banho naquela banheira funda sem estar metida na camisola de algodão que as alunas eram obrigadas a usar quando tomavam banho no Santa Clara. Não havia espelhos nas paredes, nem canos aquecidos com toalhas felpudas, brancas e envoltos, tapetes no chão, barras grossa de sabonete perfumado e potes cheios de sais de banho. Muitas vezes ela teve que usar a água morna depois que uma das alunas que pagavam tinha tomado banho na pequena banheira branca, e a toalha estava úmida porque já tinha sido usada antes.

Íris tentou não fazer essas comparações, mas elas pareciam invadir sua mente antes que pudesse expulsá-las. Mesmo mergulhada na água perfumada, ela podia se ver num dos espelhos da parede: a palidez de seus ombros, os anéis de cabelo úmidos no pescoço, o espanto que havia em seus olhos.

Tinha chegado em Tormont com toda a sua inocência, mas agora se perguntava se voltaria para o convento com o mesmo estado de espírito. Já não podia ignorar o fato de que seu patrão tinha uma força e um fascínio que ela jamais imaginaria, fechada atrás dos muros de pedra, entre um grupo de religiosas que tinham rejeitado a companhia dos homens. Apenas uma hora atrás, ela tinha ficado presa de encontro ao corpo forte e tinha sentido o movimento dos músculos, quando ele subiu o penhasco carregando-a, tocando nela.

Levantou a mão até o peito e seus lábios se abriram num apelo silencioso: ela viu como era vulnerável e o sinal de alarme que havia em seus olhos...

A porta se abriu de repente e Aleko entrou. Desacostumada a trancar portas no convento, onde isso era proibido, Íris nunca tinha tido essa idéia naquela casa. Ao ver o menino, ela se assustou, apertando a esponja contra o corpo.

— Aleko, você não pode entrar aqui!

— Por que não? — ele argumentou. — Eu entro quando papai está tomando banho.

— E diferente. Ele é seu pai. Eu...

— Sua pele é tão branca... — Ele andava ao lado da banheira olhando-a com curiosidade. — Papai é muito moreno e tem pêlos pretos no peito e nos braços. Você não tem pêlos nos braços, mas o que são essas manchas escuras? Louise me contou que você caiu do penhasco e papai teve que ir buscá-la. E verdade?

— Sim, mas agora tudo acabou. Agora, por favor, saia do banheiro, Aleko. Tenho que me vestir. — Ela tinha se esquecido que seu patrão mandara que ela fosse para a cama assim que saísse do banho.

— Não me incomode de ficar. — Ele sentou-se num banquinho e ficou olhando para ela com aqueles olhos escuros que pareciam tanto com os do pai, muito gregos e ligeiramente oblíquos, com cílios espessos que pareciam pesar nas pálpebras.

— Não quero que você fique — ela disse, indignada. — Todo mundo tem direito a ficar só quando toma banho, por isso levante-se desse banco e saia daqui imediatamente!

— Então eu a deixo envergonhada? — ele perguntou. — Sei que as meninas são diferentes dos meninos, por isso não se preocupe.

— Chega! — Por um momento ela ficou sem fala, mas depois seu senso de humor dominou seu pudor e ela começou a rir. — Vá embora, pestinha! Você não devia estar aqui...

Ela se interrompeu então, porque alguém tinha posto a cabeça na porta. E desta vez os olhos não eram infantis.

— Então você estava aqui, homenzinho! Você não tem nada que ficar vendo a srta. Ardath tomar banho!

Íris se afundou na água o mais que pôde.

— Vocês, gregos! Pensei que tivessem um pouco mais de respeito!

— Temos, garota! — Mas enquanto dizia isto, ele entrou no banheiro para tirar o filho, que estava se divertindo muito, e colocá-lo no ombro. Ele estava vestido com um terno preto, a camisa era de seda cinza e a gravata, num tom de cinza mais escuro, estava muito

bem colocada. Zonar parecia pronto para uma noitada na cidade.

— Você está menos pálida agora.

Ela sabia que seu rosto estava vermelho, por causa do sangue que se agitava em suas veias... Ele tinha que perceber que aquela era a primeira vez que um homem a via no banho e, como as bolhas estavam começando a evaporar, ele não podia deixar de ver a forma de seu corpo na água.

— A água está esfriando — ela disse, desesperada. — Quero... quero sair, por isso o senhor não se incomodaria de ir embora e... e de levar seu filho junto?

— Sim, acho que é melhor irmos embora, meu filho, antes que sua governanta se afogue, na água ou na confusão.

Dando risada, Zonar tirou o filho do banheiro e Íris procurou sair da banheira o mais depressa que pôde, apesar da dor que sentia no corpo. Pegou uma das toalhas enormes e se enrolou com o rosto ardendo e as pupilas dilatadas.

Enxugou-se rapidamente, mas, quando olhou em volta à procura de alguma coisa para vestir, percebeu que a empregada tinha levado suas roupas embora e se esquecido de trazer o roupão do quarto. Respirando fundo, Íris enrolou-se na toalha e entrou no quarto: um suspiro de alívio saiu de seus lábios ao constatar que estava vazio. Seu roupão estava numa das cadeiras do quarto e ela já ia pegá-lo quando Zonar Mavrakis abriu a porta outra vez sem bater.

Ele estava sozinho e não sorria. Fechou a porta com determinação e veio na direção de Íris. Um tremor percorreu o corpo dela, pois os olhos de Zonar examinavam seus ombros e seus braços nus.

— Faça o favor de não me olhar como se eu fosse violentá-la!

— O... o que é que o senhor quer?

— Quero ver quanto você se machucou. Aleko me disse que havia manchas escuras em sua pele, provavelmente mais perceptíveis porque sua pele é muito branca e o menino está acostumado a ver meu couro duro.

Tão abruptamente quanto falou, Zonar estendeu a mão e afastou a toalha da parte superior do braço dela. Ele a examinou atentamente e ela se retraiu, intimidada, quando ele acompanhou, com a ponta do dedo, a equimose na parte de cima do braço esquerdo, onde ela tinha batido de encontro ao penhasco, enquanto procurava se agarrar ao arbusto. Zonar prendeu a respiração.

— Há outros machucados assim? Vamos, você não precisa ficar envergonhada!

Mas ela estava terrivelmente constrangida, quando ele a tocou, um formigamento percorreu seu corpo e suas pernas ficaram moles.

— Por favor, vão desaparecer num dia ou dois.

— Mostre-me — ele insistiu. — Você sabe que posso obrigá-la, se for preciso.

— Há... há uma ou duas manchas nas pernas.

— E onde mais?

— Tinha que acontecer isto. Por favor, não é nada demais. Tenho sorte em estar viva.

— É claro — ele concordou. — Mas se você estiver muito arranhada, precisa se tratar para que os ferimentos não infeccionem. Insisto em ver, para que eu possa julgar.

— Não... — Íris recuou, sem se lembrar que ele estava segurando uma ponta da

toalha e que seu movimento a tiraria do lugar. Foi o que aconteceu: a toalha caiu e, para sua humilhação ficou despida da cabeça aos pés, sem ter como se esconder do olhar impiedoso de Zonar.

— Pelos deuses! — ele murmurou. — Como você se machucou naquele penhasco! E não ia dizer nada. Ia sofrer em silêncio!

— Não... Por favor, não olhe para mim! — Ela pegou o roupão, tremendo enquanto tentava colocá-lo. Depois, com o rosto em fogo, deu um nó firme no cinto.

— Sua bobinha!

— É claro! — Ela afastou o cabelo da testa. — Quando o senhor foi ao Santa Clara para contratar uma governanta, Colette já tinha ido embora!

— Por que você está falando de Colette? — ele perguntou com ironia.

— Pela simples razão de que ela não seria boba de cair do penhasco. Ela acredita no instinto de conservação.

— Como a maioria das pessoas... E não há necessidade alguma de dar outro nó no cinto do roupão. Já entendi a mensagem. —

Havia um riso caçoísta no rosto de Zonar. — Você não deve se envergonhar de seu corpo.

— Não me envergonho — ela negou, mas fixou o olhar na gravata dele, tinha que evitar aqueles olhos escuros que a tinham visto como ninguém a vira antes, pelo menos desde que era uma criança tão pequena que precisava de alguém para lhe dar banho. Sua pele nua parecia visível através do tecido do roupão e ela estava angustiada como se quisesse chorar, mas não na frente dele.

— Vai ser preciso aplicar um anti-séptico nesses machucados. Você aplica sozinha?

— Sim.

— Sim — ele caçoou. — Ia sugerir que Louise, a empregada, fizesse isso, caso você chegasse à conclusão de que eu é que queria fazer. Tenho um vidro de remédio no armário do meu quarto para pôr em Aleko quando ele cai, por isso vou buscá-lo, mas sugiro que, enquanto isto, você se sente, antes que desmaie. Você está tremendo tanto que estou vendo daqui!

Ele saiu do quarto e ela teve vontade de correr para trancar a porta, mas não teve forças nem coragem. As conseqüências do acidente estavam chegando e ela caiu numa cadeira, muito fraca, e pôs a cabeça sobre os joelhos. Depois agarrou-se aos braços da cadeira, pois o quarto parecia girar... Oh, Deus, ela não se sentia tão mal desde que a epidemia de gripe tinha tomado conta do convento e ela a contraíra enquanto cuidava de algumas crianças doentes.

Sentia uma fraqueza profunda quando Zonar voltou, por isso não teve forças para resistir quando ele a envolveu com um braço e pôs um copo entre seus lábios. Ela sentiu gosto de álcool, mas acabou tomando. Depois, respirou profundamente e a fraqueza começou a passar.

— Você está se sentindo melhor?

Ela o olhou nos olhos, mas ele não estava caçoando e sim mostrando tal interesse que quase lhe provocou uma nova vertigem.

— Eu... tudo começou a girar, mas agora estou bem, obrigada.

— Outras mulheres teriam um ataque de histeria... Vamos, tome mais um pouco de

uísque, vai fazer bem para você. Você demonstrou muita coragem, suspensa sobre aquelas pedras afiadas como navalhas. Você poderia ter ficado em pedaços, sabia?

Ela estremeceu, lembrando-se do barulho do mar quebrando nas pedras.

— Não faz mal nenhum para uma mulher exprimir suas emoções. — Ele sentou-se na cama. — Você se controla a todo custo, não é mesmo? Você detestaria ser pega sem suas defesas para protegê-la. Colette teria gritado feito uma louca.

— Não sou Colette — ela murmurou, olhando-o com ar sombrio. — Ela nunca se preocupou em aprender a se controlar.

— Há momentos em que o controle deve ir para o inferno. — Ele estalou os dedos expressivamente. — Você reprimiu seus sentimentos e eles se desforraram em você, que quase desmaiou agora mesmo. O quarto parou de girar?

Íris olhou para ele, surpresa: como é que ele sabia, um homem tão grande, tão forte e tão seguro, que ela estava quase desmaiando? Ela fez que sim com a cabeça.

— Não me olhe assim. — Ele engoliu o resto do uísque. — Costumava acontecer com minha mulher quando ela ficou grávida de Aleko. Sei tudo sobre as mulheres, srta. Ardath, embora possa dizer que nenhum homem consegue compreendê-las perfeitamente. O que uma moça de dezoito anos pretende obter com o êxtase religioso?

Íris virou a cabeça, consciente demais da masculinidade dele ali em sua cama, para ter certeza de alguma coisa.

— Olhe-me! — As mãos dele seguraram em seu pescoço, e ele inclinou-se, prendendo seus olhos. — Preciso provar que você tem alguma coisa em comum com Colette?

— Sei... sei que todos temos o instinto animal. — A pressão dos dedos dele em seu pescoço a prevenia de que Zonar podia dominar seu corpo com toda a facilidade... Só com essa idéia seu coração acelerou.

— Todos nós temos necessidade de alguém que nos acaricie por inteiro, cada centímetro da pele que cobre a jaula na qual, em última análise, estamos sozinhos. Não podemos nos amar verdadeiramente se outra pessoa não nos ama, com um enlevo que você nunca encontrará na capela fria, entre imagens de santos e de anjos. O incenso não subirá à sua cabeça como o vinho da paixão.

Enquanto falava, ele acariciou a pele de seu pescoço e ela imediatamente teve consciência de como era fina a barreira do tecido de seu roupão. Um resto de fraqueza a dominou.

— Por favor... não! — Ela não sabia o que estava dizendo.

— Mas é uma contradição. — A respiração dele aqueceu seu rosto, quando ele a puxou para mais perto, e seu corpo enrijeceu quando ele a envolveu com os braços. O choque a silenciou quando ele se aproximou de seus lábios, beijando-os enquanto ela os abria para protestar... para pedir...

Inacreditavelmente, ele a beijou... as bocas unidas e a pressão do maxilar rijo, o movimento dos lábios dele e o ruído de sua respiração. A intimidade daquilo tudo era incrível para ela. Ele não tinha o direito de estar agindo daquela maneira e, com um movimento convulso, Íris tentou se livrar do abraço.

Como se sua resistência aumentasse a selvageria que havia nele, o grego tirou-a da cadeira e colocou-a na cama, deitando em cima do corpo que resistia. Zonar riu dos esforços que ela fazia para livrar-se dele.

— É a freirinha que está lutando comigo? — ele murmurou. — Ou a mulher que tem medo do que poderia descobrir sobre si mesma?

Ela examinou o rosto dele mais moreno e mais diabólico do que nunca.

— Por que o senhor não pode me deixar em paz? — ela arquejou. — Por que me atormenta tanto?

— Você sabe por quê — ele disse com voz ofegante. — Você desperta o demônio que há em mim, e você percebeu isto naquela primeira vez no convento, quando entrou e me olhou como se Lúcifer estivesse entrando em sua vidinha tão segura. Percebi exatamente o que se passava por trás desses seus olhos... Você quis pedir para a madre superiora para deixá-la ficar lá, fora das garras de um homem como eu. — Ele riu, mantendo-a presa com o corpo. — Você achou que as portas do convento tinham sido abertas para dar entrada ao diabo, não foi?

— Sim! — Íris o desafiou com os olhos. — Achei que o senhor era a pessoa mais arrogante que já tinha visto. Pude ver o que as mulheres significavam para o senhor. O senhor acha que pode fazer o que quiser com elas, mas eu não sou assim!

— Posso tê-la neste mesmo instante — ele caçoou. — Você não escaparia!

Íris arregalou os olhos ao notar a crueldade que havia no rosto dele. Zonar tinha força para fazer o que quisesse com ela, e Íris estava apavorada com a idéia de que isto fosse para ela mais um prazer do que um pecado.

— O senhor não teria minha alma — ela murmurou, com voz entrecortada.

— Tocaria em você e isto me basta. — Ele deslizou a mão pelo pescoço dela, até a curva do ombro. — Sua pele é muito quente, mas você está tremendo.

— O senhor está sendo tão odioso! O senhor não tem o direito de me fazer pecar!

— Teria que forçá-la muito? — Ele abaixou o rosto, até que seus lábios tocaram o pescoço dela. — Vamos, ceda a seus sentimentos. Não lute contra o instinto natural, menina.

— Eu o desprezo... — Ela se contorcia, tentando fugir daquele beijo.

— Porque sei que você está gostando? — Ele mordeu os lóbulos de suas orelhas. — Uma moça com a pele tão macia e sensível como a sua tem que gostar de ser acariciada.

— Preferia ter caído daquele penhasco a deixar que o senhor me toque! — As palavras eram sua única arma contra a languidez que a invadia, que era mais assustadora do que a força dele. — O senhor acha que lhe devo meu corpo porque o salvou?

A mão dele, que acariciava seu ombro, parou e Zonar se afastou de repente. Seu rosto e sua voz endureceram.

— Não admito que ninguém me fale assim. Ainda sou seu patrão, não se esqueça!

— O senhor é que está se esquecendo! — Íris arrumou o roupão com ar de dignidade ofendida.

— Você não ficará grávida só com um beijo — disse ele, com insolência. — No caso de você não saber.

Ela afastou os olhos, com o rosto em fogo.

— Mas é o que leva a isso.

— O que foi que você disse? — Ele inclinou-se zombeteiramente. — Não entendi direito, srta. Ardath.

Ela estava com a cabeça abaixada, sentindo-se mais solitária do que nunca.

— Sou uma órfã, sr. Mavrakis. Isto responde à sua pergunta?

Como Zonar não respondesse, ela se sentiu compelida a olhar para ele. Sua expressão estava curiosamente severa.

— Foi por isso que você resolveu morrer virgem?

— Não considero isso a coisa mais horrível que pode me acontecer.

— Não mesmo? O grego acredita que a mulher foi feita para reproduzir, como uma oliveira, e não há visão mais bonita do que oliveiras carregadas de frutos, nem mais triste do que quando estão cheias de nós e suas folhas balançam ao vento como papel seco.

— Os gregos sempre falam por metáforas? — Íris lutou para não pensar nas freiras mais velhas do Santa Clara, com seus dedos retorcidos e suas espinhas curvas devido aos anos que passaram trabalhando na terra ou ao lado de doentes. Colocavam suas vidas a serviço do próximo, sem nenhuma recompensa, e Íris as respeitava, mas muitas vezes ficava pasmada com seu esforço. Elas aceitavam o trabalho e o sofrimento como se fossem uma cruz onde pregavam seus sonhos secretos e seus desejos inconfessados.

Íris sabia que Zonar Mavrakis a forçava a encarar os sofrimentos que teria que suportar, caso enfiasse os pregos místicos em seus sonhos ou desejos.

— Nós, os gregos, somos realistas. E também, de certa maneira, somos românticos, pois a Grécia é uma terra de contrastes. Na ilha de meu irmão há um milhão de borboletas... Você sabe que elas são cegas e voam guiadas somente pelo olfato?

Ela sacudiu a cabeça, bastante confusa, pois ele nunca lhe falara assim, nem ela tinha visto aquela expressão em seus olhos, que suavizava suas feições.

— O amor é cego em muitos sentidos — ele murmurou. — Ele vem do fundo de nós mesmos, uma chama que procura o ar para poder arder. — Seus olhos a examinaram de novo. — E se essa chama nascer dentro de você? Não é fácil apagar o fogo depois que ele é ateado. E ele pode tomar conta de você...

— Farei tudo o que puder para evitar que essa chama apareça — disse ela com determinação.

— É mesmo? — Ele deu uma risada. — E se o mal já estiver feito e dentro de você a chama já estiver ardendo e à procura de uma saída? Estas coisas acontecem rapidamente e costumam nos pegar desprevenidos.

— Para que isto acontecesse, senhor, precisaria encontrar um homem... — ela interrompeu-se de repente, pois diante dela estava um homem, com toda a força que faz o homem diferente da mulher, tão misterioso, exigente e perigoso.

— Pensei que ficar corada já tivesse saído de moda — ele murmurou. — Por acaso sou um rato, senhorita?

— É muito mais um tigre! — As palavras saíram antes que ela pudesse impedir, mas de certa maneira eram verdade.

Ele tinha a agilidade, a harmonia e a crueldade do tigre, ele andava como um tigre... agarrava sua presa com a mesma segurança, deixando também sua marca.

— Você me lisonjeia — ele murmurou. — A menos, é claro, que você tenha em mente apenas o lado devorador de mulheres do tigre.

— Que outro lado mais teria em mente?

— Touché. — Ele deu uma risada. — Você tem uma resposta pronta demais para

uma moça criada num convento.

— O senhor me diz coisas terríveis.

— Acho que sim — ele concordou. — É você quem provoca, ou, devo dizer, que as incita? Você está fugindo do sentido da vida.

— Por que o senhor se incomoda com isso? — Ela o examinou, mas o rosto moreno não revelava seus pensamentos, ele os ocultava com eficiência grega.

— Por quê? — Os olhos dele ficaram sombrios. — Porque já vi a vida de uma jovem sendo desperdiçada, só que não havia maneira de impedir que isto acontecesse. Vi a luz fugir de um par de olhos encantadores e senti o gosto de sangue nos lábios que beijei pela última vez.

— Desculpe... foi muito triste para o senhor e uma grande perda para Aleko.

— Você gosta de Aleko, não é mesmo?

— Gosto muito.

— Mesmo sendo parecido comigo?

— Ele é ainda criança.

— E por isso não oferece perigo, hein?

Ela ficou em silêncio, pois admitir para Zonar que ele oferecia perigo era o mesmo que admiti-lo para si mesma. Um pequeno suspiro de alívio escapou de seus lábios quando Louise entrou no quarto trazendo o jantar, sem saber que o dono da casa estava lá em pé junto da cama, onde Íris estava encolhida. Ela hesitou já dentro do quarto.

— Oh... pensei que a senhorita estivesse sozinha... — A moça olhou-o com curiosidade.

— Trouxe um anti-séptico. — Ele mostrou o vidro que tinha colocado no criado-mudo. — Providencie para que ela passe o remédio nos machucados, ajuda a cicatrizar mais depressa.

Ao dizer isto, ele olhou para Íris e, por um momento, um sorriso irônico brincou em seus lábios.

— Jante bem, srta. Ardath, e não tenha nenhum pesadelo sobre o que lhe aconteceu. Procure esquecer tudo.

— Farei força, senhor.

Ele olhou para o relógio.

— Preciso ir embora. Recebi alguns ingressos para o novo show do Pavilion Theatre e vou levar a srta. Morei. Descobri que ela gosta de musicais.

— Tenha uma boa-noite, senhor.

— É o que pretendo. Vou pôr Aleko na cama e lhe direi para não amolá-la mais esta noite. Addio.

Quando passou por Louise, ele parou e levantou as tampas dos pratos que estavam na bandeja.

— As costeletas de carneiro parecem deliciosas. Quero que nossa doente coma tudo, Louise. — Depois ele foi embora e a empregada deu uma risada nervosa.

— Ele é tão atencioso... — disse a empregada ao fechar a porta. — Imagine ele pensar no remédio!

— Sim... — Íris estava confusa. — Ele pode ser delicado quando quer...

CAPÍTULO VI

Sim, às vezes ele era delicado, mas os pensamentos de Íris estavam dominados pelo outro lado de Zonar Mavrakis, o homem que a tinha tomado nos braços e forçado a beijá-lo.

Ela não podia imaginar a mesma cena com Colette, que ofereceria os lábios com sofreguidão e o envolveria com os braços, sem medo de corresponder às suas exigências masculinas.

— A senhorita vai jantar antes de cuidar dos machucados? Íris concordou e a bandeja foi colocada em seus joelhos.

— Depois vou pôr o anti-séptico, Louise. Vá jantar.

— Mas o sr. Mavrakis mandou que eu a ajudasse, senhorita.

— Eu ponho sozinha — Íris assegurou. — Acho que você está louca para descansar, depois de ter trabalhado o dia todo.

— Hoje tem Kojak na televisão... ele também é grego. — Louise sorriu. — Eles são muito autoritários, não é?

— Oh, sim. — A voz de Íris estava fria. — Acho que eles ainda consideram as mulheres como um objeto. Os pais ainda costumam dar um bode e algumas galinhas junto com a noiva.

— Aquiles contou para a cozinheira que o kyrios perdeu a mulher num acidente quando o menino ainda era bebê. Acho uma pena, não é, senhorita? Será que ele está interessado na srta. Morei? Ela é encantadora... Só não sei como é que ela consegue andar com saltos tão altos, mas acho que já está acostumada, pois é modelo...

— Sim... — Íris pensou em seu encontro com Colette no jardim, tinham sido colegas, mas agora eram mulheres jovens envolvidas com o mesmo homem, embora de maneiras diferentes. Como sempre, o destino.

— Vá ver seu programa de televisão, Louise. E melhor comer as costeletas antes que esfriem.

— Está bem, senhorita. Não se esqueça de passar o remédio, pois o kyrios vai ficar bravo comigo se os machucados não melhorarem. A senhorita se machucou bastante, hein?

— Sim. — Íris deu um sorriso desanimado. — De qualquer maneira, não pretendo deixar que o sr. Mavrakis me examine.

— É claro que não, mas sabemos que ele faz o que quer. Ele é muito autoritário, mas não chega a ser um tirano, a senhorita está entendendo o que quero dizer?

— Estou, sim. Ele tem uma autoridade natural, auxiliada pelo dinheiro e pelo carisma.

— Carisma, senhorita?

— É uma palavra grega que significa magnetismo de um tipo muito pessoal. Quando certas pessoas entram numa sala, ninguém percebe, mas o *kyrios* é logo notado.

— Sim, é isso mesmo, senhorita! — Louise parecia impressionada com a explicação de Íris. — Imagine a senhorita saber disso tudo, tendo vindo de um convento e pronta para se tornar freira!

— As freiras também sabem das coisas. — Íris deu um sorriso diante do espanto da moça. — Muitas vezes elas vão trabalhar nas piores regiões do mundo e o fato de ser uma religiosa não significa ignorar a vida. As melhores enfermeiras são freiras, você sabe disso.

— A senhorita vai ser enfermeira?

— A madre superiora é quem vai resolver.

Louise ficou estudando Íris, que jantava, enquanto refletia sobre as restrições da vida de uma freira.

— Não é isto que eu quero — ela observou. — Tenho um namorado e vamos nos casar assim que tivermos economizado o suficiente. Quero ter alguém especial para cuidar de mim. É uma sensação tão boa, senhorita, tão excitante...

— Deve ser mesmo. — Íris sorriu ligeiramente.

— Nada me faria desistir disso, senhorita. — Louise abriu a porta, como se tivesse que fugir rapidamente de Íris, caso a vontade de se tornar freira fosse contagiante. — Boa noite, senhorita, e não se esqueça de pôr o remédio.

O sorriso de Íris aumentou ao despedir-se da moça. A porta fechou-se atrás dela e Íris afastou o prato de comida e olhou para a sobremesa, duas pêras com creme. O tipo de sobremesa que nunca mais comeria quando deixasse aquela casa para voltar ao convento.

Mas comeu as pêras com todo o prazer. Naquele mesmo instante seu patrão deveria estar jantando com Colette antes de ir ao teatro. Colette estaria usando um vestido fascinante, provavelmente comprado em Paris. Sem dúvida os dois conversariam sobre o encontro em Paris... eles ficavam à vontade juntos, conversando e rindo sem qualquer sensação de conflito.

Talvez eles estejam começando a ficar apaixonados, pensou ela. Era excitante, Louise tinha dito, ter alguém para cuidar da gente.

Íris afastou a bandeja e se recostou nos travesseiros. Ela nunca iria conhecer o fascínio do amor, a excitação e o ardor de um sonho transformado em realidade. Sabia em que direção seu destino a levava... era para longe dos sonhos que as outras moças podiam ter.

Evidentemente, para longe de Zonar Mavrakis. Segurou a cruzinha que estava em seu pescoço.

"Chegará o dia em que você terá que enfrentar o demônio", uma das irmãs tinha avisado, "e você precisará de toda a sua força para expulsá-lo!"

Seus dedos apertaram a cruz, como se ela pudesse ajudá-la a evitar pensamentos proibidos. Como tinha aprendido a encarar a verdade, sabia que o grego alto tinha invadido suas defesas... Quando falou com ela, quando a olhou, quando a tocou com as mãos e com os lábios, Íris tinha sentido como se sua mente estivesse se separando do corpo, ela queria saber o que ele estava fazendo, e ele sabia disso. O que mais a atormentava era saber que aquela boca ardente em sua pele tinha despertado toda a sua necessidade reprimida de afeição... Era a primeira vez que era beijada e que sentia outro ser humano

tão perto. Em sua inocência, ela não sabia que o corpo podia ser tão sensível e responder tão avidamente ao contato de um homem.

Seu rosto estava em fogo e nem mesmo algumas ave-marias rezadas com fervor puderam afastar de sua memória aqueles momentos em que quase abraçou Zonar Mavrakis.

Era por compaixão pelo homem que tinha tirado o filho do corpo inerte da esposa?

Íris procurou acreditar nisso, mas sabia, no fundo do coração, que não era verdade. Enfiou o rosto no travesseiro, percebendo que a dor que sentia por dentro não tinha nada a ver com o acidente.

— Não posso... é pecado me sentir assim!

Mesmo com os olhos fechados ela podia ver o rosto dele... os olhos magnetizantes, o nariz grego, a força do maxilar.

Íris agarrou as cobertas, sabendo que estava lutando com seu demônio... a consciência de seu lado físico, que ela devia negar se quisesse encontrar o estado de graça total exigido de uma freira. Mesmo fugindo daquela casa, não poderia escapar de si mesma... Oh, como tinha sido tola em deixar que aquilo acontecesse, sabendo que nunca significaria nada para ele. Zonar não levava as mulheres a sério, menos ainda uma garota sem graça e com a metade de sua idade, saída de um convento, e que tinha tanta sofisticação quanto uma borboletinha de jardim.

— Sua boba! — ela se censurou. Com ar cansado, saiu da cama e pegou o vidro de anti-séptico, depois aplicou-o nos machucados, que pareciam muito escuros na brancura de sua pele. Seus joelhos tremiam e a combinação de tantas dores trouxe lágrimas a seus olhos. Teria sido um conforto ter alguém para cuidar dela, mas havia crescido num lugar onde a dor era escondida ou vencida. O Santa Clara não aceitava qualquer tipo de tolerância.

Íris vestiu a camisola e estremeceu quando levantou o braço para escovar o cabelo. Depois estudou seu reflexo no espelho, com olhos críticos. O que tinha feito Colette imaginar que Zonar Mavrakis estava atraído pela figura de ar ingênuo que ela via agora no espelho? A camisola simples chegava aos tornozelos e escondia suas curvas... Colette não tinha nada a temer e estava exagerando, só porque ele a salvara, tirando-a daquele penhasco como faria com um gatinho ou com um passarinho de asa ferida.

Voltou para a cama, acomodando-se com um suspiro. Estava estendendo a mão para apagar a luz quando a porta se abriu e Aleko apareceu, com ar sonolento.

— Posso dormir com você?

A primeira reação de Íris foi dizer não, mas, antes que ela conseguisse se apoiar no cotovelo e lhe dizer que voltasse para o quarto, o menino já estava aconchegado a seu lado.

— Tive um pesadelo — ele explicou. — Aquele do carrossel.

— Carrossel, Aleko?

— Vai girando e girando e depois eu caio. — Ele piscou, apoiando a cabeça no ombro dela.

— Sei. O que você comeu no jantar?

— Omelete de queijo.

— Você acha que tem alguma coisa a ver com seu sonho?

— Provavelmente. — Ele bocejou, comentando: — Você está com cheiro de remédio e está com um machucado horrível no braço.

— Foi por isso mesmo que passei o remédio. Você sonha sempre com o carrossel, Aleko?

— De vez em quando. — Suas pálpebras estavam ficando pesadas. — E tão bom ficar com você, Íris. Você não vai me mandar de volta para meu quarto, não é mesmo?

Ela hesitou... não havia mal em deixar que ele passasse a noite com ela, mas isto não podia se tornar um hábito. Ela gostava da companhia, pois ele era apenas um menino, uma réplica jovem e inocente do pai. Seus olhos se fecharam e Aleko se acomodou para dormir, bem perto dela. Às vezes, no convento, ela passava a noite ao lado de alguma criança doente, mas não era permitido que a criança fosse para sua cama. Ela nunca tinha dormido com ninguém, ouvido a respiração de outra pessoa e sentido seus movimentos enquanto dormia. Apagou a luz e preparou-se para dormir.

Acordou sobressaltada. A luz da galeria entrava em seu quarto e alguém se inclinava sobre sua cama. Confusa e ainda meio adormecida, olhou para o vulto e viu seus olhos brilhando na penumbra.

— Onde o menino se meteu? — Zonar parecia irritado. — A cama dele está vazia. Ele está com você, não é?

— Sim... — Ela se sentia ameaçada pela figura alta, sem saber se ele estava irritado com ela ou aborrecido com o susto que tinha levado. — Aleko acordou por causa de um sonho desagradável e veio ficar comigo.

— Porque você estava por perto enquanto eu me divertia, hein?

— E difícil ele acordar durante a noite — ela estava ligeiramente irritada —, por isso o sonho deve ter sido bem ruim, senhor.

— Sem dúvida ele ficou perturbado com o seu acidente. — Ele deu a volta na cama e olhou para o menino profundamente adormecido. — Se eu o tirar daí pode ser que ele acorde, e isto seria uma pena. E melhor Aleko ficar com você até amanhã.

— Espero que o senhor não se aborreça por isso.

— Aborrecer? — Ele levantou as sobrancelhas. — Meu filho é um Mavrakis e está seguindo uma inclinação natural, se você ainda não percebeu.

— Ele ainda é pequeno...

— Ele é meu filho, menina. — Os olhos escuros brilharam e depois tornaram a ficar sombrios. — Ele também sente falta daquilo que a maioria dos meninos tem: a afeição e o carinho de uma mãe. Tome cuidado para ele não a incomodar, pois já está machucada demais. Quando acordar, você vai se sentir como se tivesse levado uma surra, por isso tenha calma amanhã. Nada de sair com Aleko. Descanse para sarar logo.

Dizendo isto, ele saiu do quarto, fechando a porta com cuidado e deixando-a na escuridão. Ela ficou ouvindo a respiração de Aleko e as batidas agitadas de seu próprio coração. Havia um lado contraditório em Zonar Mavrakis que era mais perturbador do que sua energia... ele tinha uma ternura que se revelava em momentos inesperados, deixando a mulher completamente sem defesa.

Ele era um demônio com muito charme. Sua feminilidade lhe dizia que ele tinha gostado de vê-la deitada ao lado de seu filho... o menino que continuaria seu nome e que cresceria duro e autoritário como ele.

Quando Íris acordou, a luz da manhã iluminava seu quarto. Louise tinha aberto as

cortinas e a bandeja com o chá estava no criado-mudo. Aleko tinha ido embora, deixando a marca de sua cabeça no travesseiro. Quando se sentou para tomar o chá, Íris percebeu que estava toda dolorida. Os braços doíam do ombro ao pulso e sua mão tremia quando serviu o chá.

Louise voltou ao quarto trazendo toalhas limpas.

— Bom dia, senhorita. Como está se sentindo hoje?

— Aos pedaços. — Íris tomou o chá, perguntando-se como ia conseguir sair da cama.

— O menininho estava acordando quando entrei para abrir as cortinas. — Louise olhou-a com simpatia. — Essas crianças gregas são muito carinhosas, não é mesmo? E o coitado não tem uma mãe para abraçá-lo nem beijá-lo, apesar do kyrios ser um pai muito bom. A senhorita acha que ele está pensando em se casar de novo? Aquiles o levou para o teatro com a srta. Morei e eles estavam conversando muito, e depois Aquiles disse que ela estava com a cabeça no ombro dele, e ele entrou com ela no hotel e só saiu depois de uma hora.

Um nervo contorceu-se dentro de Íris quando Louise deu um sorriso malicioso, insinuando que ele tinha ido para o quarto de Colette e ficado para fazer amor com ela.

Íris lembrou-se dele, ao lado de sua cama, sem paletó nem gravata, a camisa de seda aberta no pescoço, com um ar de força e de paixão enquanto olhava para o filho adormecido.

Havia uma expressão no olhar dele, uma dilatação nas pupilas, que agora estava explicada. Ela explorou seus sentimentos enquanto tomava o chá... estava chocada porque Colette tinha sido aluna do convento como ela, ou seu romantismo ficava ofendido porque achava que um homem e uma mulher deviam passar antes por um altar e ter seu amor abençoado pelo sacramento do matrimônio? Afastou as cobertas e mal pode impedir um gemido quando se dirigiu, cambaleando, para o banheiro, pois parecia que tinha levado uma surra. Louise olhou-a, preocupada.

— Talvez fosse melhor chamar o médico, senhorita. Pode ter havido alguma fratura.

— Não. — Íris sacudiu a cabeça. — Vou tomar um banho de chuveiro e pode ser que melhore. Eu devia ter tomado cuidado.

— A senhorita tem certeza de que está bem? — Louise hesitava, parada na porta.

— Ficarei ótima. — Íris conseguiu sorrir, embora sentisse uma fraqueza nos joelhos e mal pudesse levantar o braço para abrir o chuveiro. Embaixo da água morna, sentiu-se um pouco melhor, por isso deixou-se ficar ali, com a água escorrendo em seu corpo. Massageou os braços e os ombros com as pontas dos dedos, mas, quando tentou se inclinar, percebeu que seus quadris estavam duros.

— A velhice é assim — ela disse, brincando.

Velhice... a palavra ficou dançando em sua mente, a vida acabando sem nunca ter tido um romance.

— Não seja boba! — censurou-se, saindo do chuveiro para se embrulhar numa toalha.

Enxugou-se um pouco, depois entrou no quarto... parando logo quando viu a figura alta perto de uma janela.

— Oh...

Ao ouvir a exclamação, Zonar virou-se para olhá-la. Seu rosto estava barbeado, seu

cabelo preto bem penteado, seu terno era bege e sua gravata marrom. Ele estava pronto para ir para o trabalho, mas ficou ali, olhando para ela.

— Perguntei para Louise como você estava se sentindo — ele disse por fim. — Ela me falou que você estava dura como uma tábua.

— Estava... — Íris admitiu, olhando-o, espantada, enrolada na toalha, mas lembrando-se de que ele já tinha visto o que a toalha cobria. — Tomei um banho de chuveiro e agora estou melhor.

— Tem certeza de que não deslocou nada? — Ele avançou para ela e Íris instintivamente recuou, segurando a toalha com toda a força e desafiando-o a colocar a mão nela... não, não a mão que tinha acariciado Colette!

— Eu não seria capaz de me mexer, senhor. A rigidez vai desaparecer.

— Até sua voz parece doída — ele comentou lentamente. — E pare de me olhar como se eu fosse arrancar a toalha e me aproveitar de seu corpo dolorido. Você acha que eu sou um monstro?

Com um esforço, ela afastou o olhar.

— O senhor deve perceber que não estou acostumada a ter um homem em meu quarto... Não é uma coisa incentivada no Santa Clara.

— Melhor agora. — A voz dele ficou ainda mais arrastada. — Sua voz está mais forte. Entretanto, vou chamar o médico para examiná-la.

— Não é preciso... estou bem — ela protestou.

— Não parece — ele insistiu. — Sei que você não está se sentindo bem. Como seu patrão, posso mandá-la descansar hoje, não é verdade?

— Vou trabalhar, sr. Mavrakis. Posso muito bem cuidar de Aleko.

Ela tinha que inclinar a cabeça para trás para olhar para ele, descalça, mal chegava nos ombros dele... ombros largos, cobertos por um terno muito bem talhado.

— Assim como o caviar é comprimido num potinho — ele sorriu —, em você só há independência. Não, você não iria se queixar. Um pouco de tortura faz bem para a alma, não é?

Ouvindo isto, Íris percebeu que ele não estava longe da verdade: ela tinha sido educada para suportar tudo sem se queixar, e não havia como negar que seu corpo doía como se ela tivesse sido torturada.

— Volte para a cama. Esta é sua camisola?

Louise tinha tirado uma camisola limpa, comprida, muito simples e com a gola alta. Ele a pegou e o olhar que lançou já dizia tudo. Íris olhou-o, assustada, e ele a imitou ao lhe entregar a camisola.

— Ficarei de costas, senhorita. Não vou afligi-la ainda mais oferecendo-me para ajudá-la a vestir essa camisola do século passado.

— Espero que não, mesmo! — Íris agarrou a camisola e foi vesti-la no banheiro. Seu rosto estava em fogo e a fraqueza das pernas parecia pior do que nunca. Ele era realmente o cúmulo, entrando e saindo de seu quarto como se tivesse o direito de fazer isto... Para ele estava muito bem ficar dizendo que tinha idade suficiente para ser seu pai, mas, para as outras pessoas da casa, ele era um homem e ela uma mulher, e não iriam demorar muito para falar dela o que diziam de Colette.

— Você é respeitável? — Ele a tirou do chão, levando-a para a cama com toda a

facilidade. — Como você é frágil, srta. Ardath! Acho que só a força de vontade a manteve suspensa naqueles penhascos.

— Meu braços não concordam... — Ela mordeu os lábios, desviando o olhar da linha rija do maxilar.

— O que um homem pode fazer com você? — O ar que ele expirava estava quente. — Você sofre tudo em silêncio... tudo?

— Não gosto de fazer onda.

— As emoções, como já disse antes, menina, devem ser exprimidas e não controladas. — Ele a colocou na cama e estava arrumando as cobertas quando viu os pés dela, arroxeados contra a brancura do lençol. Ele prendeu a respiração, pegando um dos pés. Íris olhou de seu pé para o rosto dele com uma espécie de impotência.

— O machucado parece pior por causa do meu tipo de pele. Qualquer coisa aparece.

— Estou vendo. — Ele passou o polegar pelo peito do pé dela.

— Você precisa tomar um pouco de sol na Grécia, comer ao ar livre, tomar banho de mar e deitar na areia. Você logo ficaria com a pele bronzeada.

— Não adianta falar nisso. — A voz dela diminuiu num murmúrio. — Pare de falar de coisas que não vou conhecer.

— Por que não? — As sobrelhas pretas se contraíram. — Você pode ir de avião para a Grécia com Aleko.

— Não! — Ela mexeu os pés e Zonar os segurou com mais força.

— O senhor sabe que não é possível.

— Sei? — Ele a examinou bem. — Talvez... Vou precisar ficar mais um pouco aqui e há sempre a possibilidade de você encontrar um penhasco na Grécia para despencar. O que acontece comigo, eu me pergunto... Que maldição vem perturbar minha vida justo quando...

Ele interrompeu-se e com toda a delicadeza colocou os pés machucados de Íris entre os lençóis, depois se afastou, parando perto da janela para contemplar o mar iluminado pelo sol. Íris olhou-o indecisa, perguntando-se qual seria o significado das palavras interrompidas... Embora fosse um homem sofisticado em muitos sentidos, ele era sobretudo um grego e as superstições de seu povo estavam em suas veias.

Íris encolheu os pés, mas continuou a sentir o toque das mãos dele, provavelmente porque sua pele estava ferida. Ele acreditava que a morte prematura de sua mulher tinha deixado uma nuvem que ameaçava qualquer outro amor que pudesse ter? Ele sentia algum tipo de premonição, pensando talvez que Colette podia se ferir, por causa de sua ligação com ele?

Houve uma batida na porta e Zonar virou-se. A porta abriu-se, dando passagem a Louise seguida por um homem de bigode, com uma maleta preta.

— O dr. Warren está aqui, senhor. — O olhar de Louise passou de Zonar para Íris.

— Bom dia. — Os dois homens cumprimentaram-se. — A srta. Ardath, a governanta de meu filho, machucou-se bastante por causa de uma queda e eu gostaria que o senhor a examinasse e receitasse alguma coisa para aliviar a dor.

— Ouvi falar do acidente... Com licença. — O dr. Warren sentou-se numa cadeira ao lado da cama e examinou o rosto de Íris enquanto tomava seu pulso. Ela sabia que seu pulso estava batendo rapidamente por causa de seu nervosismo e da presença de Zonar

ao lado da cama. Depois de tomar o pulso, o médico olhou para Zonar. — Quero examinar a srta. Ardath.

— É claro! — Zonar saiu do quarto e fechou a porta. O dr. Warren olhou para Íris, com ar pensativo.

— Você sente alguma dor específica?

— É uma dor generalizada — ela admitiu. — Meus braços estão muito doloridos.

— Vamos ver.

— O exame foi completo e durou quase vinte minutos. No fim, o dr. Warren guardou o estetoscópio e franziu os lábios.

— Você está muito machucada, menina, e teve um choque muito grande. Vou lhe receitar um tônico, além de um remédio para a dor. Acredito que sua visão seja boa, não é?

— Sim, por quê? — Ela o olhou, surpresa.

— Quando jovens caem de penhascos, eu me pergunto por quê. Você tem um tipo de olhos grandes que às vezes são míopes. Você não estava olhando para onde ia... ou estava fugindo de alguém?

— Alguém? — Ela se recostou nos travesseiros, quase na defensiva.

O médico olhou para a porta fechada e depois para ela de novo.

— O sr. Mavrakis é grego, não é mesmo? Ele é uma pessoa desconhecida na região... o novo proprietário do Monarch, foi o que entendi.

— Sim. — Íris olhava para o médico, que escrevia a receita. O sr. Mavrakis não tem nada a ver com minha queda. Eu fiquei pendurada e ele desceu para me buscar.

— O cavaleiro salvando a donzela, hein? — O médico leu o que tinha escrito, como se tivesse dificuldade em entender sua própria letra. — Você gosta de trabalhar para ele? Você estava nervosa com a presença dele, sabia? Depois que ele saiu do quarto seu pulso acalmou.

— Fiquei agitada porque ele mandou buscar o senhor. — Isto não chegava a ser uma mentira. — Eu não estou doente. Só estou machucada.

— Mesmo assim — o médico levantou-se — vou sugerir ao sr. Mavrakis que você passe uns dias na cama. Não adianta discutir, menina. Você teve um choque muito grande e vou lhe dizer que não gosto da maneira como vocês vivem fazendo regime atualmente. No seu caso não é necessário.

— Eu... eu não faço regime!

— Você está um pouco desnutrida — ele disse com um ar esquisito. — Você não é desta região, não é mesmo? Você é de Londres?

— Não, sou de Essex. — Ela apertou as mãos, procurando evitar o olhar penetrante do dr. Warren. — Moro num convento e este emprego é temporário. Vou ser freira.

— Ah! — O médico fechou a maleta com um estalo. — Então é por isso!

Ela olhou para ele, curiosa, mas o médico mudou de assunto.

— Cuide-se, srta. Ardath, e procure não cair mais dos penhascos de Devonshire. Vou falar com seu patrão para que ele mande providenciar os remédios.

— Obrigada, doutor. — Íris viu a porta fechar-se e gradualmente seus dedos descontrairam-se. Ela suspirou, acomodou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos. De

repente, teve vontade de dormir e de não ter que pensar em mais nada, depois foi relaxando aos poucos e tirando de sua mente a sensação de culpa por estar na cama durante o dia. No convento, ela se levantava às seis da manhã e todas as horas do dia eram ocupadas com alguma atividade.

Por entre os olhos semicerrados, observou o céu, a brisa trazia o cheiro do mar e ela conseguia ouvir o barulho de uma lancha na água. As gaivotas voavam e ela podia imaginá-las em redor da pedra enorme que havia ao largo.

Por fim conseguiu dormir e o tempo parou num sono sem sonhos, seus cílios batendo apenas uma fração de segundo em seu rosto, como se ela sentisse por um momento a sombra longa que desceu sobre-sua cama, retirando-se depois silenciosamente.

Nos dias seguintes, Íris descansou bastante. O médico voltou para examiná-la, achou que ela estava muito melhor e depois deixou que se levantasse. A primeira coisa que ela e Aleko fizeram foi ir à praia... ah, como foi bom respirar a brisa do mar e sentir o calor do sol na pele. Como era bom viver!

Aos dias sucediam noites em que Zonar dava jantares de negócios, e o salão da casa enchia-se com o barulho de conversas e com a fumaça de charutos.

Íris ouvia as conversas e tudo parecia muito diferente da vida que tinha conhecido no Santa Clara, quando as noites passavam tranqüilamente, com exceção do badalar dos sinos e do farfalhar dos hábitos quando as freiras iam fazer a oração da noite na capela.

Colette aparecia sempre. Ficava olhando enquanto os homens jogavam sinuca no longo salão e às vezes, cantava no piano preto, Íris lembrava que ela tinha tomado aulas quando estava no convento e, embora sua voz não fosse vibrante, tinha uma sensualidade que parecia agradar Zonar. Colette murmurava frases de amor, olhando nos olhos escuros e, com um sorriso, ele lhe dava uma taça de champanhe.

Íris ficava escondida num canto, sem se incomodar muito por ele ignorar sua presença. Ela preferia o anonimato. Enquanto recebesse todas as atenções, Colette não incomodaria Íris com suas perguntas nem com sua curiosidade. A francesa se aquecia com o sorriso de Zonar e flertava abertamente com ele diante dos outros convidados, irradiava a excitação de uma mulher que tinha um homem interessado por ela, os ombros bronzeados realçados pelo decote de um vestido de Paris, uma corrente de ouro brilhando em redor de seu pescoço.

Quando ela e Íris ficavam sozinhas, não hesitava em dizer que seu objetivo era casar na família Mavrakis.

— A gente tem que tomar cuidado com os gregos — disse ela. — Mesmo agora eles querem ser o primeiro homem de uma mulher.

— E este é seu caso? — Íris não pôde deixar de perguntar. Ela agora estava um pouco fria com sua ex-colega e sempre tomava cuidado para não conversarem perto de penhascos.

— É claro, chérie. — Colette riu, inclinando-se para servir mais café de um bule de prata. Íris achou que a risada de Colette estava um pouco desenxabida. — Outro dia Zonar me contou que tem um ditado grego que diz: "Amar não é nada. Ser amado é alguma coisa. Amar e ser amado é tudo". Ninguém imaginaria que ele é um homem sentimental, não é mesmo?

— As pessoas enganam — Íris murmurou, muito discreta em sua saia creme e blusa cor de conhaque.

Colette tinha andado a cavalo, por isso estava muito bem vestida, como se saísse

da capa de uma revista, uma moça para todas as ocasiões, a companheira ideal para um homem de sucesso.

— Você engana, chérie! — Colette recostou-se na poltrona, com as pernas cruzadas enquanto tomava o café. Seus olhos, pintados até para andar a cavalo, pousaram em Íris com um brilho divertido. — Imagino o que está escondido em sua alma. Haveria alguma paixão? Águas paradas são profundas, dizem.

— O passeio foi bom? — Íris fugiu da pergunta. — Eles têm cavalos muito bons aqui, não é verdade? Uma das moças me disse que são criados na charneca. Aleko adora cavalos.

— Você devia aprender a andar a cavalo. — Colette mordeu um biscoito. — Você tem medo de criaturas grandes e fortes... como homens e cavalos?

— Não tenho, não. — O sorriso de Íris foi um pouco melancólico, embora ela não percebesse. — Acho que não quero ficar gostando de coisas que não vou poder fazer no futuro.

— Ainda resolvida a se sacrificar, hein? E um mistério para mim saber como você ainda não desistiu... quero dizer, depois disto tudo.

Íris olhou para a sala com seu tapete amarelado, seus quadros e seus bibelôs muito bem arrumados, suas cortinas de seda. Uma sala elegante e muito bem decorada, com a luz do sol e o canto dos passarinhos entrando pela janela.

É uma sala linda — Íris admitiu.

— Zonar tem uma casa na Grécia. — Colette examinava as unhas vermelhas. — Estou louca para ir para lá e para aquela ilha do irmão. Petaloudes, a ilha das borboletas!

— Que são cegas e voam guiadas pelo olfato. — Zonar tinha dito que o amor era cego, talvez ele tivesse resolvido ignorar que a fachada encantadora de Colette escondia uma ânsia por prazeres e pelos bens que o dinheiro pode comprar. Uma vez ele tinha amado com todo o coração... talvez agora se contentasse em amar só com os sentidos. Colette saberia satisfazê-los e Aleko parecia achá-la divertida, ele a chamava de Gatinha por causa de seus olhos rasgados. Outro dia ele tinha perguntado se ela sabia ronronar. Colette lhe deu um tapinha na cabeça, chamou-o de petit e ficou pensativa, como se já tivesse decidido que ele iria para a escola quando chegasse a hora, para não ficar atrapalhando.

Colette estava olhando para um quadro, parecia da escola francesa e mostrava uma jovem andando entre uma porção de flores.

— Parece você! — Colette exclamou. — Você me lembra uma fada, sabia, chérie?

— Fora deste mundo, hein? — As janelas do terraço escureceram quando uma figura alta parou, bloqueando a luz do sol. Íris lançou um olhar naquela direção e viu Zonar muito à vontade, usando um suéter e uma calça esporte, o suéter era de tricô, com desenhos formando motivos gregos.

— Mon ami... — Colette estendeu a mão e ele veio em sua direção, para beijá-la.

— Você é bem deste mundo — disse ele.

— E satisfeita com ele! — A francesa o examinou. — Você está ótimo, Zonar! Não conhecia esse suéter... Fica tão bem em você!

— Foi feito à mão e eu o recebi esta manhã pelo correio.

— Verdade? E quem é que faz suéteres tão lindos? Se for uma mulher bonita, vou lhe arrancar os olhos!

— Encoste a mão em Fenella e terá que se haver comigo, gatinha. — Ele olhou para o bule de café. — Vou querer uma xícara de café. Levei meu filho para o hotel esta manhã e ele não parou nem um instante. Deixei-o com um menino que está hospedado lá com os pais, por isso, srta. Ardath, ficaria muito agradecido se fosse buscá-lo mais tarde.

— É claro, senhor. — Íris serviu o café, entregando-lhe depois a xícara. Quando ele a pegou, ela se levantou, desculpando-se. — Tenho algumas coisas para fazer.

— Você gostou do meu suéter?

— Está muito bem-feito, senhor. — De repente, ocorreu-lhe uma idéia. — Por acaso é seu aniversário?

Ele deu um sorriso, inclinando a cabeça.

— Muitas felicidades... — Mas, antes que ela pudesse acabar a frase, Colette pulou da cadeira, passando os braços em volta do pescoço dele, puxando-lhe a cabeça até que seus lábios se encontraram.

— Você devia ter dito, querido! Quando formos à cidade vou comprar alguma coisa muito, muito bonita! — Ela acariciou o maxilar dele.

Sacudindo ligeiramente os ombros, Íris saiu da sala em silêncio. Olhou para o relógio do hall e viu que estava quase na hora do almoço. De repente, perdera a vontade de almoçar com Colette, vendo-a flertar com Zonar. Era melhor pegar alguns sanduíches, um pouco de chá e ir fazer um piquenique solitário na caverna Peachstone. A praia tinha esse nome porque a areia estava salpicada de pedras avermelhadas, redondas e lisas.

Íris fez sanduíches de presunto e pôs chá numa garrafa térmica. Estava conversando com a cozinheira quando Aquiles entrou, vindo da garagem, onde estava polindo os carros. Ele sorriu ao ver Íris.

— Aonde você vai? — ele perguntou, com o cabelo caído na testa, a camisa bem aberta mostrando o peito musculoso.

— Vou dar um passeio — ela respondeu com voz fria.

— Sozinha? Não vai ser muito divertido... Por que não me convida também?

— Tenho que buscar Aleko no hotel. — Ela pegou o pacote de sanduíches e sorriu para a cozinheira. — Obrigada pelo presunto, parece ótimo.

— Você também — Aquiles murmurou. — Como um sorvete que derrete na boca.

Íris o ignorou e saiu da cozinha, andando depressa, com medo de que ele a seguisse. Ela sempre o evitava. Ele não a incomodava quando Aleko estava junto, pois sabia que o menino contava para o pai tudo o que se passava, mas, vendo-a com uma cesta de piquenique, provavelmente imaginou que ela ia à praia sozinha.

Parou e olhou para a casa. Parecia silenciosa e sossegada à luz do sol. Talvez comesse os sanduíches no mirante, evitando assim a praia, que era pouco usada em comparação com as praias mais largas perto da cidade. Aquela parte de Tormont era acidentada e solitária.

O mar brilhava como uma lâmina de praia e o sol ardia num céu do mais puro azul. A vista do outro lado da baía estava maravilhosa e a brisa suave acariciava sua pele. Uma gaivota abriu as asas e pairou por alguns segundos no ouro e no azul, depois mergulhou no mar. Íris resolveu descer o atalho que ia até a praia.

Ela precisava ficar sozinha, estava muito longe da capela do Santa Clara, onde muitas vezes ficava meditando, quando alguma coisa a perturbava.

Tinha ficado perturbada antes ou depois que Zonar apareceu com o suéter novo? Não tinha certeza, mas sabia que a sensação de ansiedade estava relacionada com aquela desconhecida chamada Fenella. Quando ele disse o nome dela, seus olhos pareceram... apaixonados?

Sim, Íris concluiu. Zonar gostava de Fenella de uma maneira diferente da que gostava de Colette... era como se ele deixasse que Colette o namorasse, mas sem lhe entregar o coração.

Saiu do sol, caminhando pelo atalho íngreme que descia até a praia, em degraus de pedra, cobertos de hera e de samambaias. Havia um zumbido de insetos, galhos baixos que tinha que evitar e, preso num arbusto, o corpo de uma gaivota, que lembrou a Íris seu acidente no penhasco. As equimoses tinham desaparecido, mas as recordações continuavam, perturbando seus sonhos à noite e fazendo com que ela acordasse assustada... Era como se estivesse caindo de novo, mas desta vez ninguém se incomodava em lhe estender a mão para que ela não mergulhasse no mar gelado.

Ouviu o barulho do mar ao chegar na caverna, que tinha a forma de uma meia-lua e estava cheia das pedras vermelhas, redondas. Era um lugar deserto, um pouco sinistro, pois a caverna era rodeada por pedras enormes que saíam da água como focinhos de monstros marinhos. Procurando afastar sua inquietação, Íris acomodou-se na areia para comer um sanduíche e tomar chá. O presunto estava delicioso e o chá bem quente. Depois que acabou de comer, deitou-se na esteira, tirou as sandálias e resolveu descansar um pouco. Aleko devia estar se divertindo com o outro menino, por isso não precisava ir buscá-lo ainda.

Fechou os olhos e prestou atenção ao barulho do mar. Tinha quase a sensação de estar sendo embalada, mas não deixou que seus pensamentos se aventurassem pelas regiões mais secretas de sua mente. Não queria se arriscar a descobrir o que havia lá, tinha que ficar muito bem enterrado até que parasse de querer se libertar. Sem luz nem sustento, tudo terminaria... tinha que ser assim.

Íris acordou de repente, sentando-se, assustada. O tempo tinha passado e a tarde já estava caindo alongando as sombras e tingindo o mar de vermelho. Oh, Deus, ela devia buscar Aleko no hotel e ainda estava lá, na caverna, onde o mar já começava a entrar por entre as pedras. Levantou-se e começou a procurar as sandálias.

— Procurando isto?

Um vulto saiu das sombras, parando contra o sol que se punha. As sandálias estavam penduradas em suas mãos.

— Você?!

— Sim, governanta, eu! — Aquiles avançou com ar resolutivo. Íris estendeu a mão para pegar as sandálias, mas ele recuou o braço, sorrindo.

— Queria vir um pouco mais cedo, mas tive que ir até a estação com o patrão para buscar umas pessoas, que depois foram tomar chá no hotel. O menino estava lá, por isso imaginei que você ainda não tinha voltado.

Íris umedeceu os lábios, que estavam secos.

— Quero minhas sandálias. — Ela estendeu a mão, mas não quis dar o passo que a aproximaria de Aquiles, que, contra o céu vermelho, lhe dava uma sensação de ameaça. Seu coração batia com força e ela não sabia como sair dali sem passar por ele. Se corresse, ele a agarraria com aquelas mãos enormes e a envolveria com os braços cobertos de pêlos pretos.

Ele jogou as sandálias no chão.

— Se quer tanto as sandálias governanta então venha buscá-las.

— A maré está subindo, você mesmo pode ver. — A única coisa que Íris queria era voltar para casa.

— Temos ainda meia hora, o tempo suficiente para fazer o que quero... Você sabe o que estou querendo, não é, meu bem?

— Sim, você quer perder um ótimo emprego. — Ela lutava para afastar o pânico de sua voz, mas o medo aumentava, a caverna ficava mais escura a cada momento e ela não sabia o que fazer se Aquiles a agarrasse. Sentia-se indefesa, irritada... e apavorada.

— Você não vai contar para ninguém. Você é do tipo que guarda as coisas... — Ele começou a se aproximar, com as mãos abertas ao lado das pernas. — Venha, é mais divertido não lutar com o homem. As moças sempre ficam um pouco nervosas na primeira vez, mas ficam loucas depois de sentirem o gosto de um homem. Você vai ver. Ficaremos muito bons amigos depois, e quando tivermos algum tempo livre poderemos aproveitar juntos. Vamos, não fuja... senão vou perder a paciência e não quero que essa pele macia fique machucada de novo.

Com um movimento repentino, ele estendeu os braços e quase tocou nela, mas Íris pulou para o lado, aproximando-se dos degraus de pedra. Aquiles era muito mais pesado do que ela e Íris sabia que poderia fugir se conseguisse iludi-lo. Começou a correr, mas ele a agarrou pela blusa, que rasgou. Ela gritou ao sentir a compressão de seus braços selvagens.

Aquiles segurou-a com força, quase sufocando-a. O medo e a repulsa foram fortes demais quando o motorista procurou beijá-la na boca, ela desviou a cabeça, e isto provocou uma dor muito forte em seu pescoço.

— Você vai me beijar — ele falou, arfando. — Vou esquentá-la, madaminha, andando por aquela casa, importante e fria, como se guardasse os sentimentos numa geladeira. Conheço seu tipo! Quente como mostarda quando derrete!

Íris teve a sensação de que sua espinha ia se quebrar quando Aquiles, prendendo seu corpo, pôs os lábios no lugar em que a blusa rasgara. Sua boca estava quente, exigente, e ela acabou perdendo o equilíbrio, caindo com ele na areia. Aquiles estava em cima dela e tudo parecia um pesadelo. Segurando-a com firmeza, ele abriu mais a blusa e começou a mexer no cóis da saia.

Ela lutou desesperadamente, mas Aquiles a prendia com o peso de seu corpo. Íris sentiu que ele abria o zíper da saia e que tentava tirá-la. Ele arfava e cheirava a tabaco, depois ela sentiu o ar frio em suas pernas e o calor da mão áspera que a acariciava.

— Ah, que pernas que você tem, macias e finas... Que inferno, fique quieta!

Ela gritou um nome, sem perceber, e Aquiles riu.

— Ele não vai aparecer para ajudá-la desta vez, governanta. O patrão está envolvido demais com os casos que tem, por isso esqueça-o e fique quieta!

Aquiles pegou em sua coxa e ela, apavorada, levantou o joelho. O motorista deu um gemido e Íris aproveitou-se da distração para fugir.

— Não! — Enquanto Íris tentava fugir, ele agarrou seu tornozelo e ela caiu de bruços... batendo a cabeça numa das pedras espalhadas pela praia. A dor explodiu em sua cabeça e ela perdeu a consciência. Tudo escureceu enquanto jazia largada como uma boneca, com Aquiles inclinado em cima dela.

CAPÍTULO VII

Foi a água fria que despertou Íris. O mar tinha passado pelas pedras e começava a atingir o lugar onde ela estava.

Sua cabeça latejava e a água estava chegando em suas pernas. Ela sentou-se lentamente, tremendo por causa do ar frio que entrava pelos rasgões de sua blusa. Olhou em volta, vendo as pedras escuras e o reflexo pálido das estrelas no mar, na crista das ondas que chegavam até a caverna.

— Oh, Deus! — Ela pôs a mão na testa, apalpando o lugar machucado. Depois se levantou cambaleando e respirou fundo várias vezes para se acalmar. Foi então que se lembrou do que estava acontecendo antes que desmaiasse e nem quis pensar no que podia ter ocorrido enquanto estava desacordada. As ondas aumentavam e ela tinha que subir os degraus de pedra antes que a caverna ficasse inundada. Todos aqueles degraus e depois o jardim para atravessar, esperando que ninguém a visse naquele estado e começasse a fazer perguntas... principalmente seu patrão.

Ficou assustada com a idéia de encontrar-se com ele daquele jeito, com a frente da blusa rasgada, a saia molhada com água do mar, a testa machucada. Ele ia querer saber o que tinha acontecido e ela teria que mentir. Não podia lhe dizer que Aquiles a atacara, transformar em palavras a feiúra de tudo aquilo e ver a tempestade formar-se em seus olhos. Sabia que ele ia acabar com Aquiles e ela não queria mais violência.

Ainda atordoada, passou da água para os degraus e começou a longa subida até o jardim. Estava escuro e os degraus machucavam seus pés nus, criaturas invisíveis ocultavam-se nos arbustos e ela estava apavorada com a idéia de que pudesse ser atacada de novo. Estava cambaleando e exausta quando chegou em cima e sua testa estava sangrando de novo. "Nossa Senhora, fiz-me chegar a meu quarto sem ser vista por ninguém!", pensou. Foi difícil atravessar o hall e o coração dela subiu na garganta quando ouviu o som de vozes e risadas vindo do salão. Conseguiu subir a escada e passar pela galeria, por isso deixou escapar um suspiro de alívio quando chegou em seu quarto. Quase desmaiando, fechou a porta pelo lado de dentro e deixou-se cair numa poltrona para retomar o fôlego.

Graças a Deus naquela noite havia convidados para manter Zonar ocupado... ele não podia vê-la chegar em casa naquele estado! Ela precisava tirar as roupas rasgadas! Tinha que tomar um banho de chuveiro e se arrumar, e depois, se ele mandasse alguém procurá-la... No banheiro, com a porta trancada, ela se olhou no espelho e viu a expressão de incredulidade em seus próprios olhos. Parecia uma boneca de trapos que tivesse caído na lama.

Com as mãos tremendo, tirou a roupa e entrou no chuveiro, abriu toda a torneira para que a água, batendo em sua pele, tirasse de seu corpo, a sensação de que tinha sido atacada.

Ensaboou-se com muito cuidado e usou uma esponja para se limpar bem, mas não podia tirar da memória sua luta com Aquiles. As marcas dos dedos dele estavam em seus braços e havia outros sinais na brancura de sua coxa. Ela não tinha certeza da extensão

do ataque, sabia apenas que tinha ficado inconsciente o tempo suficiente para Aquiles conseguir o que queria. Curiosamente era o ardor de seu olhar que ela não conseguia tirar da cabeça, ao sair do chuveiro para se enxugar.

O espelho mostrou seu reflexo... Ela parecia a mesma moça a não ser por um resto de terror nos olhos e o machucado na testa, que tinha que esconder com o cabelo. Pegou a blusa rasgada e a combinação com a alça arrebitada e pensou com pesar que, se continuasse assim, acabaria sem blusas. A blusa parecia sem conserto... assim como sua inocência.

O que deveria fazer? Deixar a casa e voltar para o convento? Lentamente fez uma bola com a blusa de seda, escondendo-a em sua bolsa. Sumiria com ela de manhã, como se fosse a prova de um crime, como se tivesse consentido com o que se passou na caverna. Era o que Aquiles alegaria, e como ela não tinha contado nada para ninguém, ao voltar para casa, ia parecer que ele tinha falado a verdade.

Suspirando, foi até a penteadeira e começou a escovar os cabelos, cobrindo a testa para esconder a prova de sua queda. Zonar não podia ficar sabendo da luta degradante na areia, do toque das mãos de outro homem em seu corpo, da sensação quente dos lábios que procuravam beijá-la no escuro, de seu desamparo...

Chamavam aquilo de luxúria... no próprio amor tinha que haver um pouco de luxúria, e com um soluço ela virou as costas para o espelho, enfiando o rosto nas mãos.

Íris não ouviu a batida na porta, não percebeu que alguém entrava no quarto até que uma mão tocou em seu ombro com muita delicadeza, mas produzindo o efeito de um choque elétrico. Ela estremeceu, afastando-se rapidamente, e tirando as mãos do rosto.

— Onde é que você estava? — Zonar perguntou. — Faz tempo que você sumiu e eu trouxe Aleko comigo, de volta do hotel. O que houve com você?

Ele virou-a para examinar seu rosto, por isso ela teve que se esforçar para compor suas feições.

— Fui... fui passear de ônibus. — Íris nunca tinha mentido antes com tanta desfaçatez. — Fui mais longe do que imaginei e... me perdi num lugar em que havia muitos barcos. Sabia que Aleko estava bem porque estava no hotel, por isso tomei chá e depois fui tomar o ônibus certo para voltar para Tormont. Já tinha escurecido. Percebi que o senhor estava com visitas, então subi para tomar um banho de chuveiro.

Zonar ouviu atentamente e ela precisou controlar a vontade de pôr a mão na testa para que ele não notasse a contusão. Procurava desesperadamente uma explicação caso aqueles olhos penetrantes percebessem o que havia debaixo do cabelo.

— Você está... esquisita. — Ele estreitou os olhos, para examinar-lhe o rosto e o pescoço, até a abertura do roupão. — Alguma coisa a assustou?

— Não. — Ela deu um sorriso forçado. — Por quê?

— Não sei, mas há qualquer coisa em você que não estou entendendo. Além disso, não é hábito seu sair sozinha quando dei uma ordem relacionada com Aleko. Você está falando a verdade?

O brilho dos olhos dele provocou-lhe medo de ser descoberta, por isso mentiu de novo.

— É claro. Peguei o ônibus errado e fui parar longe demais. Desculpe-me. Isto não vai acontecer de novo... na verdade...

— O que foi?

— Estava pensando em voltar para o Santa Clara. Não pertencço a este lugar.

— Eu lhe direi a hora de ir embora!

Ele segurou seus ombros, um contato que chegou até os ossos, sem lhe dar a repulsa que sentiu quando Aquiles a agarrou. Alguma coisa agitou-se dentro dela e, se ele não a estivesse segurando, ela teria caído.

— Como você está fraca! — Ele tornou a examinar seu rosto. — Você passou a tarde inteira dando voltas de ônibus, tentando se convencer de que deve fugir de mim?

— Do senhor? — Ela olhou para ele, sabendo o que seus sentidos queriam e o que deveria negar-lhes.

— Sim! Você sabe tão bem quanto eu que um homem e uma moça não podem viver debaixo do mesmo teto sem terem consciência um do outro...

— O senhor tem Colette — ela interrompeu. — Por favor, deixe-me ir embora!

— Sei muito bem que posso ter Colette, ou uma dúzia de outras moças como ela. Mas você... você é estranha, reservada, intrigante. Não vou deixá-la voltar para aquela casa de ossos ressecados e de boas ações, para que você se envolva naquelas roupas pretas e se negue isto — seus lábios comprimiram os olhos dela — e isto também... — Zonar beijou-lhe a boca, e seus braços fortes levantaram-na do chão, abraçando-a.

Até então ela não sabia que o paraíso podia ser encontrado na terra, e suspirou de prazer contra aquele corpo musculoso. Ele abriu o roupão com os lábios e aquele contato na pele nua foi quase insuportável.

— Zonar! — ela exclamou o nome dele pela primeira vez e isto lhe deu um choque. — Não!

Íris o empurrou e, tomado de surpresa, ele a colocou no chão. Ela recuou, recompondo o roupão. Suas pernas tremiam e parecia que o chão balançava sob seus pés. O pesadelo e o sonho misturaram-se em sua mente confusa e lhe pareceu que estava de novo na caverna, sentindo-se ameaçada.

— Já não foi demais o que o senhor fez comigo? — ela disse com voz ofegante. — O senhor é um bruto... um animal... tudo o que eu quero é ficar em paz! E o senhor só quer me destruir!

Ele estava parado e seu rosto era uma máscara onde só os olhos tinham vida, brilhando como se estivessem em chamas.

— Você acredita mesmo nisso? — ele perguntou. — Ou é no que você quer acreditar?

Ela prendeu a gola do roupão no pescoço e o homem diante dela entrou de novo em foco, fora da confusão que tinha invadido sua mente como o mar que formava redemoinhos entre as pedras.

Zonar, Íris compreendeu, tinha os braços, os lábios, o calor em que ela queria se fundir.

— Então? — ele quase gritou. — Você acha que quero destruir seu sonho puritano de se tornar freira? É isto?

— Sim.

— Sim, sim — ele concordou, quase com desprezo. — Gostaria de tirar de sua cabeça a idéia de esterilidade... Na verdade, estou tentado a jogá-la naquela cama e provar de uma vez por todas para o que você foi feita.

Ele deu um passo, depois se afastou, exclamando uma praga em grego.

— Pelos deuses! Você quase me fez perder a cabeça! Vista-se e desça para o salão. Quero que fique conhecendo meu irmão e minha cunhada que chegaram da Grécia.

Ela ficou muito surpresa, mas depois lembrou-se de que Aquiles tinha levado Zonar até a estação para buscar algumas pessoas. Lion Mavrakis e sua mulher Fenella, a única mulher que parecia enternecer Zonar.

— Por favor, hoje não — ela pediu.

— Hoje — disse ele com firmeza. — Meu irmão e minha cunhada vão passar só alguns dias em Devon, depois Fenella vai fazer uma pequena operação num hospital e Lion vai ficar com ela. Parece que há uma possibilidade deles terem um filho... Por incrível que pareça, Lion não se preocupa tanto com isso quanto Fenny. Ela perdeu o primeiro filho, eu estava com ela e sei como sofreu. Fenny é uma pessoa muito doce e eu quero que você jante conosco esta noite.

— É uma ordem, senhor? — Íris perguntou serenamente.

— É — ele concordou. — Você me deve obediência depois desta tarde, não é mesmo?

Ela estremeceu com a lembrança e ele percebeu, porque franziu as sobrancelhas.

— Onde você esteve, Íris?

— Já disse que...

— Você gaguejou alguma coisa, mas acho que era tudo mentira. — Seus olhos estreitaram-se tanto que só aparecia uma faísca entre os cílios escuros. — Você esteve com um homem? Pensaria isto de qualquer moça, menos de você, e acho que quebraria o pescoço dele...

— O senhor está dizendo uma bobagem — ela o interrompeu.

— É verdade? — Ele levantou as sobrancelhas. — Você está falando com seu patrão!

— Às vezes o senhor se comporta mais como um ditador!

— É mesmo? — Ele sorriu. — Se você acha que sou um tirano, espere até conhecer Lion. Só Fenella tem a chave de seu coração, e a pobrezinha teve que ir até o fundo do inferno para conquistá-lo. Estou sendo duro com você?

Duro, implacável, indomável. Ela só podia inclinar a cabeça... talvez todos os gregos fossem assim até que uma mulher encontrasse a chave de seu coração. De repente ela ficou curiosa e quis conhecer a inglesa de quem ele falava com tanta ternura, até com um pouco de intimidade. Zonar tinha estado com ela quando perdeu o bebê. Ele tinha sugerido que a vida dela nem sempre tinha sido fácil ao lado do chefe poderoso da Companhia Mavrakis.

— Está bem — Íris murmurou. — Vou me arrumar.

— Vou escolher seu vestido.

Ele abriu a porta do armário e Íris ficou observando enquanto ele mexia nos vestidos... com um formigamento no fim da espinha, como se ele estivesse tocando nela. Zonar pegou o vestido de crepe-da-china, num tom suave de amarelo.

— Na minha opinião, uma bela escolha. — Ele pôs o vestido em cima da cama, com um brilho de arrogância nos olhos. — Espero você lá embaixo dentro de meia hora. Aleko vai jantar conosco porque esta é uma ocasião especial, agora ele está conversando com

Fenella. Você pode se vestir sozinha?

— Eu me visto sozinha desde que era bem menor do que Aleko.

— Com roupas do convento. Este vestido tem um zíper que vai do pescoço até embaixo e você pode precisar de ajuda. — Seus olhos prenderam os dela. Depois, com uma risada, ele caminhou até a porta. — Estou sendo paternal. Sei muito bem que seu senso de pudor não permite que ninguém a ajude a se vestir... como faço com Aleko.

— Sou um pouco mais velha do que Aleko — ela comentou secamente. — E eu lhe asseguro, senhor, que não vou descer para jantar com o vestido colocado ao contrário.

— Menina engraçada. — Ele parou, mantendo a porta aberta. — Muito reservada quando quer, mas lhe asseguro que vou descobrir onde esteve e o que fez a tarde inteira.

O coração de Íris bateu mais depressa. Ela ainda estava chocada com o encontro na praia, mas achava que não demonstrava externamente que tinha sido maltratada pelo motorista. Não, Íris se assegurou, Zonar estava fazendo perguntas porque ela geralmente obedeceria a todas as ordens.

— Continuo achando que você está escondendo qualquer coisa de mim. — Depois ele olhou para o relógio. — Vou marcar o tempo. Veja se não demora a noite toda para se arrumar.

Ele foi embora, com seu ar decidido, e Íris continuou com a sensação de que Zonar ainda estava lá, alto e moreno, com as sobranceiras satânicas levantadas, numa mistura de zombaria e de ameaça. Tinha que se vestir e descer porque ele mandara, mas, ao mesmo tempo, estava curiosa para conhecer Fenella Mavrakis... a mulher que Zonar não tinha o direito de querer porque era a esposa de seu irmão.

Íris vestiu-se em menos de meia hora, teve um pouco de dificuldade com o zíper nas costas do vestido, mas agora já estava pronta, o traje de noite caindo até abaixo dos joelhos delicados e envolvendo seus ombros de maneira a deixar o pescoço nu, mostrando a cruzinha de ouro que sempre usava. Os sapatos tinham um salto de cinco centímetros, por isso ela andou um pouco pelo quarto para se acostumar.

Íris tinha que admitir que estava completamente diferente da moça que chegou ali, com uma blusa e uma saia mal talhadas, usando aqueles sapatos que tinham provocado a implicância de Zonar. Com a consciência um pouco pesada admirou suas pernas esbeltas vestidas com meias muito finas, os sapatos que Zonar lhe comprou pareciam acentuar seus tornozelos finos. Isto era vaidade, mas ele não podia deixar de gostar do contato da seda na pele... Depois pôs um pouco de perfume e saiu correndo do quarto, como se chamada pelo próprio diabo.

Ao se aproximar do salão, sentiu-se constrangida. Com um movimento nervoso ajeitou a saia do vestido e passou a mão pelo cabelo para ver se estava cobrindo direito o machucado que ainda latejava. Depois respirou fundo e entrou no salão.

Houve uma pausa na conversa e todos olharam para ela. Íris nunca se sentira tão constrangida em sua vida. Zonar estava ao lado do irmão e, num dos sofás de veludo, estava uma mulher esbelta, com cabelos até os ombros, usando um vestido verde-esmeralda. Ela trazia brilhantes nos lóbulos das orelhas, na mão e ao redor do pescoço. Aleko estava a seu lado, vestido com sua melhor roupa. Ele sorriu para Íris, mas não quis sair de perto da tia.

— Srta. Ardath, quero apresentá-la, — Zonar segurou em seu cotovelo com firmeza — em primeiro lugar, para minha cunhada Fenella, a mulher mais bonita que conheço.

Fenella sorriu, sacudindo a cabeça como se o censurasse.

— Ainda bem que Lion sabe que não o levo a sério, Zonar.

— Que pena, pois estou falando a verdade. Você está linda, Fenny. Espero que Lion reconheça a sorte que tem.

— Não se preocupe com minha sorte.

A fumaça de charuto saía das narinas de Lion Mavrakis e Íris quase perdeu o fôlego quando viu os olhos do homem. Ela esperava que fossem escuros como os de Zonar, mas eram amarelados, o único traço bonito no rosto moreno que mostrava as marcas de uma vida difícil de um homem que tinha aberto caminho desde as vielas da Grécia, usando as mãos, o cérebro e muita determinação. Ele prendeu o olhar de Íris enquanto continuava a fumar o charuto.

— Íris, hein? A mensageira dos deuses.

Ela ficou vermelha e Zonar apertou seu braço.

— Os deuses gregos — disse ele. — Fenny, esta é a governanta de meu filho, que sempre viveu tranquilamente num convento até vir morar conosco.

— Muito prazer em conhecê-la. Que nome bonito que você tem! — Fenny sorriu. Seus olhos eram azuis, como um céu sem nuvens, desanuviados agora, embora Zonar tivesse sugerido que sua vida não tinha sido fácil ao lado do grego alto e musculoso.

— Agora venha me cumprimentar — Lion ordenou. — Não estou acostumado a encontrar moças de convento e já fui informado por meu sobrinho de que você vai se tornar freira. É verdade?

Ele a examinou intensamente, desconcertando-a. Íris quis se aproximar mais de Zonar, mas ele tinha se dirigido para a mesa de bebidas, deixando-a desprotegida. Então, inesperadamente, Lion Mavrakis sorriu com tanto charme que ela entendeu imediatamente por que uma moça delicada como Fenella tinha se apaixonado por ele.

— Não fique com medo de mim. Em certos sentidos sou muito menos perigoso do que aquele meu irmão bonitão, e você já mora nesta casa há várias semanas. Você se dá bem com Aleko, não é?

— Sim, somos bons amigos, sr. Mavrakis. — Ela ainda estava um pouco intimidada, porque ele parecia mais estrangeiro, mais grego do que Zonar.

Íris olhou para Zonar que estava servindo champanhe e sentiu pena dele. Ele parecia solitário e ela não pôde deixar de se perguntar por que não tinha convidado Colette para jantar com eles.

— Sei como você gosta, Fenny. — Os olhos dele pareciam acariciar a pele clara da cunhada. — Pus um pouco de suco de laranja no seu champanhe.

— Obrigada. — Ela sorriu, e depois olhou para Aleko, que estava distraído, folheando um livro ilustrado sobre dinossauros e outros monstros extintos. — Aleko está muito parecido com você.

— Ele também se parece um pouco com a mãe. — Zonar atravessou a sala com a bandeja cheia de taças. — Vamos fazer um brinde, porque faz tempo que não nos reunimos.

— Também vou tomar champanhe, papai? — Aleko sorriu para Zonar e, quando os olhos escuros se estreitaram, Íris percebeu que seu patrão estava achando alguma semelhança entre o menino e sua mãe.

Champanhe com suco de laranja, como o de sua tia, e o mesmo para a srta. Ardath. — Os olhos escuros fixaram-se em Íris por algum tempo, depois ele foi para perto do irmão,

que estava ao lado de uma das janelas que davam para o penhasco.

Chairete! — Lion levantou o copo. — Não é fácil encontrar a felicidade, mas vale a pena procurar.

Enquanto eles bebiam, Fenella convidou Íris para se sentar a seu lado. Ela já estava mais à vontade com as outras pessoas, mas ainda se sentia insegura a seu respeito. O vestido caía bem em seu corpo, mas não na pessoa que planejava ser. Dentro do convento tinha sido muito fácil seguir um determinado caminho, mas agora ela se sentia perdida, vulnerável e incerta sobre a felicidade. Se o amor era felicidade, então isto lhe seria negado.

— Que vestido bonito! — Fenny comentou. — Foi comprado aqui? Sei que há lojas muito boas na cidade.

— Foi o sr. Mavrakis quem comprou.

— Entendo... — Fenny sorriu. — Ele não gostava das roupas que você trouxe do convento, não é?

— Foi isso mesmo — Íris admitiu.

Fenny parecia divertida e olhou para onde os dois gregos estavam conversando.

— Meu marido e Zonar são famosos por sua sinceridade, você acha que eles se parecem?

— Sim — Íris respondeu imediatamente. — Quando sorriem.

— Sei exatamente o que você quer dizer. Lion fica muito charmoso quando sorri, mas quando está sério amedronta todo mundo. Eu também morria de medo, mas isso foi há muito tempo. Zonar a amedronta?

Íris ficou pensando na pergunta. Havia muitas maneiras de se sentir amedrontada por um homem e ela sabia — e como! — que Zonar nunca exerceria seu poder para ferir ou desonrar uma mulher. Por isso, respondeu tranquilamente:

— Ele é um cavalheiro.

— Sim — Fenny concordou. — Lion sabe disso e tem muito orgulho por Zonar ser assim. Ele lutou muito para conseguir pôr os dois irmãos no colégio. Há uma bondade inata em Zonar, uma compreensão que faz dele um ótimo amigo quando se tem problemas. Tive problemas, sabe, e Zonar me ajudou muito na ocasião. Sempre lhe serei grata por ele ter me emprestado seu ombro, quando precisei. Diga-me... — Fenny hesitou, olhando para Íris — provavelmente você sabe que ele anda se encontrando com uma moça no hotel... Colette, acho que ela se chama assim. Ela estava lá quando tomamos chá, depois que ele foi mostrar o Monarch para Lion. Uma moça muito moderna, uma modelo de Paris. Você a conhece?

— Sim, conheço. — Íris podia imaginar o que Fenny queria saber.

— Você acha que a coisa é séria? — Fenny perguntou, abaixando a voz.

— Não sei direito... — Íris procurou evitar a pergunta. — Sou apenas governanta e não me cabe ficar fazendo suposições sobre o sr. Mavrakis. Ele vê Colette com muita frequência, acho que ela o diverte e ela é muito atraente.

— É atraente mesmo — ela concordou. — Mas do tipo que quer se casar com um homem com dinheiro e posição, e alguém como Zonar deve ser escolhido apenas por ele mesmo. Ele precisa ser amado e as pessoas superficiais não sabem o significado desta palavra! A moça do hotel é superficial, não é verdade? Você também acha... posso ver em seus olhos.

— Não me compete dar uma opinião, sra. Mavrakis. — Ela abaixou os olhos para a taça de champanhe.

— Não mesmo? — Fenny pegou a mão dela. — Chame-me de Fenny, quero que seja minha amiga. É verdade que você vai entrar para o convento?

— Sim.

— É um passo muito difícil. Não sei se eu teria forças para tanto.

Fenny tornou a olhar para o marido e Íris viu de novo um brilho de amor nos olhos bonitos. Sim, o encanto de amar e ser amada ardentemente estava nos olhos lindos daquela mulher, qualquer que tivesse sido seu pesadelo, agora era um sonho que a arrebatava. Era evidente que ela amava Lion... que o adorava. Sem querer, Íris começou a examinar o rosto de Zonar. Fenny era muito diferente do retrato da mulher de Zonar, que estava na cabeceira de Aleko. Ela era morena e Fenny loira. Seus olhos eram castanhos e os de Fenny azuis. Ela era grega como os irmãos Mavrakis.

Com uma risada, Zonar disse para Fenny:

— Seu marido está muito mais charmoso agora. Você lhe deu aulas?

Fenny sorriu, mas Lion respondeu por ela:

— Não, irmão, aprendemos juntos sobre a felicidade. E o fato de estarmos juntos. É bem simples.

— Estou impressionado. — Zonar levantou as sobrancelhas. — Você tem viajado no caíque de vela preta ultimamente?

— Fui para Creta há pouco tempo. A ida foi ótima e eu pesquei um tubarãozinho.

— Um tubarão? — Aleko olhou interessado. — E ele resistiu muito, thios?

— Pode apostar que sim, Aleko. Você precisa passar algum tempo conosco. Vou lhe ensinar a pescar no mar Egeu. Você quer?

Aleko concordou, depois esfregou a testa, muito pálido e com olheiras. Íris ficou preocupada. Provavelmente tinha brincado no sol e se cansado, mas ela não queria sugerir para Zonar que o menino devia ir para cama. Achariam que ela era desmancha-prazeres.

Foram jantar na sala de teto alto, que captava o barulho do mar. As paredes eram revestidas de madeira cor de mel e enfeitadas com belas gravuras com cenas campestres. A mesa oval, rodeada de cadeiras de espaldar alto, era iluminada por um lustre baixo que tirava faíscas dos cristais e da prataria, e no centro havia uma floreira com rosas do jardim.

— Tudo isto é muito bonito — Fenny sorriu ao sentar-se à mesa. — Esta casa é uma beleza. Que sorte você teve de encontrá-la!

— Casa e governanta — Lion comentou, lançando um olhar zombeteiro para Íris. — Há possibilidade de compra?

— Da casa ou da governanta? — Zonar perguntou.

— Qual você prefere, irmão?

— Comportem-se, vocês dois — Fenny ordenou. — Íris não está acostumada com a conversa de taberna dos gregos quando se encontram.

— É verdade? — Lion estendeu a mão e brincou com o pingente de brilhantes do brinco da mulher. — Se ela mora com meu irmão, já deve ter descoberto que ele nem sempre faz o que deve.

— Íris não é... bem, você sabe. — Fenny olhou para Aleko que estava ao lado do

pai, um pouco quieto demais para o sossego de Íris.

— É claro que sei. E só olhar para ela.

— Então pare de falar bobagens.

— Você sabe que eu sou assim desde que me pegou no altar — ele caçoou, fazendo com que Fenny ficasse vermelha. — Veja, Zonar! Eu ainda consigo deixá-la envergonhada!

Zonar sorriu, do outro lado da mesa.

— Se Lion ainda não sabe que se casou com um anjo disfarçado, então não vai saber nunca!

— Não sou nenhum anjo — ela protestou. — Ele era tão louco que quase me quebrou o pescoço... Gostaria de saber como tive coragem para fazer o que fiz. Acho que era jovem e muito romântica. Os outros homens, perto dele, perdiam a graça.

— Mulher, espero que ainda seja assim! — Lion exclamou.

— E é, querido, a não ser quando Zonar está na mesma sala que você.

Em outra ocasião Íris teria ficado intrigada, senão um pouco espantada, com aquela conversa, mas estava observando Aleko. Quando Lion se serviu de um prato de mariscos preparados com tomate e pimentões, o menino sentiu o cheiro do alho e teve uma ânsia de vômito. Íris levantou-se imediatamente para socorrê-lo. O rosto de Aleko estava branco como giz e ele estava curvado, com a mão no estômago.

— O que você comeu? — Zonar perguntou.

— Mexilhões — ele choramingou. — Numa barraca perto do porto.

— Pelos deuses! — Zonar pegou o filho nos braços. — Leite! Ele vai tomar leite até que saia pelas orelhas! Enquanto isso, Íris, chame aquele médico que veio examiná-la. Diga-lhe o que esse diabinho andou comendo, e rápido!

— Posso ajudar em alguma coisa? — Lion estava em pé, com Fenny a seu lado, muito preocupado.

— Papai... — Aleko gemeu. — Está doendo...

— Você já vai melhorar. — Zonar sacudiu a cabeça em resposta a Lion, depois foi em direção à cozinha. Íris, que estava ao lado do telefone, ligando para o médico, ouviu-o dizer ao menino:

— Você vai se encharcar de leite. O que foi que eu disse sobre comer peixe nas barracas?

— Mas você comia... comia polvo.

— Eu era um menino de rua, com estômago de avestruz... — A voz grave desapareceu e o estômago de Íris contraiu-se enquanto explicava a situação para o médico, que felizmente estava em casa, podendo atender Aleko imediatamente.

Ela suspirou quando colocou o fone no lugar. Alguém tocou em seu ombro e, quando ela se virou, viu que era Lion.

— Beba isto. Você está tão pálida quanto o menino.

Ele lhe deu um copo com conhaque, que ela bebeu automaticamente.

— Não se preocupe. O médico já vem vindo para cá e Zonar é muito eficiente numa crise... na verdade, melhor do que eu.

— Foi minha culpa! — Ela estava muito abalada. — Eu devia ter ido diretamente

para o hotel esta tarde, mas fui para a praia e... e caí no sono.

De repente, ela deixou escapar um soluço e no instante seguinte estava nos braços de Lion. Ele disse alguma coisa em grego para a mulher, mas Íris estava muito aflita... e as lágrimas começaram a jorrar de seus olhos, sem que pudesse controlá-las. Um lenço enorme veio parar em suas mãos, e ela o levou ao rosto, sentindo o cheiro de charuto que lhe lembrava Zonar.

— Aleko vai ficar bom — Fenny assegurou-lhe. — Você não deve ficar tão preocupada, ou também vai precisar do médico.

— Estou bem agora. — Íris enxugou as lágrimas, controlando-se. — Ela se afastou de Lion e olhou para o corredor que levava à cozinha. — Quero ver se Aleko está melhor... será que posso?

— Vá! — Lion falou sem vacilar. — Mais vale você ficar ao lado dele do que se desesperando aqui. Vá logo. Fenny e eu esperamos o médico.

CAPÍTULO VIII

Íris correu para a cozinha, com os joelhos tremendo e uma sensação desagradável no estômago. Ela não se perdoava por não ter imaginado que, se Aleko ficasse sozinho com outro menino, os dois, com toda a certeza, fariam travessura. Tentou abrir a porta da cozinha, quase batendo em alguém que surgiu de repente. Aborrecida, ela olhou para Aquiles, mal podendo dominar sua repulsa.

— Cuidado, governanta, ou vai acabar caindo de novo.

— Saia da minha frente... — ordenou ela, mas o motorista continuou diante dela, provocando-a.

— Então você não se afogou!

— É o que você esperava que acontecesse? — Íris mal podia suportar a lembrança de que os lábios daquele homem esmagaram os seus, que aquelas mãos tocaram em seu corpo, daquele frio paralisante que a deixou indefesa. Sentiu-se tão nauseada quanto Aleko.

— Deixe-me passar!

— Só se você me der um beijo.

Ele abaixou o rosto, mas Íris, furiosa, arranhou-o como uma gata desesperada.

— Cadela! — Ele tocou no rosto machucado. — Você está tendo o que pediu, madaminha. Se fosse o patrão, garanto que ia querer...

— Considere-se com sorte por não ter sido despedido! — ela o interrompeu.

— Então você não foi contar para ele que um homem ousou pôr a mão nesse seu corpo sagrado? — Aquiles parecia não acreditar. — Você acha que eu ia me aproveitar de você enquanto estava desmaiada? Gosto de mulheres quentes e ardentes. Não sou santo, governanta, mas também não sou tão abominável assim!

Dizendo isso, ele foi embora e Íris ficou encostada no batente da porta, sentindo-se aliviada. Ela não tinha muita certeza, pois a vida no convento não esclarecia bem certos fatos da vida. Oh, que peso tirava de seu coração... sim, ela percebeu, de seu coração!

Íris respirou fundo, acalmando-se. Estava pronta agora para enfrentar a raiva de Zonar e a preocupação por causa de Aleko.

Entrou na cozinha, encontrando Aleko muito abatido, nos braços do pai.

— Ele vomitou bastante — Zonar informou-a, com um olhar significativo. — Parece que ele e o outro menino foram para a cidade e tomaram meio balde de sorvete e comeram um pacote de rosquinhas, além de um prato de mexilhões. Não foi intoxicação, foi só indigestão.

A culpa foi minha. — Ela estava arrependida. — Se tivesse ido diretamente para o Monarch, para buscá-lo, isto não teria acontecido.

— E verdade — ele concordou. — A cozinheira fez café. Tome uma xícara.

Pouco depois, o médico chegou. Após examinar Aleko, ele confirmou o diagnóstico de Zonar, de que o menino estava com indigestão e que estaria bem depois de uma noite bem-dormida. O médico foi embora, o menino foi levado para a cama e os quatro adultos, ainda abalados, sentaram-se para conversar.

— Crianças! — Lion exclamou. — Será que valem a pena?

— Você sabe que sim — respondeu Fenny, com voz muito doce. — Você não saberia viver sem seu filho, não é, Zonar?

— Ele é tudo para mim. — Zonar estava recostado numa poltrona, com ar melancólico, os olhos semicerrados por causa da fumaça do charuto.

— Já não está na hora de você começar a viver sua vida, meu velho? — Lion estava com a mão no ombro de Fenny.

Íris sentindo-se deslocada naquela reunião de família, achou que devia dizer boa-noite e deixá-los conversando sozinhos. Mas resolveu ficar mais um pouco, curiosa para saber a resposta de Zonar. Ele falaria de Colette? Iria dizer que tinha resolvido se casar... que se sentia solitário, e que aquela sensação aumentava ainda mais quando via Lion e Fenny juntos, tão felizes?

— Você já não é criança. Seria bom que Aleko tivesse uma mãe e que você arranjasse outro interesse na vida. Ah, sei que você se distrai com uma porção de moças, irmão, mas o tempo voa e, quando você perceber, Aleko estará grande e você um velho. Pense nisto.

— Tenho pensado muito... — Zonar soprou a fumaça do charuto e seus olhos estavam tristes. — Quero me casar de novo, mas ainda não encontrei o momento certo para pedir a moça em casamento. Já faz tanto tempo que não me declaro!

— Não me diga que você está com medo de levar um fora! — Lion deu uma risada. — Você tem presença e tem posição: o que mais uma moça pode querer?

— As moças querem coisas muito estranhas... — Zonar levantou-se e foi até a janela, olhando para o céu. — Pelos deuses, quantas estrelas! A noite ganha tanta vida com elas, é quase assustador. Elas brilham como pedacinhos de prata, e o mar está claro e calmo. Minha mente não. Tenho medo de falar agora.

— Você nunca teve medo de nada, Zonar.

— Não das coisas que posso ver, mulher encantadora — ele respondeu para Fenny, com as costas voltadas para a janela.

— Você não vê o amor quando olha para essa moça? — ela perguntou suavemente.

— Quero o amor quando olho para essa moça — ele murmurou. — Mas eu me pergunto se ela sabe o que é o amor.

Íris sabia que ele estava falando de Colette, por isso resolveu ir se deitar. Levantou-se da cadeira, mas bateu numa mesinha, atraindo a atenção de Zonar.

— Aonde você vai?

— Estou cansada, kyrie. Quero ir me deitar.

Ele examinou o rosto dela, pálido e pensativo. Íris devia ter afastado, sem querer, o cabelo da testa, pois de repente Zonar franziu as sobrancelhas, com ar furioso.

— Onde você bateu a cabeça? — Ele tocou no machucado que ela tinha tentado esconder. — Na praia, enquanto se divertia com meu motorista?

O coração de Íris bateu violentamente, então ele tinha ouvido o que Aquiles lhe dissera diante da porta da cozinha, que não estava bem fechada, conforme ela se lembrava agora. Os olhos escuros a dominaram, furiosos.

— Pensei que pessoas puritanas tivessem integridade e senso do dever — disse ele sarcasticamente. — O que houve com você?

— Estou cansada demais... — Ela tentou se afastar. — Já disse que fiquei muito aborrecida com o que aconteceu com Aleko.

— Divertindo-se com meu motorista enquanto o menino ficava solto por aí, enchendo-se de comida...

Os olhos de Zonar estavam em chamas e de repente ele levantou a mão, como se fosse esbofeteá-la. Ela deu um grito e fugiu, correndo. Ele tentou segui-la, mas Lion o chamou. Sem olhar para trás, Íris subiu a escada o mais depressa que pôde. Quando chegou ao quarto fechou a porta, arfando.

Iria embora de manhã bem cedo. Já não tinha mais razão para ficar lá... tinha chegado a hora de voltar para o Santa Clara. Inesperadamente alguém bateu na porta e ela estremeceu.

— Sou eu, Fenny.

Íris hesitou, depois abriu a porta. Fenny parecia preocupada.

— Lion mandou que eu viesse ver se você está bem...

— Sim. — Íris engoliu em seco, para aliviar o nó que tinha na garganta. — Zonar tinha razão em ficar bravo. Não correspondo à confiança que ele depositou em mim e já resolvi ir embora amanhã cedo.

— Entendo. — Fenny não quis discutir com ela. — Você vai voltar para o convento, não é verdade? Você quer mesmo se tornar freira?

— Sim.

— Apesar de estar loucamente apaixonada por Zonar?

O coração de Íris bateu mais forte e ela pegou na cruzinha que trazia no pescoço, em busca de ajuda. Seus olhos estavam atormentados e, com um murmúrio de simpatia, Fenny afastou-se.

— Vou dizer a eles que você está bem. Não vou contar que você vai embora mas garanto que Zonar não vai deixar que isto fique assim. Os homens da família Mavrakis são teimosos como o diabo e ele não vai encontrar outra governanta como você.

— Como eu? — Íris respirou fundo. — Ele acha que eu estava me divertindo com o motorista, estava na praia, mas Aquiles me seguiu e tentou me violentar. Lutei com ele, mas caí, batendo a cabeça numa pedra. Ele me deixou lá, desmaiada, mas graças a Deus acordei quando a maré subiu.

— Zonar precisa saber disto! — Fenny exclamou. — Deixe que...

— Não, por favor!

Íris estava resolvida a ir embora; não podia ficar, pois Zonar queria se casar com Colette. O que ela sentia era mais forte do que o ciúme. Ela tinha que ficar o mais longe possível dele; tinha que fugir de seus sentimentos, refugiando-se no estado de graça que excluía o desejo por um homem.

— Ele que pense o que quiser — ela pediu. — Zonar não pode ir ao convento... De agora em diante ele não deve mais se aproximar de mim!

— Oh, meu Deus! — Fenny sacudiu a cabeça e se dirigiu para o andar de baixo. Afastou-se como uma aparição encantadora, em busca do calor e da segurança do homem que a amava.

Íris voltou para o quarto frio e solitário... como a capela do Santa Clara, onde rezaria para se esquecer do rosto e do corpo de Zonar Mavrakis, até que se sentisse segura na solidão que se impunha.

Se ao menos pudesse ir embora de uma vez, acabando logo com tudo... Seria possível? O porteiro da noite do Monarch a conhecia e ele poderia chamar um táxi para levá-la à estação, onde talvez tivesse a sorte de pegar o expresso da meia-noite para Londres. Dali seria fácil pegar um trem para voltar ao convento,

Começou a arrumar a mala, colocando as roupas que não tinha usado desde que Zonar lhe comprara os vestidos novos. Pegou o vestido de crepe-da-china, pendurando-o no guarda-roupa, junto com as outras roupas maravilhosas que não ia mais vestir. Depois pôs uma saia e uma blusa simples e, por cima, seu casaco azul-marinho.

Talvez Zonar e sua família ainda estivessem conversando no salão; assim ela poderia sair de casa sem ser vista. Íris gostaria de se despedir de Aleko, mas não podia perder tempo. A escada era acarpetada, de modo que não fez barulho nenhum. Silenciosamente ela atravessou o hall e saiu da casa, com o coração na garganta.

Lá fora, sentiu a brisa fria que vinha do mar que não era nada em comparação com o frio que vinha de dentro dela. A imagem do salão estava muito clara em sua mente. O que estariam conversando agora? Talvez recordações da Grécia... Ela tinha gostado de Fenny e, depois do constrangimento inicial, descobriu que Lion era muito menos amedrontador do que parecia. O amor o abrandou. Mas que espécie de amor Zonar esperava, se chegasse a se casar?

Íris suspirou ao se aproximar das luzes do Monarch, com o cabelo vagamente iluminado pelo brilho das estrelas. Quando entrou no saguão do hotel o porteiro a olhou, surpreso.

— A senhorita? O que está fazendo fora de casa tão tarde da noite?

— Preciso pegar o trem para Londres. Você podia chamar um táxi? — Ela abriu a bolsa, tirando algum dinheiro. O porteiro não quis receber, mas ela insistiu: — Por favor!

— Más notícias, senhorita?

— Mais ou menos. — Ela tornou a tremer por causa do frio que sentia por dentro.

— Esfriou, não é mesmo? — Ele começou a discar. — Seria bom se chovesse um

pouco para molhar os jardins, depois desta seca... ah, é você, Ray? Quer mandar um táxi para o Monarch? Uma moça precisa pegar o trem para Londres. Está bem. Daqui a dez minutos, então? — O porteiro sorriu para Íris. — O táxi não vai demorar. A senhorita não quer se sentar um pouco?

Mas Íris estava inquieta. Alguns hóspedes ainda conversavam no salão e ela se dirigiu para as vitrinas que expunham carteiras para a noite, écharpes e algumas jóias. No cetim branco, havia uma borboleta de brilhantes.

Ilha das borboletas... Voando em busca de suas companheiras, guiadas apenas pelo olfato. Livres para amar, enquanto ela estava de volta para as paredes de pedra e para os votos que proibiam o amor.

Afastou-se da vitrina, mas bloqueando seu caminho estava um homem alto. Prendeu a respiração quando percebeu quem era; sem querer levantou a mão, como se quisesse expulsá-lo de sua frente.

— Aonde você pensa que vai?

— Para o convento... — Seu coração batia com força. — O senhor não pode me impedir.

— Eu a levaria de volta se realmente acreditasse que é o que você quer.

— É claro que quero... tenho que ir!

— Por quê? Você acha que tenho a marca do diabo?

— Há ocasiões em que o senhor se comporta... como o diabo. — Ela começou a recuar até bater numa das colunas de mármore do saguão.

Zonar aproximou-se, prendendo-a com a perna e ameaçando-a com o corpo.

— Como agora, por exemplo? Você está fugindo de mim, ou está tão desesperada para continuar casta que vai pegar o trem da meia-noite?

— Preciso voltar — ela repetiu. — Preciso mesmo.

— Só se for por cima do meu cadáver, bobinha!

Ela estava cada vez mais fraca. Zonar envolveu-a nos braços, carregando-a. Depois levou-a para fora do hotel, passando pelo porteiro que olhava de boca aberta. Uma mecha de cabelo preto caía na testa de Zonar e seus olhos estavam ameaçadores, como os de um tigre se qualquer criatura tentasse roubar sua presa.

— Você vai voltar para casa... mas comigo.

O rosto de Íris estava junto da gola do casaco dele e ela não sentiu mais frio. Agressivamente, mas com certa delicadeza, ele a colocou dentro do jaguar, com um brilho estranho nos olhos. Íris prendeu a respiração, querendo que aquele brilho ficasse para sempre.

— Fenny contou o que eu ia fazer?

— Conheço Fenny. Ela estava com uma expressão que me deixou preocupado, por isso fiquei em cima dela até que me contasse tudo. Imaginei o que você ia fazer: Vir até o hotel para pegar um táxi e tentar tomar o trem da meia-noite. Sabia que, se você estava fugindo de mim sem querer me ver, era porque já não podia confiar em seus sentimentos.

Depois Zonar entrou no jaguar, mas sua mão tremia tanto que ele precisou virar a chave duas vezes para ligar o motor do carro, Íris achou que iam voltar para casa, mas Zonar dirigiu-se para o porto.

— Quero ficar mais um pouco com você. Que noite! Tantas estrelas... Parece que

estão dançando em meu sangue.

Eles passaram pelo porto, depois por vielas sombrias com casas antigas e pelos muros de um castelo em ruínas, de onde saíam árvores retorcidas. Um coelho atravessou a estrada correndo, sendo quase atingido pelo carro.

— Nem sempre podemos nos deter. — Zonar virou a cabeça para olhar para ela.

Pouco depois, saíram da estrada, parando perto de uma pequena ponte. Zonar pôs o braço por cima da direção e ficou olhando em frente por alguns instantes.

— Você me pertence. — Zonar pegou as mãos dela, apertando-as tanto que Íris sentiu as duas alianças, símbolos do amor que ele tinha compartilhado com outra mulher. — Seu lugar é entre meus braços e não vou deixar que você se entregue, com toda a sua doçura, àquele lugar gelado. Não posso! Não quero! Você está me ouvindo?

— Sim, o senhor sempre teve uma voz que é ouvida a quilômetros de distância. — Ela o olhou com certa reserva. — Há uma hora, o senhor gritou comigo porque achou que eu estava namorando seu motorista. O senhor sabe que não foi nada disso, não é?

— Sim... E vou quebrar o pescoço daquele maldito!

— Foi por isso que eu não quis dizer nada.

— Então você sabe o que sinto por você?

— Acho que o senhor talvez me queira porque não pode ter...

— Colette?

Íris sacudiu a cabeça, sentindo que ele apertava suas mãos.

— Quem, então?

— Fenny. Tenho certeza de que o senhor a ama.

— Eu a adoro. Ela é a melhor mulher do mundo. Agradeço por ela ter feito a felicidade de meu irmão. Não poderia desejar uma cunhada melhor. — De repente Zonar abraçou Íris, atraindo-a para junto de seu peito. — Gosto de Fenny como uma irmã, sua bobinha. Mas sou louco por você, como nunca mais fui por nenhuma mulher desde que era jovem. Eu a adoro. Quero você de qualquer maneira. Eu a teria neste mesmo instante se tivesse que provar que você não é uma dessas mulheres insensíveis que se devotam a uma vida virtuosa, satisfazendo-se com isto. Em seu coração, você me quer tanto quanto eu a quero... Vamos, admita de uma vez!

Íris estava séria, mas o rosto de Zonar parecia selvagem, como se o grego primitivo que havia nele estivesse levando a melhor sobre o homem de negócios de boas maneiras. Ele tremia e respirava com dificuldade.

— Sou alucinado por você, menina. Eu vivia tão sozinho, e então você entrou naquela sala do convento e me olhou como está me olhando agora... como se quisesse fugir e ficar ao mesmo tempo. Fique comigo, Íris. Não me deixe ir para o inferno sozinho. Pelos deuses, se você precisa praticar o bem, então cuide de mim!

Ele encostou o rosto no dela. Aquele era Zonar, o grego alto que entrou em sua vida e a desviou do rumo que teria tomado sem hesitar, caso não o ficasse conhecendo.

— Aleko também precisa de você — ele sussurrou. — Você não pode se devotar a nós dois?

Íris acariciou as costas de Zonar, até a base do pescoço, e percebeu que ele tremia. A madre superiora sabia que ela falharia no teste que tornava as mulheres suficientemente fortes para afastar o amor de um homem de suas vidas? Íris sabia que tinha falhado, mas

a felicidade que a invadia dizia que também tinha vencido. Ela beijou levemente o rosto de Zonar, que gemeu.

— Ah, querida, querida, não me deixe para voltar para aquele lugar!

Ela sabia que ele não costumava pedir nada para ninguém e isto a comoveu.

— Está bem, kyrie. Quero ficar com o senhor... eu não queria ir embora, mas pensei que...

— Só há você em minha vida. — Ele a beijou nos olhos, nos lábios, no pescoço. — Ninguém, desde a primeira vez que nos vimos. Você quer se casar comigo?

— Se o senhor me quiser.

— Você não quer? — Ele riu acariciando o cabelo dela. — Diga meu nome, Íris.

— Zonar, meu amor!

— Diga de novo que me ama, Íris.

— Amo-o com todo o meu coração.

— E você vai ficar comigo?

— Todos os meus dias, kyrie.

— E todas as suas noites?

Ela estava sorrindo quando ele a beijou com todo o ardor, com o encantamento por tudo que iriam partilhar no casamento.

"Vá e descubra a que mundo você pertence", tinha dito a madre superiora.

Íris sabia que pertencia a Zonar Mavrakis... e isto era maravilhoso.

******* F I M *******